

Surf

Alma

Gerry Lopez e a Surf Realization 14

Max Medeiros e a soberania havaiana 32

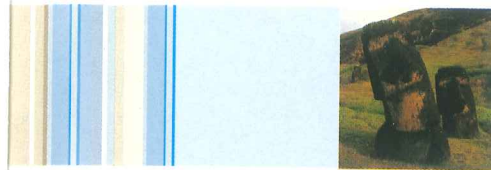
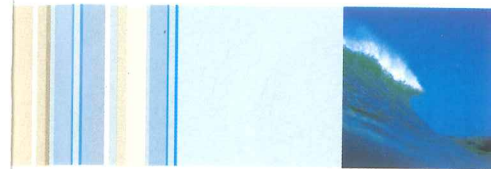
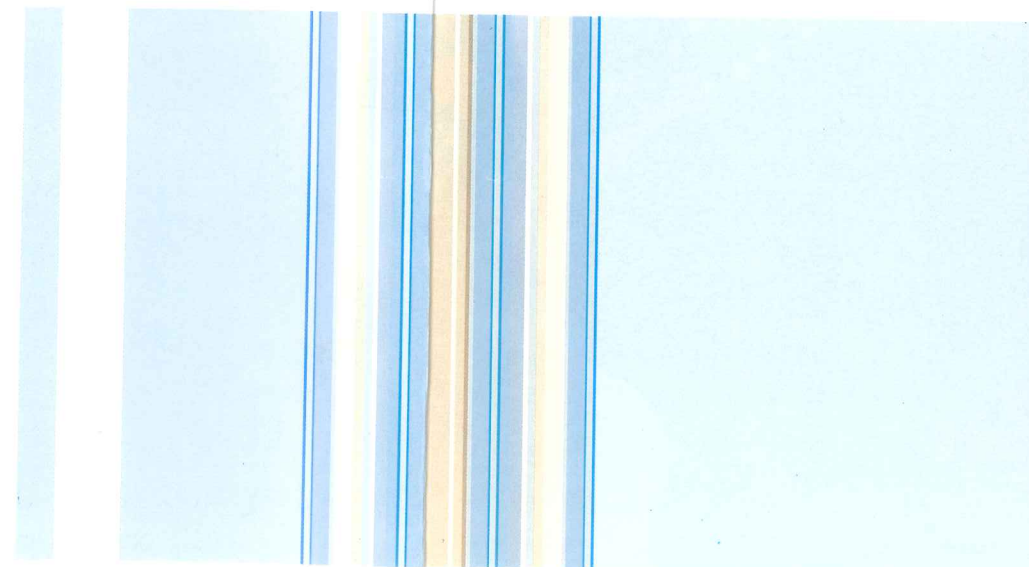
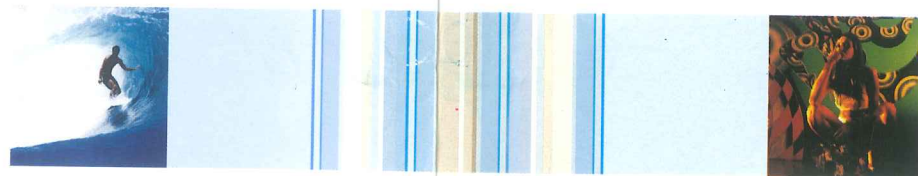
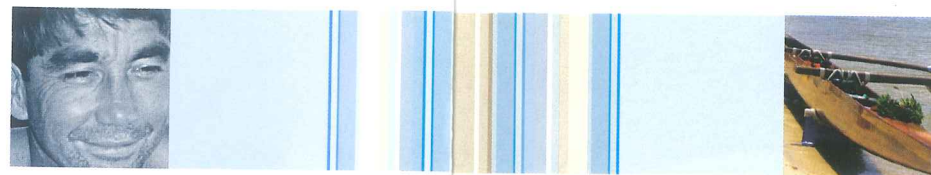
MELHOR ESTILO,

MELHOR COMPORTAMENTO,

GARRA, ATITUDE, MELHOR SURF.

A CONQUISTA!

NECO PADARATZ, CAMPEÃO WQS 2003.

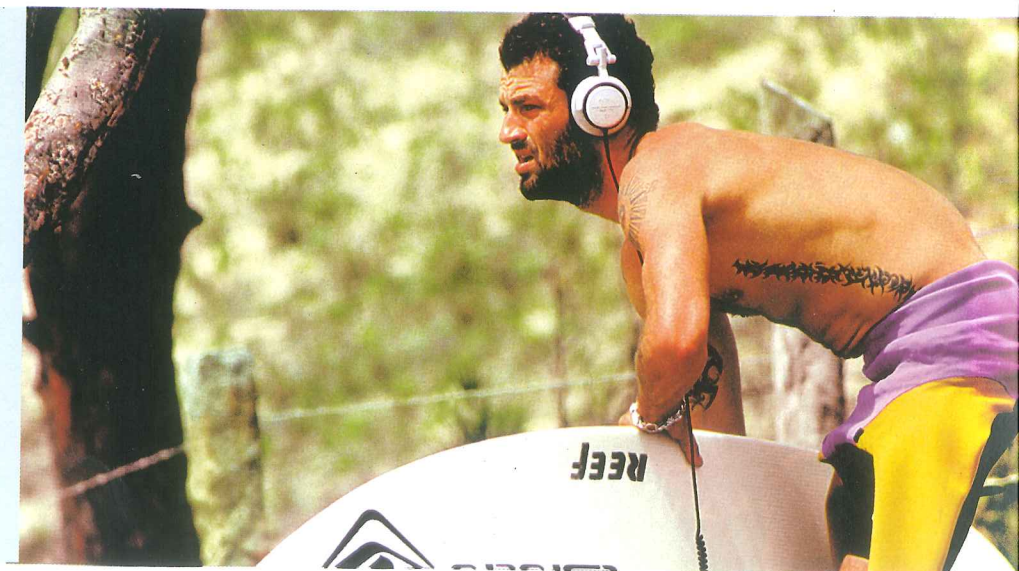


40 México por outros ângulos

58 As lendas da Ilha de Páscoa

74 A história das canoas havaianas

90 Diana: skate surf style



Roni Ronaldo



Quality
Watches



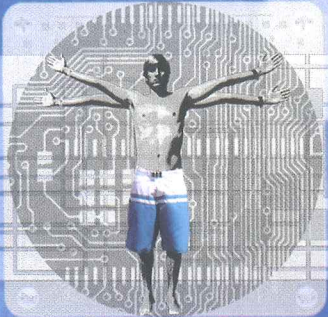
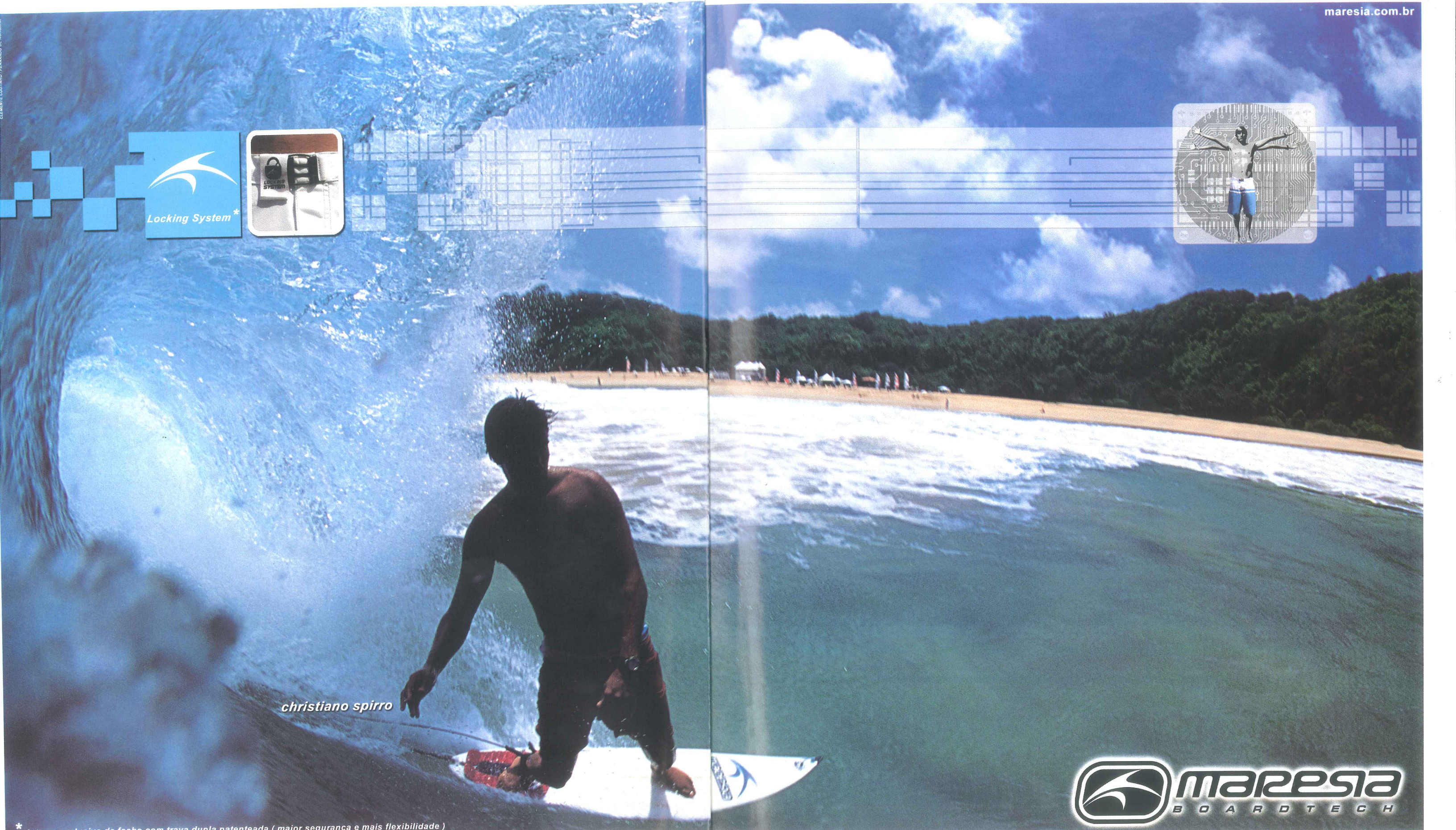
MORMAII

South to South
🌀 *surf e paz* ☮



Indústria brasileira levante esta bandeira

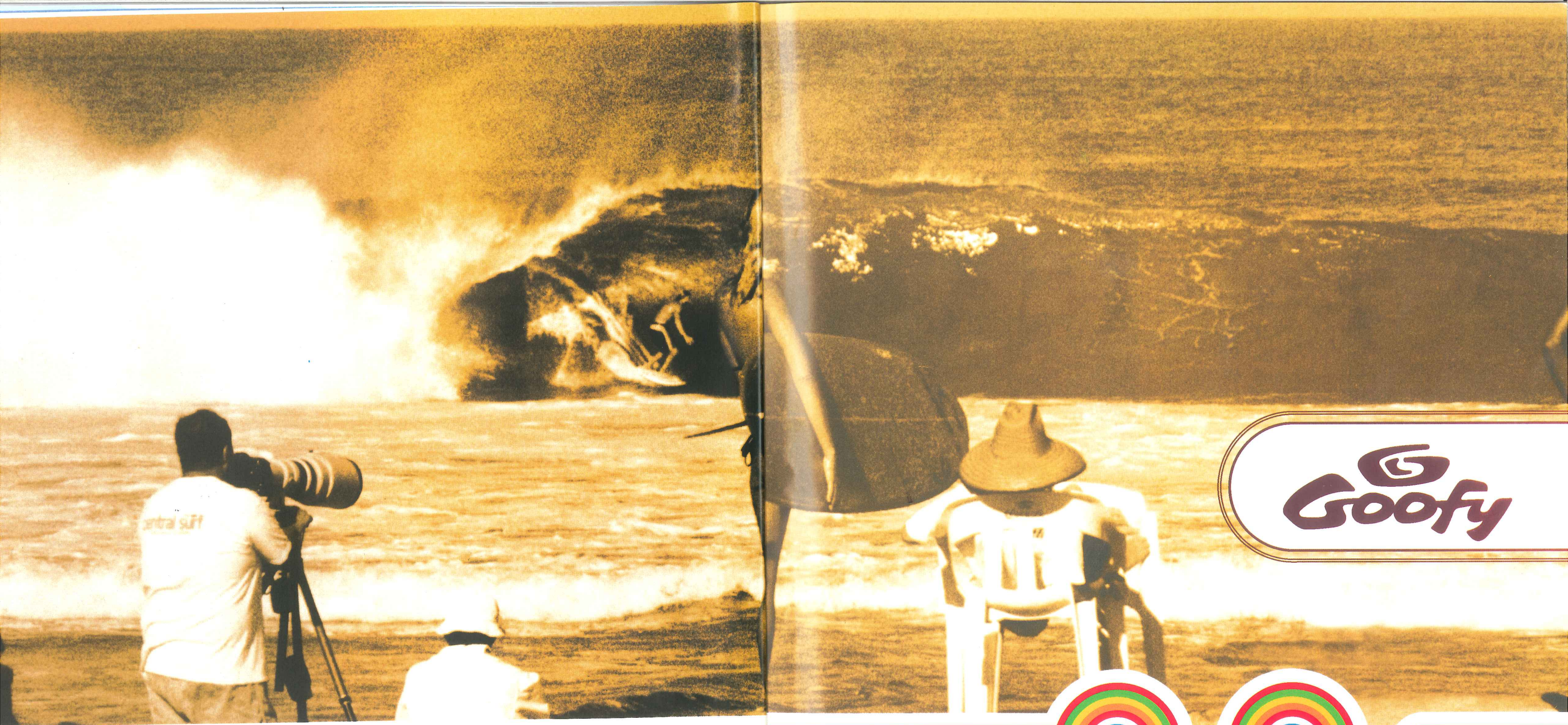
Surf é o esporte, Brasil é o lugar, Paz é o clima, South to South é o estilo !



christiano spirro



* sistema exclusivo de fecho com trava dupla patenteada (maior segurança e mais flexibilidade)



Goofy



Viva a vida surfando



LAGOSTA
CAMARÃO

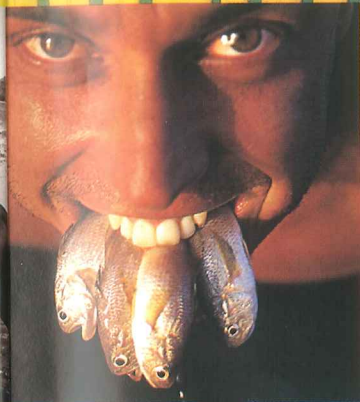
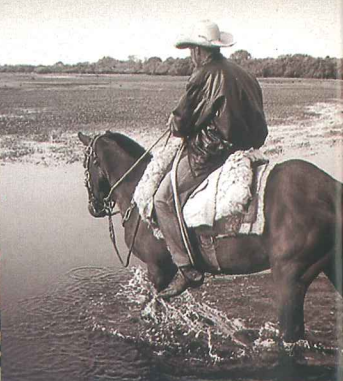


PENSÃO
SÃO JOÃO

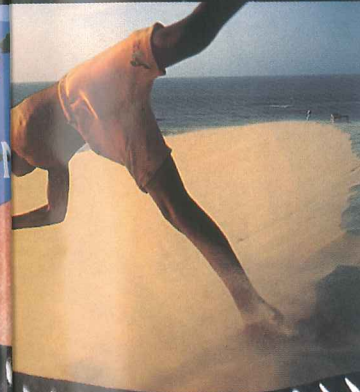


CARTÃO-POSTAL.
O ÚNICO PRESENTE
QUE É MELHOR
MANDAR
DO QUE RECEBER.

havaianas
TREKKING



ARQUIPELAGO
FERNANDO DE NORONHA
BEM-VINDO
WELCOME
WILLKOMMEN
BIEN VENUE



Km 72
FÊ EM DEUS



EMITIDO
POR
EXERCÍCIO/ SERVIÇO
BRAZILIAN AIRLINES
AGCY CONDOMINAS - JUL 1

Bilhete de Passagem e Nota de Bagagem
Sujeito às Condições de Contrato deste Bilhete
DATA DE EMISSÃO

Celebrar a própria felicidade

ESTE EDITORIAL É CHAUVINISTA, PORÉM DIVIDE COM NOSSOS MILHARES DE LEITORES, AMIGOS E IRMÃOS A ALEGRIA QUE MARCA NOSSA CULTURA SOMADA AO FELIZ ENCERRAMENTO DESTA ANO COM TANTAS CONQUISTAS PARA CELEBRAR.

Chegamos ao final de 2003, aferindo crescimentos em todos os medidores de performance de uma proposta editorial que, na contramão do mercado, apostou e aposta no surf como cultura de vida. A operação "Alma Cultural", sob os olhos do nosso associado Fábio Ekizian, se concretiza com inúmeras iniciativas: o lançamento da *Alma Surf #19*, a edição do livro *Fotografias da Alma* de Sean Davey e muitos outros produtos culturais que estarão expostos nas principais lojas de surf do Brasil - que batizamos de "Alma Surf Shops".

A edição #19 da *Alma Surf* é histórica por muitas razões e de obrigatória celebração. Além de presentearmos nossos leitores com o inédito calendário *LuiLui Alma Surf/2004*, reunimos um corpo editorial de peso que reúne colonistas e colaboradores nacionais e internacionais que só vêm a somar em nosso time. Entre eles, destacamos o mestre Gerry Lopez e a Surf Realization Fellowship, Peter Townend e o conhecimento e a observação do surf mundial, nosso guru Mark Lund, as sábias lições de Marcello Árias e a sutileza de Márcia Portes na coluna *Alma Feminina*. Vale destacar também nosso novo time de jornalistas, Juliana Morais e Viviane Paladino, que elevam nossos padrões e inauguram a participação feminina numa produção editorial do segmento.

Ainda queremos dar os parabéns pelo lançamento de uma das maiores produções cinematográficas do surf, o *Billabong Odissey* e mostrar nosso reconhecimento e orgulho para com o co-produtor do filme, e ex-editor fundador da *Alma Surf*, Rosaldo Cavalcanti e seus parceiros, que realizaram este filme maravilhoso, em breve no Brasil.

Enfim, quero dizer que o reflexo que tenho sentido do nosso trabalho, vindo de todas as partes da nossa atmosfera, é a minha maior celebração pessoal. Seja de lojistas a fabricantes, de leitores a colaboradores, de fornecedores a prestadores de serviços, todos mostram sinais de respeito e aproximação com nossa proposta.

Então parem e imaginem a minha energia com este monte de coisas acontecendo. Amor de sobra, amigos, família, mar, Joe Satriani, Jack Johnson, Ben Harper, Maria, Sunset, tow-in, Maresias, Mormaí, Wg, 775, Gul, Stanley, Spy, Osklen, South to South, Vida Marinha, Alfheline, Saquarema, Ibiraquera, Ilhabela, Silveira, Gabriela, Isa, Antonia, Vittorio.....

Mais e mais, sempre melhor...
Medita a vida,
celebre,
dance,
surfe muito em 2004!

Alô
Romeu Andreatta

COSMMOS PRODUÇÃO EDITORIAL
Maria Dias Carvalho

ALMA SURF
Publisher
Romeu Andreatta Filho

Chefe de Redação
Juliana Morais

Projeto Gráfico
Fernando Mesquita

Editor de Arte
Tory Virgili

Assistente de Redação
Viviane Palladino

Revisão
Francisco José M. Couto

Colaboraram nesta edição:

Texto
André Cotrim, Carolina Overmeer, Cristiano Morley, Gerry Lopez, Fernando Oliveira Arantes, Lula Menezes, Marcello Árias, Márcia Portes, Mark Lund, Paul Kennedy, Peter Townend, Renato Faria, Taiu Bueno e Valdir Innocentini.

Fotografia
Ado Henrichs, André Cotrim, Bruno Lemos, Fernando Mesquita, Nilton Barbosa, Paul Kennedy, Pedro Felizardo, Renato Faria, Sean Davey.

Publicidade
Patrícia Barros
pattbarros@almasurf.com.br
Juliane Cateian
juliane@almasurf.com.br

Departamento Financeiro
Maria Dias Carvalho
mcosmmos@uol.com.br

Fábio Augusto Pilch
fabio@almasurf.com.br

Distribuição
Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações

Gráfica
Supergráfica

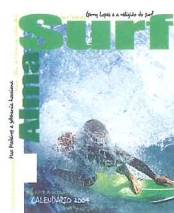
Jornalista Responsável
Juliana Morais
MTB 10128

A revista *Alma Surf* é uma publicação bimestral da *Cosmos do Brasil Produção Editorial Ltda.*
As matérias publicadas não refletem necessariamente a opinião da revista e sim a de seus autores.

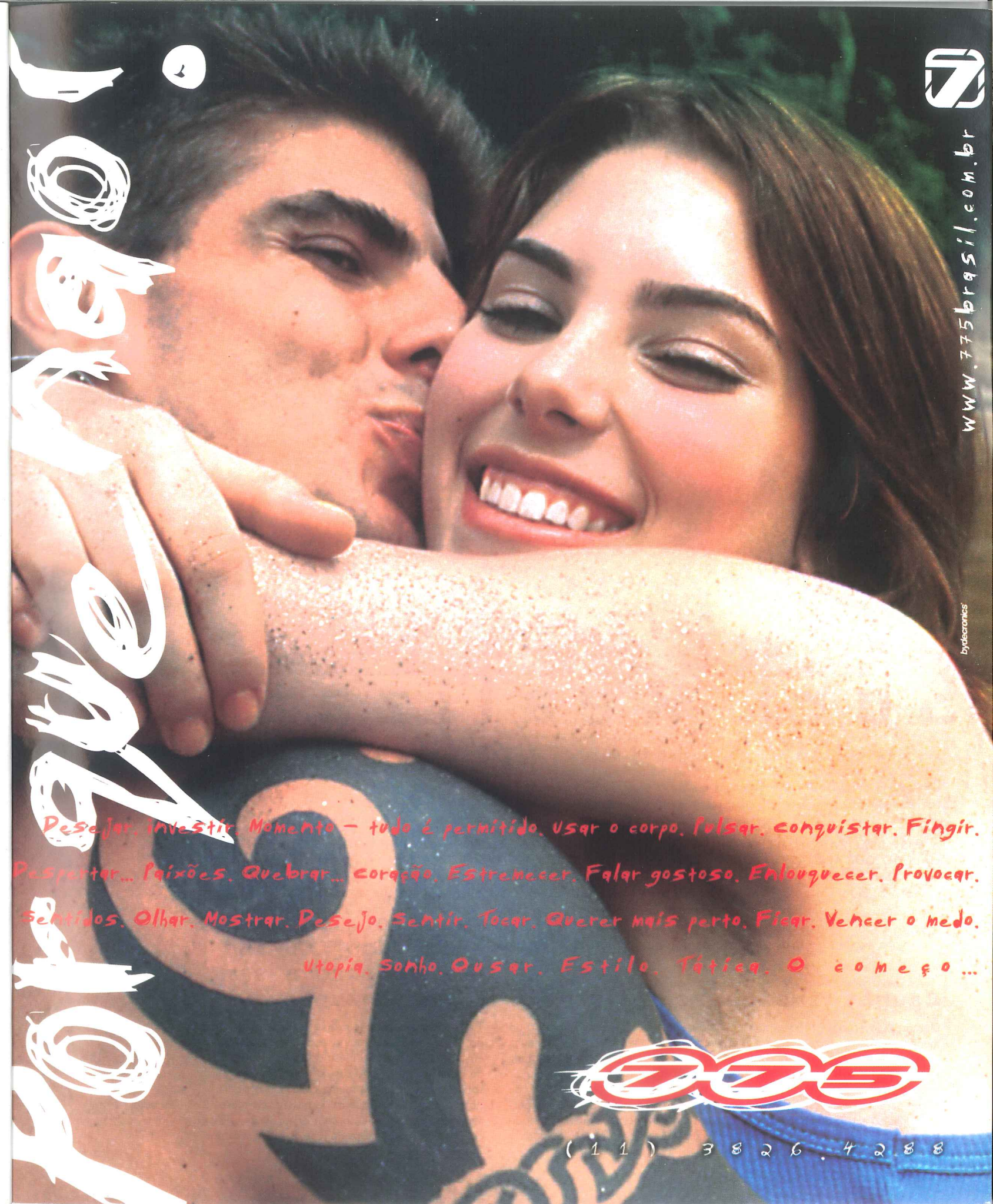
Alma Surf Cultural
Diretor associado
Fábio Ekizian
ekizian@almasurf.com.br

Correspondência:
Rua Dr. Fonseca Brasil, 295
Morumbi - São Paulo - SP
CEP: 05716-060
Telefone: (11) 3744-3711
e-mail: almasurf@almasurf.com.br
www.almasurf.com.br

Para assinar:
(11) 3744 1668
assinatura@almasurf.com.br



NECO PADARATZ FOTO SEAN DAVEY



*Desejar. Investir. Momento - tudo é permitido. Usar o corpo. Pulsar. Conquistar. Fingir.
Respeitar... Paixões. Quebrar... coração. Estremecer. Falar gostoso. Enlouquecer. Provocar.
Sentidos. Olhar. Mostrar. Desejo. Sentir. Tocar. Querer mais perto. Ficar. Vencer o medo.
Utopia. Sonho. Ousar. Estilo. Tática. O começo...*



(11) 3826.4288





Surf Realization

by Gerry Lopez

TRADUÇÃO MARK LUND

A SURF REALIZATION FELLOWSHIP É UM TIPO DE ORGANIZAÇÃO FORMADA POR AQUELES QUE SENTEM QUE SURFAR PODE SER MAIS DO QUE APENAS O ATO FÍSICO DE PEGAR UMA ONDA. MUITAS VEZES A SATISFAÇÃO MENTAL E A SENSAÇÃO DE REALIZAÇÃO SÃO RESULTADOS DIRETOS DESSE ATO. Certas vezes a sensação de estar em contato direto com os elementos naturais do mar provoca um efeito profundo em nossa mente. Quanto mais isso acontece, mais evidente fica, até chegar ao ponto de não precisarmos mais de provas. Deveríamos viver em função desses momentos, e dar uma pausa para saboreá-los, pois cada um deles significa a verdadeira alegria de surfar e de viver. Em algumas das várias experiências extraordinárias e até espirituais que já tive espero mostrar que as lições que o surf nos oferece são muito sublimes e mais significativas do que aparentam ser em uma primeira análise. Vou contar uma delas...

Caught inside mais uma vez...

Durante o inverno de 1980 eu me senti como se estivesse sentado no topo do mundo. Após ficar uma primavera e um verão inteiros resolvendo uma batalha litigiosa que envolvia a Lightning Bolt, assumi a posição de diretor de Marketing de uma nova empresa, chamada Pipeline. Naquela época, meu amigo John Porter e eu havíamos acabado de finalizar a construção da nossa casa de praia, de frente para Pipeline. Estávamos curtindo de camarote aquele lugar de surf perfeito. Mas eu estava atuando no cinema nesse momento e tinha que largar aquilo tudo para contracenar com Arnold Schwarzenegger em *Conan, o Bárbaro*.

Tudo parecia conspirar a meu favor, porém a vida deu um jeito de me surpreender quando eu menos esperava. O Pipe Masters estava acontecendo, e eu teria que viajar no mesmo dia de minha bateria. Estava rolando um swell de oeste, perfeito para Pipe. Vi que os ventos sopravam de sudeste, ou seja, totalmente terrais. Na minha cabeça, não podia haver uma despedida melhor do que aquela para quem iria passar seis meses filmando na Espanha. Caí na água para competir junto com Brian Bulkley, nosso vizinho e, entre os menos conhecidos, um dos tops de Pipe. Para ele o campeonato significava muito, mas

para mim, era mais uma brincadeira, pois só participaria de uma bateria antes de partir. Apesar de eu não estar levando tão a sério, tubos de 8 a 10 pés em Pipe, especialmente quando estão vindo de oeste, não são tão banais assim. Era um swell lindo, e comentei com Brian que nós dois iríamos pegar muitas ondas, pois as condições estavam perfeitas. Desejei boa sorte para a bateria e para todo o campeonato que ele seguiria. Ficamos no line-up, esperando a buzina-da que daria o pontapé inicial. Parecia que o surf estava subindo, mas cada série entrava ainda mais limpa e linda. A bateria começou, e tanto Brian quanto eu nos sentíamos confortáveis com as condições, pois estávamos no quintal de casa. Pegamos boas ondas. Naquele momento eu estava liderando a bateria, com Brian em segundo, quando um set apareceu no horizonte. Eu tinha a preferência, e estava de olho numa onda perfeita que vinha. Brian, sentado ao meu lado, me surpreendeu pedindo para deixar a onda para ele, justificando que uma boa naquele momento poderia garantir a sua carreira, e que eu já não precisava dela tanto quanto ele. Era impossível recusar um pedido daqueles. Puxei o bico da prancha, e mandei ele ir. Foi realmente uma ótima onda, e sentei por um momento para ver ela entrar. Eu podia ouvir a multidão berrendo, e sabia que ele deveria estar fazendo exatamente o que eu teria feito: dropar, entubar e sair com a baforada.

De repente, avistei uma série ainda maior no outside. Pensando que essa era a chance de pegar uma onda maior, remei em direção ao fundo para me posicionar. Passando a próxima onda, percebi que logo entraria a maior série de todas, então remei bastante, mas fui ficando muito no inside, sem chance de pegar a próxima. Na verdade, eu estava remando para sair da frente dela. As séries maiores tinham entrado com talvez 10 pés, crescendo para 12 e chegando a 15 ou mais. A essa altura, eu estava remando com tudo. Porém, quando a face desse monstro levantou, continuou a crescer. Deve ter chegado a uns 20 pés quando jogou o lip, e eu ainda estava na metade da face. Tentei dar um joelhinho, mas a onda era muito grande e poderosa, e eu não conseguia penetrá-la; de fato, eu sentia que estava subindo em um elevador. Ainda na face da onda, eu estava dentro dela, mas não tinha como ir mais fundo. Comecei a subir cada vez mais até sentir que estava flutuando. Em seguida passei a descer; não com velocidade, mas com a sensação de que estava afundando. Fui mais e mais para o fundo. Sabia que tinha remado até mais ou menos o segundo reef para encontrar essa onda, porém agora ela me tinha nas suas garras. Quanto mais para o fundo, mais escuro ficava. O curioso é que até aquele momento nada tinha sido muito violento.

Deve ter chegado a uns 20 pés quando jogou o lip, e eu ainda estava na metade da face. Tentei dar um joelhinho, mas a onda era muito grande e poderosa, e eu não conseguia penetrá-la.

Dava para ver, com base na pressão dos meus ouvidos, que eu estava uns 20 pés abaixo da linha d'água. Passou pela minha cabeça que talvez eu estivesse tão no fundo que daria para escapar da chacoalhada. Porém, logo entrei na fase "enxaguar" de uma máquina de lavar. Foi a tempestade mais brava da minha vida inteira. Fui jogado para todos os lados como um boneco, enquanto lutava para manter a noção de direção. Numa vaca dessas é muito importante lembrar de que lado fica a superfície. Se perder essa noção, é provável que em vez de nadar para cima você nade para baixo, complicando as coisas ainda mais; principalmente quando está acabando o ar. Não perdi a noção, mas de nada adiantava, pois a chacoalhada não diminuía. Até hoje me pergunto como é que uma onda pode ser assim violenta tão abaixo da superfície. Era como se eu estivesse nas mandíbulas de um enorme cão raivoso. Cada vez que tentava escapar, a onda me pegava de novo, me puxava para o fundo, e tudo parecia começar novamente.

A essa altura eu estava começando a ficar desesperado. Mas de nada adiantava, pois não conseguia me soltar. Fui puxado e repuxado para baixo. Estava ciente de onde ficava o ar, mas sem condições de chegar até ele. Nesse momento comecei a me lembrar de um sonho. Olhei para baixo, e vi nitidamente meu corpo rolando pela espuma. Na hora eu sabia o que estava acontecendo. Graças aos meus conhecimentos de ioga, sabia bastante sobre experiências fora do corpo, e percebi que estava no meio de uma delas. Sempre ficava intrigado quando os iogues descreviam viagens astrais, e também já havia lido matérias de pessoas comuns que descreviam suas experiências fora do corpo quando estavam morrendo. Aqueles que voltaram, falaram que se sentiram flutuando no teto, e daí desceram e voltaram para o corpo, e então retomaram a consciência. Naquele instante, eu sabia que conseguiria fazer aquilo, e mergulhar de volta no meu corpo.

Não sei como explicar o que se seguiu, a não ser dizendo que de repente eu estava cheio de energia e revitalizado. Em poucos segundos me senti forte novamente, e escapei da força da onda nadando facilmente até a superfície. Coloquei a cabeça para fora da água bem no instante em que estourou a segunda onda em cima de mim. Obviamente, nem consegui respirar direito, e dessa vez a chacoalhada foi maior do que a anterior. No entanto, curiosamente, dessa vez eu me sentia mais forte, no controle da situação. Nesse momento, relaxei, e não tive problema em levar a surra que essa segunda onda me deu.

Quando emergi das profundezas, já no inside, vi o salva-vidas Brian Kealana procurando por mim desesperadamente. Ele tinha me visto tomar a primeira na cabeça, e não me vira subir antes da segunda, que passou por cima do lugar onde desapareci. Ele estava a uns 100 metros de onde a primeira onda havia me acertado, e agora eu surgia uns 50 metros mais para o inside do que ele. Ou seja, eu tinha sido arrastado uns 150 metros debaixo da água pelas duas ondas. Naquela época, o Brian estava começando a sua carreira de salva-vidas, e de lá para cá se tornou um dos melhores do mundo nessa área. Não acreditou quando berrei para ele do inside, e que eu estava bem.

Nadei até a praia, catei a minha prancha e voltei para o line-up, onde peguei várias outras ondas antes de a minha bateria acabar. Eu queria ter tido mais tempo para analisar o que tinha se passado lá fora, mas era muito jovem e simplesmente cataloguei o episódio como sendo mais um wipe-out em Pipe. Infelizmente, parte da nitidez e das cores dessa experiência se apagou, mas mesmo assim o seu significado ficou comigo a vida inteira. Nunca vou esquecer aquela sensação de ser abastecido com uma força e um poder que chegou na hora em que precisei, e que me permitiu dizer: "Sobrevivi mais uma vez!".

Ser pego no inside é uma coisa tão comum no cotidiano do surf que se torna uma metáfora perfeita para lidar com qualquer tipo de adversidade; seja dentro ou fora da água. Obviamente, qualquer lição tomada na água tem sua aplicação uma vez que a gente alcança a praia. Hoje, vivemos num mundo civilizado, em que situações de "vida ou morte" são mais comuns. Isso é uma coisa boa, pois são esses momentos críticos, que passam na frente dos nossos olhos, que nos dão a oportunidade de enxergar nosso eu interior. E é nesse eu interior que estão todas as repostas para sermos felizes e vivermos sem dor nem sofrimento. O problema é que às vezes esse eu é enterrado pelo ego, pelos sistemas de crenças, ou pelo fato de pensarmos muito no passado ou no futuro, e não no aqui e agora. Momentos de "surf realization" estão aí para nos lembrar de nosso verdadeiro potencial. E se for por esse motivo que surfamos, isso é ótimo, porque nos dá muito mais razão para surfar. Com certeza a vida é boa, é linda, e se torna ainda melhor com o surf.

Floripaexperience

POR MARK LUND

CONFESSO ESTAR UM POUCO DESCONCERTADO ENQUANTO SENTO NA FRENTE DO MONITOR PARA ESCREVER ESTA COLUNA. CREIO QUE NUNCA MAIS SEREI O MESMO, DEPOIS DA EXPERIÊNCIA CHOCANTE DE VIVENCIAR A FALTA DE LUZ EM FLORIANÓPOLIS DURANTE O WCT! Não fiquei chocado por causa da falta de eletricidade, mas porque começo a entender o verdadeiro significado daquilo que os meus pais repetiam quando eu era criança: "Não sente perto da TV!". É uma questão energética, é isso! Uma diferença entre o que os havaianos antigos entendiam como energia e o que a nossa sociedade movida a eletricidade entende. Depois da "Floripaexperience", começo a desconfiar do quanto a primeira forma de energia pode ser benéfica e a segunda, maléfica.

A Floripaexperience, para quem não sabe, refere-se às 46 horas contínuas sem energia elétrica na ilha de Florianópolis. Essa experiência trouxe uma espécie de magia para a maioria das vítimas. Quantas pessoas já não passaram um tempão vivendo numa cidade sem sentir o efeito da eletricidade? Nós, ao contrário, vivemos há tantos anos com a eletricidade ao nosso redor, que nem sabemos mais se, em termos físicos, isso está nos fazendo bem ou mal. Passei a pensar nisso quando me dei conta da sincronidade dos fenômenos, que por si só são fenomenais e que, quando coincidentes, se tornam mais fenomenais ainda. Pense bem.

Rolaram simultaneamente naquela semana em Floripa ventos anormais com eventos anormais. Pelo fato de eu ter sido contratado pela Nova Schin para ser consultor em assuntos surfísticos, estive sempre perto do centro nevrálgico do campeonato. Ouvei o Avelino (Bastos) argumentar que ventos como aqueles, que obrigaram o campeonato a tornar-se nômade, eram muito raros em Florianópolis. Por ser uma raridade, isso já me chamou a atenção, pois os xamãs dizem que as eventualidades raras geralmente são os arautos de algo sublime no ar. Imaginem então a conjunção dessas eventualidades naquela ilha reconhecidamente mágica?

No sábado, antes da segunda-feira que daria o pontapé inicial ao evento, ocorreu um vendaval tão

forte, que arrancou o telhado inteiro do restaurante que ficava ao lado do monumental palanque do WCT. O telhado, segundo a organização do evento, voou por cima do palanque e caiu do outro lado, entre a estrutura dos juízes e o poste principal de força. Naquele momento agourento, o vento e a eletricidade começaram a se pegar na porrada! Naquele segunda-feira, o vento, que continuava frio e forte, não deu trégua, e tivemos que permanecer aglutinados no QG do evento, esperando notícias... "Vai rolar hoje?" era a pergunta que se repetia, enquanto os publicitários esperavam uma brecha para poder subir seus banners e blimps. Nada feito. Na terça, devido ao vento, fomos para a bucólica praia da Silveira, onde o Kelly arrepiou. Na quarta, o tempo abriu um pouco, mas o vento não deu mole, e nós – nômade – fomos parar no morro das Pedras.

Estava eu trocando uma idéia com o hexacampeão mundial quando Avelino chegou sorrindo (merecidamente orgulhoso por ter previsto um gerador), anunciando que a ilha inteira tinha acabado de entrar em blecaute. Demos risada por não sabermos o tamanho do swell que entraria naquele dia, e um miniapocalipse foi se instalando lentamente sobre a ilha como uma nuvem negra. Naquele noite, enquanto jantávamos no hotel, conversamos sobre as adversidades que estavam rolando. Eu soube que a banda Concrete Blonde, aguardada para tocar no show, não havia conseguido decolar de Los Angeles, pois um incêndio tinha deixado tanta fumaça no céu que o aeroporto LAX havia fechado. O responsável pela produção do evento, depois de enumerar todos os prejuízos causados pelo vento e pela falta de luz, comentou que não poderia acontecer mais nada. No mesmo instante, o Occy (Occhilupo) entrou no restaurante gritando que o hotel estava pegando fogo. Parecia uma pegadinha do Faustão, mas ninguém se mexeu. Occy estava alarmadíssimo, pois tinha acabado de tirar o seu filho bebê, Jay, do quarto em frente ao do Mick Fanning, de onde saía uma fumaça preta e tóxica. Ninguém sabia onde Mick estava. Será que ele ainda estava lá dentro? As velas acesas haviam caído e a explosão da televisão causara todo o estrago, mas ninguém havia se ferido, e o fogo foi controlado rapidamente.

Quinta. O vento ainda bombava irado, mas nada do swell gigante que esperávamos na Joaca. Depois de muitas reuniões, foi declarado um day off. Com tanto vento e tanta zica rolando juntos, eu já estava com o cabelo em pé e começava a desconfiar de que tinha algo mais acontecendo, além do que estávamos presenciando. Na sexta, no palanque da Joaquina, durante a expression session improvisada, comentei minha dúvida com Tiago Brant, apresentador do SporTV que se mudou há cerca de um ano para a ilha. Refletindo sobre minha suspeita, ele me disse algo muito interessante: "Tem uns cachorros que desde que cheguei em Floripa não me deixam dormir. De quarta

woody's

Bruno Lemos

rodrigo "monster" resende

valcena

cannon
(11)6128-6868/6965-1492

para cá, eles pararam de latir". Sabendo que os animais são mais sensíveis do que nós, nos questionamos se a eletricidade causava inquietude nos vizinhos caninos do Tiago e se a falta de ondas eletromagnéticas no ar havia devolvido a paz a eles.

Comecei a perguntar a opinião de outros sobre a estranha seqüência de eventos, e fiquei pasmo ao ouvir das pessoas que "dormiam melhor" e "se sentiam melhor" desde o blecaute. Uma pessoa comentou: "Repare como as pessoas conversam mais e dão mais atenção umas às outras, sem as distrações televisivas e dos celulares". Outra lembrou que o megaevento da informática que ocorria em Floripa na mesma semana que o WCT tinha sido detonado pela falta de energia, enquanto o nosso evento, que dependia da energia natural contida nas ondas do mar, podia continuar independentemente de ter luz. Tudo verdade.

"O NOSSO AMBIENTE ESTÁ CONSTANTEMENTE POLUÍDO POR APARELHOS QUE EMITEM FREQUÊNCIAS E ONDAS ELETROMAGNÉTICAS QUE PODEM NOS TIRAR A SENSIBILIDADE MAIS FINA, NOS DEIXANDO, DE CERTA FORMA, SENSORIALMENTE PREJUDICADOS E, NUM PLANO EXTRA-SENSORIAL, QUASE CEGOS."

Um outro ponto de vista veio do Claudiones (Cláudio Martins, organizador da feira Surf & Beach e um dos fundadores da *Fluir*): "O nosso ambiente está constantemente poluído por aparelhos que emitem frequências e ondas eletromagnéticas que podem nos tirar a sensibilidade mais fina, nos deixando, de certa forma, sensorialmente prejudicados e, num plano extra-sensorial, quase cegos". Um engenheiro eletrônico me confessou ter percebido que as dores do lado direito da sua cabeça, que o vinham afligindo há tempos, haviam sumido nos três dias sem o celular.

No entanto, o consenso da maioria das pessoas era: "A vida sem eletricidade é um caos". Outras, talvez mais sensíveis, ecoavam o oposto: "Será que a eletricidade é nociva à vida?". Quem vive perto dos cabos de alta tensão, olhando diariamente para a placa "Perigo" pontuada pela caveira, que nos diga: será que a presença de uma energia artificial é incompatível com a presença da energia natural que nos sustenta, a qual os havaianos chamavam de *mana*, que vive no ar e no vento e que, traduzida, significa "força vital"? Gandhi falava de uma força semelhante vinda do prana, o termo indiano para *mana*, que ele canalizava na forma de *satyagraha*: a força da alma.

O vento parou, e o evento continuou, acabou, e Floripa voltou à sua vida normal. Mas será que aquela semana mágica, porém conturbada... conturbada, porém mágica, tinha algo agoureiro a nos dizer sobre as energias? Será que existe uma energia e uma antienergia, da mesma maneira que existe a matéria e a antimatéria? Se o assunto o interessar e você tiver um tempinho nestes dias corridos de hoje, reflita sobre essa Floripaexperience. Quem sabe o prazer de acampar esteja não só na proximidade com a natureza, mas também provenha de estar longe dos efeitos colaterais da eletricidade...

• Mark Lund é nosso pensador de surf religião, surfista e proprietário do Legends, em Maresias.

RICK BRUNHARD

**IRADO
ATÉ DENTRO D'ÁGUA**



ARMAÇÃO: Grilamid TR-90X, altamente resistente, durável, extremamente leve, anatômica, hypoalergênica e flexível.



LENTES: Policarbonato com proteção UVA/UVB, descentrada e tecnologia WATERCOATING que repele a água.



Feixo: Cinta de nylon com regulador de borracha, ajustável e segura, conforto total nas manobras mais radicais.

GUL
SUNGLASSES
WWW.GUL.COM



A v e l o c i d a d e d o s w e l l

POR VALDIR INNOCENTINI E FERNANDO OLIVEIRA ARANTES

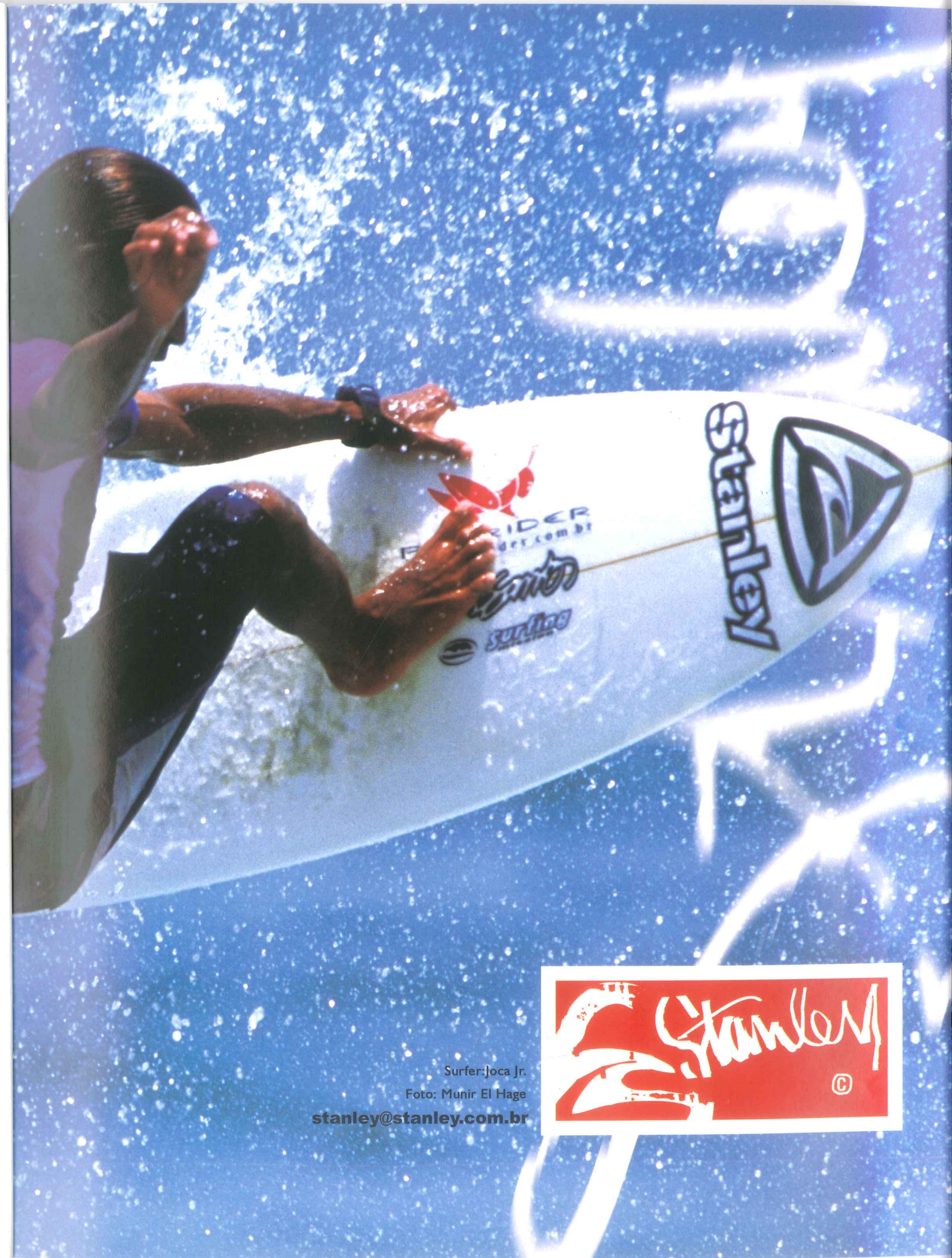
EM OUTUBRO DE 1999, UMA INTENSA AGITAÇÃO MARÍTIMA EM FORMA DE SWELL, COM PERÍODO DE 20 SEGUNDOS, ATINGIU O ARQUIPÉLAGO DE SÃO PEDRO E SÃO PAULO, DESTRUINDO PARTE DAS INSTALAÇÕES QUE A MARINHA DO BRASIL MANTINHA EM APOIO A UM PROJETO CIENTÍFICO. Posteriormente verificou-se que esse swell havia sido gerado no extremo norte do Atlântico, onde apresentava altura superior a 14 metros. Quando chegou ao arquipélago, sua altura já havia sido reduzida para pouco mais de 3 metros, mas ainda tinha força suficiente para causar enorme destruição.

O swell é o produto final de uma seqüência de processos físicos que atuam cooperativamente em rede. Origina-se a milhares de quilômetros e viaja por vários dias antes de chegar à costa e se tornar surfável. Vamos descrever de uma forma simplificada os processos nele envolvidos.

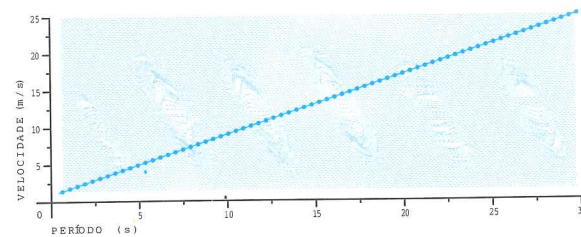


FOTO: SEAN DAVEY

A FOTO AO LADO EXIBE UM TREM DE ONDAS, COM DISTÂNCIA BEM DEFINIDA ENTRE AS CRISTAS. TAIS ONDAS, CONHECIDAS POR SWELLS NOS PAÍSES DE LÍNGUA INGLESA E POR MARULHOS EM PORTUGUÊS, GERALMENTE TÊM UM PERÍODO COM DURAÇÃO DE 10 A 15 SEGUNDOS (É O TEMPO ENTRE A PASSAGEM DE DUAS CRISTAS CONSECUTIVAS). SE INCIDIREM EM UMA COSTA COM CONFIGURAÇÃO FAVORÁVEL, PODERÃO QUEBRAR E ORIGINAR TUBOS MARAVILHOSOS PARA A PRÁTICA DO SURF.



Surfer: Joca Jr.
Foto: Munir El Hage
stanley@stanley.com.br



Tudo começa com a energia que o Sol irradia sobre nosso planeta. Devido à forma esférica da Terra, a energia irradiada pelo Sol é mais concentrada sobre uma superfície próxima ao equador que próxima aos pólos. A natureza, que não gosta de energia desigualmente distribuída, reage, tentando corrigir a deficiência, redistribuindo o calor por meio de algum mecanismo físico. Existem três formas de transmitir calor entre duas regiões: 1) condução – ocorre em um meio sólido, entre moléculas; 2) radiação – ocorre por propagação eletromagnética; e 3) convecção – ocorre em líquidos e gases por meio do deslocamento de porções de matéria.

Devido à má distribuição de energia, as massas de ar próximas ao equador se tornam cada vez mais quentes, e mais frias próximas aos pólos. Para equilibrar a distribuição de energia, a atmosfera se organiza em vórtices, com o vento apresentando movimentos horizontais circulares em torno de centros de baixa e de alta pressão atmosférica, onde as massas frias migram em direção ao equador para buscar calor, e as quentes para os pólos para levar calor. Em torno desses centros, os ventos de superfície se intensificam para adquirir maior eficiência no transporte dessas massas.

Esses fenômenos meteorológicos, conhecidos como ciclones e anticiclones extratropicais, geralmente ocorrem em latitudes maiores que 40°. Próximo à superfície formam-se regiões extensas, chamadas *fetches* ou *pistas*, com ventos entre 15 e 20 metros por segundo, soprando intensamente por vários dias. Sobre essas regiões o mar torna-se revolto, e ondas com períodos de 1 a quase 30 segundos se formam devido à ação do vento. O conjunto das ondas geradas é

chamado espectro de ondas. Os períodos selecionados para absorver maior quantidade de energia dependem das características do vento, tais como velocidade, duração e dimensão da pista. É importante lembrar que maiores períodos nem sempre correspondem a ondas mais altas. Ao se propagarem, as ondas escapam da zona em que são geradas e mesmo que alcancem regiões sem ventos, continuam a se propagar por quilômetros.

A VELOCIDADE DE PROPAGAÇÃO DE CADA ONDA DEPENDE DO SEU PERÍODO, CONFORME VALORES APRESENTADOS NA FIGURA AO LADO, COMPUTADOS PARA ÁGUAS PROFUNDAS. Como as velocidades de propagação das ondas são diferentes, elas se separam. Note pelos valores apresentados na figura que ondas com maior período, por terem maior velocidade, deixam as outras com menores períodos para trás. Vale lembrar, que mesmo após viajarem milhares de quilômetros, ondas com períodos acima de 12 segundos têm perda de energia insignificante. Por exemplo, o swell vigoroso que chega ao Hawaii, atraindo surfistas de todo o mundo, é gerado nos extremos norte e sul do Pacífico.

Para ilustrar em números, se um ciclone gerar ondas na latitude de 50°, elas viajarão pelo menos 5.556 quilômetros até alcançarem a linha equatorial. Uma onda com período de 15 segundos tem velocidade de 12 metros por segundos e necessitará de pelo menos cinco dias para alcançar o Hawaii. No caso de outubro de 1999, ondas com menores períodos tinham altura próxima a 14 metros lá no Atlântico norte, e ficaram para trás quando escaparam da zona de geração; as que chegaram ao arquipélago de São Pedro e São Paulo tinham maiores períodos e menores alturas (20 segundos e 3 metros, respectivamente).

Enfim, para quem ama o surf e aprecia sua formação, o negócio é ter paciência e, quem sabe, uma boa companhia. Esperar um swell com maior período pode levar tempo, mas não se preocupe, com certeza valerá a pena. Boas ondas...

** Valdir Innocentini atua na área de modelos numéricos de Meteorologia e Agitação Marítima no INPE, em São José dos Campos - SP. Confira as previsões de ondas e textos sobre o mar em www.atlasul.ufsj.br.*



FOTO SEAN DAVEY

vidamarinha



franquias (048) 462-2057
representantes (048) 462-0788

peças e acessórios
www.vidamarinha.com

Este texto é dedicado à nossa mais nova colunista a longboarder Marcia Portes, e a todas as meninas que, como elas, optaram por surfar sempre com um sorriso encantador no rosto.

O ciclo das wahines

POR MARCELLO ÁRIAS

RECENTEMENTE RELI UM LIVRO MUITO INTERESSANTE CUJO NOME É *PASSAGENS – CRISES PREVISÍVEIS DA VIDA ADULTA*⁵. NELE, A AUTORA EXPLÍCITA ALGUNS DOS MOMENTOS CRÍTICOS QUE A GRANDE MAIORIA DAS PESSOAS ATRAVESSA NO DECORRER DA VIDA. ESSAS CRISES SÃO CICLOS IMPORTANTES, EM QUE GERALMENTE SOMOS CONFRONTADOS COM A DURA NECESSIDADE DE FAZER ESCOLHAS, OPÇÕES... TODA ESCOLHA ACARRETA UMA NOVA CONQUISTA E TAMBÉM UMA NOVA PERDA, UMA NOVA RENÚNCIA, O QUE NA MAIORIA DAS VEZES PODE SER DOLORIDO, MUITO EMBORA PATROCINE NOSSA EVOLUÇÃO.

QUANDO AS MENINAS SUR PRESENTES... REALMENTE SE

MEDITANDO SOBRE OS CICLOS DA VIDA E OS MEUS PRÓPRIOS CICLOS, DEVANEI NO DESENVOLVIMENTO DO SURF FEMININO NO MUNDO E NO BRASIL. Creio que a história das meninas surfistas, como todas as outras histórias, também é cíclica e permeada de altos e baixos, conquistas e perdas.

O passado do surf é algo desconhecido por todos nós, ao menos quando se trata do surf primitivo, aquele feito antes do século XX e iniciado provavelmente há milhares de anos, em algum lugar da Polinésia. Porém, os poucos relatos ainda existentes nos concedem uma visão poética dessa nobre arte. Sabemos que o surf era um dos pilares da cultura polinésia e que foi praticado indiscriminadamente por meninos e meninas, homens e mulheres. Muito pouco

sabemos das *wahines* (mulher em havaiano) desse remoto passado^{1,2,4}.

A história das meninas começa a ser mais bem explicitada a partir da consolidação da arte do surf em águas californianas. Lá, por volta dos anos 30 do século passado, algumas mulheres especiais já ensaiavam sua participação ativa na cultura embrionária de nosso esporte. Entretanto, talvez por questões culturais ligadas ao machismo e a preconceitos sociais, muitas delas devem ter sublimado seus desejos surfísticos mais íntimos. Contudo, a Califórnia ainda é um dos poucos lugares do mundo onde podemos observar inúmeras mulheres divertindo-se nas ondas do oceano, inclusive jovens senhoras de 60, 70 anos?! No Brasil, o movimento feminino trilhou um caminho muito mais lento e creio que muito mais árduo para nossas *wahines*. Apesar de algumas heroínas como Fernanda Guerra e Maria Helena Beltrão terem encabeçado um movimento no Rio de Janeiro nos anos 50 e 60³, ele não se solidificou, muito provavelmente por causa das restrições impostas pelo mesmo machismo já comentado anteriormente, agora acrescido e amplificado por uma latinidade muitas vezes perversa em seus precoces julgamentos morais.

Depois dos anos 60, alguns movimentos cíclicos de ressurgimento da causa feminina puderam ser observados. Lembro-me de quando inaugurei a Escola Radical de Santos, uma escola de surf pública. Tive milhares de alunos, e o mais impressionante era que o número de

meninas sempre ultrapassava o de meninos, isso desde 1990, data da inauguração da escola. Entretanto, elas sempre foram mais volúveis, ora apaixonando-se de forma avassaladora pela sublime arte de caminhar sobre as águas, ora sumindo repentinamente por meses, para depois retornarem. Recordo-me de que cheguei a compor uma canção em minha viola, em que comparava as mulheres aos ciclos lunares e às variações das marés e dos swells: "Minha lua mulher... brilha imensa no meio do mar, imersa num mistério qualquer...".

Talvez tenham sido os fatores acima explicitados os responsáveis pelo impedimento da real solidificação da categoria feminina no Brasil. Porém, mesmo de forma modesta as meninas foram deixando suas marcas, pois efetivamente são diferentes dos homens; têm um ciclo mensal. Alteram seu humor e seu comportamento em questão de minutos. Variam com os ciclos da natureza, e é provável que isso as conecte mais intimamente ao oceano. Há indícios de que seus hemisférios cerebrais direito (abstrato) e esquerdo (racional) comunicam-se com mais facilidade, o que as tornaria de fato mais intuitivas e emotivas do que a maioria dos meninos com quem têm dividido as ondas do mar. A singularidade das meninas manifesta-se até mesmo em algumas patologias que somente acometem mulheres esportistas. A tríade da mulher atleta é uma síndrome que envolve distúrbios alimentares, hormonais e comportamentais que costuma atingir as meninas que se esforçam fisicamente em demasia ao tentar aproximar suas marcas esportivas das de seus companheiros masculinos⁷.

Mas uma coisa é certa: o sorriso das meninas no mar é algo encantador! Sorrisos verdadeiros, repletos de mágico encanto e de envolvimento integral. Quando as meninas surfam, realmente estão presentes... realmente se sentem filhas de algo maior!

Contudo, sinto-me confuso quando analiso a situação atual do surf feminino no Brasil. Fico bastante feliz pelo fato de perceber que o atual crescimento dessa categoria aqui parece agora ser irreversível. Muitas coisas boas têm acontecido, e dentre elas posso citar o crescimento do mercado de surfwear feminino, que gera empregos e aquecimento econômico, além da parcial vitória das meninas contra o preconceito que

F A M , R E A L M E N T E E S T ã O S E N T E M F I L H A S D E A L G O M A I O R !

as perseguiu covardemente durante todos esses anos. Porém, preocupo-me quando percebo que algumas dessas heroínas, talvez atordoadas com a nova realidade, começam a perder sua identidade na medida em que se orgulham de ser comparadas aos homens, em vez de se orgulharem de sua feminilidade singular, tão necessária nos line-ups agressivos e mesquinhos dos dias de hoje. Enristeço-me quando vejo algumas belas *wahines*, com somente dois ou três anos de surf, engajarem-se agressivamente na luta pelo estabelecimento de um profissionalismo ilusório, distante, precoce e nefasto (ao menos para algumas categorias, como a de longboard, por exemplo), uma vez que essa atitude tem produzido rivalidades infantis e desagregadoras entre algumas meninas, fazendo-as enxergar o surf somente através de um prisma, a meu ver o mais externo deles, a casca de algo muito mais nobre, sereno, profundo e enaltecido.

Mas, no pesar da balança, ainda sou otimista e acredito que a derradeira conquista das ondas pelas meninas trará um pouco mais de paz, amizade e tolerância para o seio desse esporte que tanto amamos. Creio que a essência matriarcal das meninas de fato pode acolher o verdadeiro espírito do surf em seus ternos braços e devolver-lhe ao menos parte de seus nobres ideais pretéritos, ou seja, confraternização verdadeira, amizade sincera e diversão descompromissada.

Aloha, wahines... sejam bem-vindas!

Referências bibliográficas

1. Finney, Ben & Houston, James.D. *Surfing – A History of Ancient Hawaiian Sport*. Pomegranate Artbooks. San Francisco, 1995.
2. Gabbard, A. *Girl in the Curl – A Century of Women in Surfing*. Midas Printing, Hong Kong, 2000.
3. Gutemberg, Alex. *A história do surf no Brasil*. Grupo Fluir, Editora Azul. São Paulo, 1989.
4. Kampion, Drew & Brown, Bruce. *Stoked – Uma história da cultura do surf*. Benedikt Taschen Verlag GmbH. First published by General Publishing Group, Inc. Los Angeles, 1998.
5. Sheehy, Gail. *Passagens – Crises previsíveis da vida adulta*. Francisco Alves Editora, 15ª edição. Rio de Janeiro, 1991.
6. "The 25 most influential surfers of all time." *Surfer Magazine*, 40th Anniversary, 40:10. October, 1999.
7. Yeager, K. K.; Agostini, R.; Nattiv, A.; Drinkwater, B. "The female athlete triad: disordered eating, amenorrhea, osteoporosis." *Medicine & Science in Sports & Exercise*, p. 775-777, 1993.



Espírito mahalo

POR MÁRCIA PORTES

Olá! Estas são as minhas primeiras palavras neste extraordinário veículo de mídia. Sinto-me honrada e agradecida por pertencer a esta equipe agora. Quero poder ser a porta-voz das Almas Femininas dentro deste universo que tanto nos tem seduzido.

Sempre me identifiquei com a imagem de uma mulher em um longboard. Talvez seja por isso que há três anos resolvi surfar em uma 9 pés. Desde as minhas primeiras remadas em um pranchão, pude sentir o coração bater forte. "É isso o que quero", pensei no primeiro momento em que fiquei em pé.

Após passar quase um ano na cidade de San Clemente (Califórnia, EUA), resolvi encontrar algumas amigas que fiz no Pacífico, no 5º Campeonato Mundial de Longboarding Feminino. Esse evento aconteceu em outubro passado, junto ao mundial de longboarding masculino, o 11º Toes on the Nose Rabbit Kekai Longboard Classic. Nesse tradicional campeonato, nas famosas esquerdas de Boca Barranca, na Costa Rica, estava em jogo a premiação de 10 mil dólares, tanto para os homens como para as mulheres.

Na presença dos melhores longboarders do mundo, a competição foi aberta com uma cerimônia de confraternização e homenagem a uma das principais lendas vivas do surf havaiano, o surfista/salva-vidas Rabbit Kekai. Com 79 anos, Rabbit simboliza o espírito mahalo, o verdadeiro surfista de alma.

Durante a confraternização, os competidores fizeram orações havaianas de agradecimento aos espíritos da natureza. Recitaram textos e cantos que expressam o amor ao mar e ao surf e ofereceram cordões e flores aos deuses polinésios. O espírito mahalo estava presente em cada indivíduo. "O verdadeiro surfista é aquele que caminha

sobre as águas tendo o coração e a alma como guias", repetia-se nas orações.

Foram cinco dias de competições com participantes dos Estados Unidos (entre os quais do Hawaii), Venezuela, México e Brasil. Os competidores foram divididos nas categorias Da Pro Boys (Profissional), Da Young Boys (até 42 anos), Da Kahunas (acima de 44) e Da Wahine's (Profissional Feminino).

Éramos 39 competidoras. Entre elas, a californiana Daize Shaine (campeã em 99), que acabou se sagrando campeã novamente. Na segunda colocação ficou outra californiana, Liz Motas Hagen, e em terceiro lugar, a havaiana Desirée de Soto. No masculino, quem levou o título foi o famoso californiano Joel Tudor. As ondas, sempre perfeitas e extensas, variaram de 3 a 4 pés, ótimas para a prática do longboarding.

Esses campeonatos são sempre uma festa. Sendo a única brasileira competindo, pude sentir a energia PURA VIDA fantástica que paira sobre a Costa Rica. Seu povo, suas ondas e natureza belíssima deixaram-me em total estado de harmonia e perplexidade. Senti-me privilegiada; em paz comigo, com as ondas e com o meu longboard. Mesmo falando outra língua, eu me sentia parte daquela tribo, era como se todos os surfistas do mundo estivessem interligados por uma energia do mar e das ondas. Percebi que realmente posuo o espírito mahalo, isto é, sou uma surfista de alma.

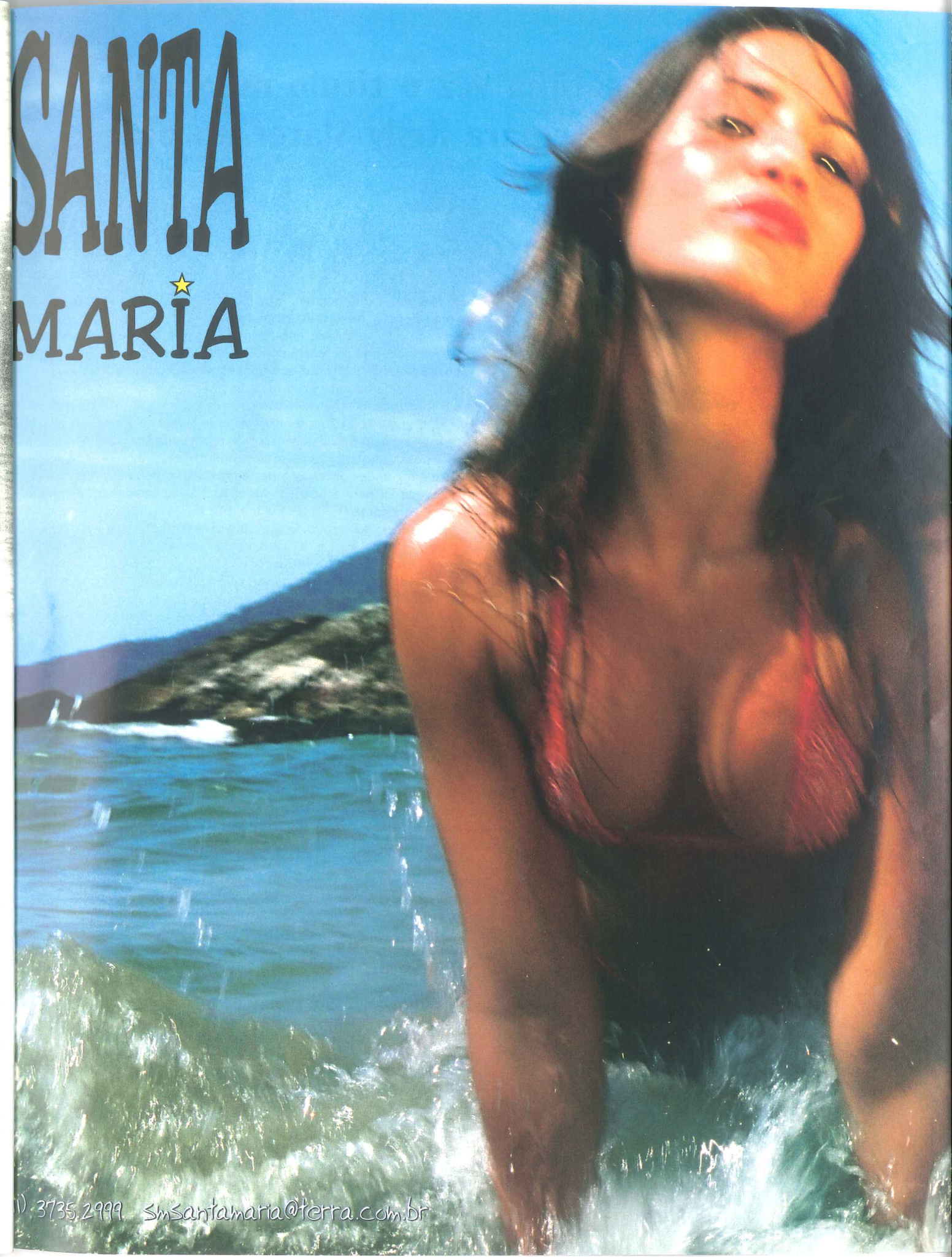
Acredito que neste momento conturbado que o mundo enfrenta nós, surfistas, temos um privilégio: a conexão entre o homem e a natureza, que pode e deve ser usada única e exclusivamente para o bem. Sinto-me orgulhosa em ter representado o meu país em um evento como este. Pode ser que em 2004 a etapa feminina tome seu próprio rumo. Mas em qualquer lugar, seja na Costa Rica, Hawaii ou no Brasil, a energia será sempre a mesma enquanto as pessoas se unirem em total harmonia para celebrar e praticar o esporte dos deuses.

Não é segredo que os brasileiros possuem garra, alegria e são uma grande potência no surf mundial. Nossos melhores surfistas fizeram falta este ano. Mas eles não foram esquecidos... No ano que vem, espero que eles possam estar de volta, pois sei que, em um encontro de homens que caminham sobre o mar, a alma do surfista brasileiro não pode ficar de fora.

Muito prazer! Eu sou Márcia Portes.

FOTO ARQUIVO PESSOAL

SANTA ★ MARIA



1) 3735.2999 smsantamaria@terra.com.br

Vencer pela sétima vez o título mundial significaria mais para Kelly Slater ou para o próprio surf?

POR PETER TOWNEND

ASSIM QUE O HEXACAMPEÃO MUNDIAL PASSOU PELO BRASIL, VENCEU O WCT NOVA SCHIN FESTIVAL E ASSUMIU A LIDERANÇA DO RANKING MUNDIAL DE 2003, FICOU COTADO PARA VENCER UM TÍTULO SEM PRECEDENTES: O DE HEPTACAMPEÃO MUNDIAL. SE ISSO ACONTECER, O QUE VAI REPRESENTAR PARA O NOSSO ESPORTE?

Na América, o surf está passando por uma grande fase de aceitação como fenômeno cultural. Para todo lugar que você olhe, há surf, imagens que o utilizam, e a cultura do surf parece estar sendo maciçamente exposta. No mês passado, por exemplo, houve uma seqüência de fatos desse tipo. Uma matéria de primeira página na seção de esportes do *New York Times* dizia: "Os esportes radicais estão na moda novamente – O surf vive seu renascimento"; um anúncio da American Airlines mostrou a Estátua de Liberdade segurando uma prancha de surf; o novo governador da Califórnia, Arnold Schwarzenegger, apareceu de exterminador nas ruas de Huntington Beach com uma prancha na mão; a última edição da revista de bordo da United Airlines, *Hemispheres*, traz na capa a arte do fundador da *Surfer*, John Severson, além de duas matérias relacionadas à cultura surf; o filme *Step into Liquid*, de Dana Brown, ainda está em cartaz, dois meses após o seu lançamento; agora vem *Billabong Odissey*, a busca pela maior onda do mundo; e por fim, devido a um incidente infeliz, o jovem surfista Bethany Hamilton, de Kauai, cujo braço foi mordido por um tubarão, apareceu na capa da revista *People* e em todas as grandes redes de televisão do país. Há sinais da cultura surf em todo lugar a que você vá.

O surf não vive esse tipo de exposição desde a década de 60, época dos filmes *Endless Summer* e *Beach Blanket Bingo*, dos Beach Boys e da surf music tocada por Dick Dale na sua guitarra Stratocaster. Porém, no 75º aniversário do Mickey Mouse da Disney, um ícone cultural americano, ele apareceu na primeira página de *Velcro Valley's*, um jornal da Flórida, como uma estatueta segurando um skate Tony Hawk, que pode ser comprado nas lojas da Disney, mostrando claramente que os esportes de ação não têm limite de idade. Mas não é um herói do surf que está ali, e sim um skatista. É engraçado, porque as pessoas esquecem que foram os surfistas que inventaram o skate nos dias flat dos anos 60, e

não os skatistas. Mesmo assim, Tony Hawk, um skatista, é a personalidade mais popular dos esportes de ação.

Apesar de que, se formos encarar por esse ponto de vista, Slater é mais conhecido por ter dormido com Pamela Anderson e por seu personagem em *Baywatch* do que por ter ganhado seis títulos mundiais e ser considerado talvez o melhor surfista que já existiu, como Michael Jordan ou Pelé em outros esportes.

Mas a pergunta que não quer calar é: pode Slater ou a empresa que o gerencia (agora a mesma agência que representa Tony Hawk) converter a honra que significa o sétimo título mundial em celebridade pública e em grandes oportunidades endossadas como Hawk faz com comerciais de TV para achocolatados e lanches embalados e também pelo sucesso fenomenal de seus videogames?

Considerada a Nike da indústria do surf, a Quiksilver se aproxima agora da marca de bilhões de dólares em vendas. Seria a vitória de Slater um empurrãozinho extra contribuindo para levá-la ao topo? Talvez. Um sétimo título poderia também atrair mais a atenção para o tour mundial da ASP, o WCT, um campeonato dos Top 44 que sem dúvida tem os melhores surfistas em algumas das melhores ondas do mundo, superando os limites das suas performances? O que acontece é que fora da comunidade do surf ninguém sabe o que está acontecendo até que acabe. Por isso o surf tem pouco reconhecimento na comunidade internacional dos esportes, e aqui nos EUA, na mídia principal, raramente é citado.

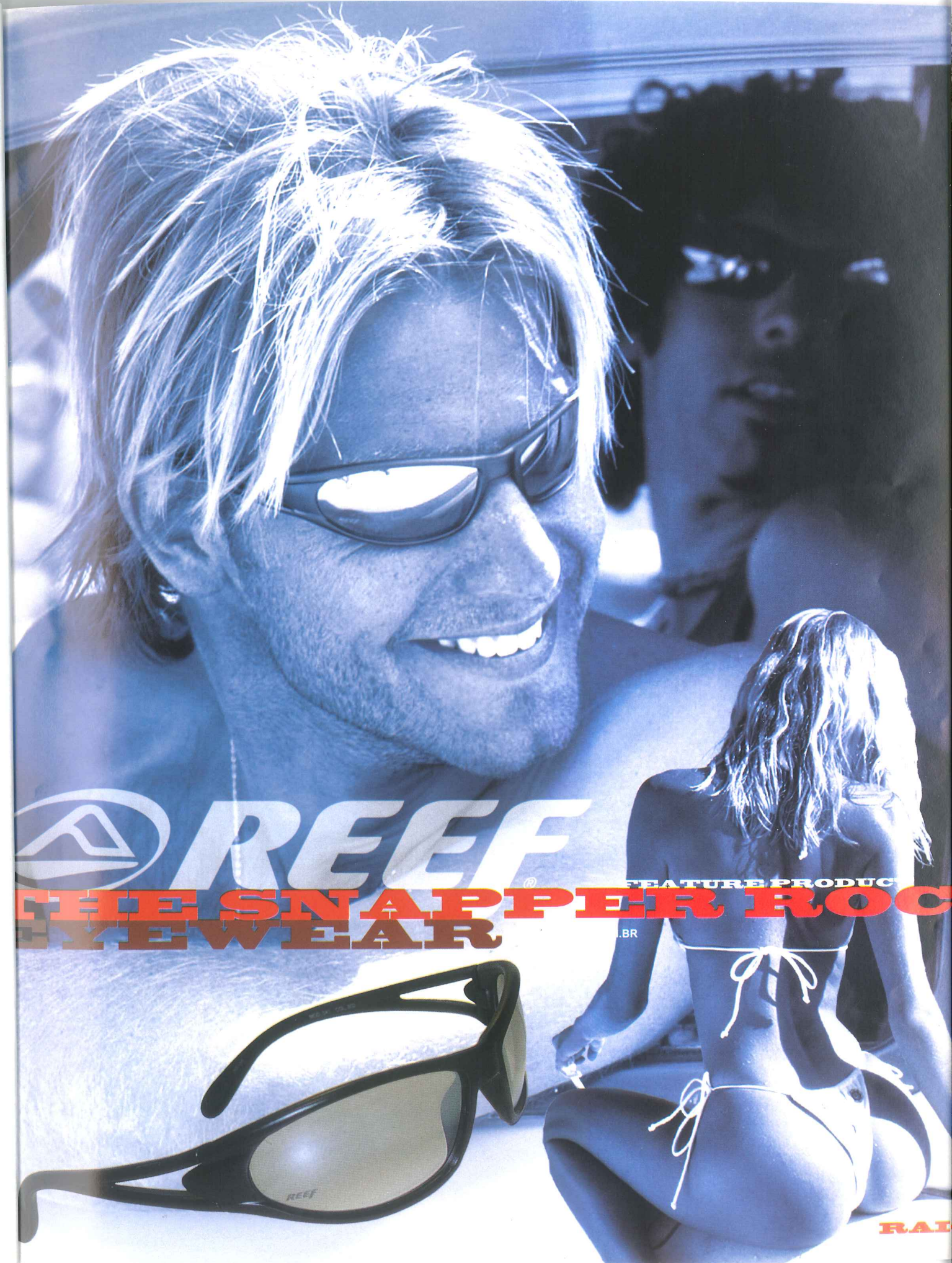
O que quero dizer é que a corrida deste ano é mais excitante do que a dos últimos anos. É o "jovem foguete" e atual campeão mundial Andy Irons e o veterano e "sempre jovem" Kelly Slater voltando para reclamar o título que deixou esperando por cinco anos seguidos, na década de 90. Agora, a disputa chega ao north shore havaiano e muito possivelmente a Pipeline para o Masters – absolutamente um dos encontros mais disputados do tour –, e ainda assim não consegue nem uma matéria nas principais mídias nacionais. É como se ninguém fora da comunidade do surf realmente se importasse com isso, ou talvez nós é que estejamos falhando na hora de vender a estória para as massas. De qualquer maneira, há surf em todo lugar na cultura americana, e hoje e os surfistas são o epicentro de uma febre como nunca foram antes.

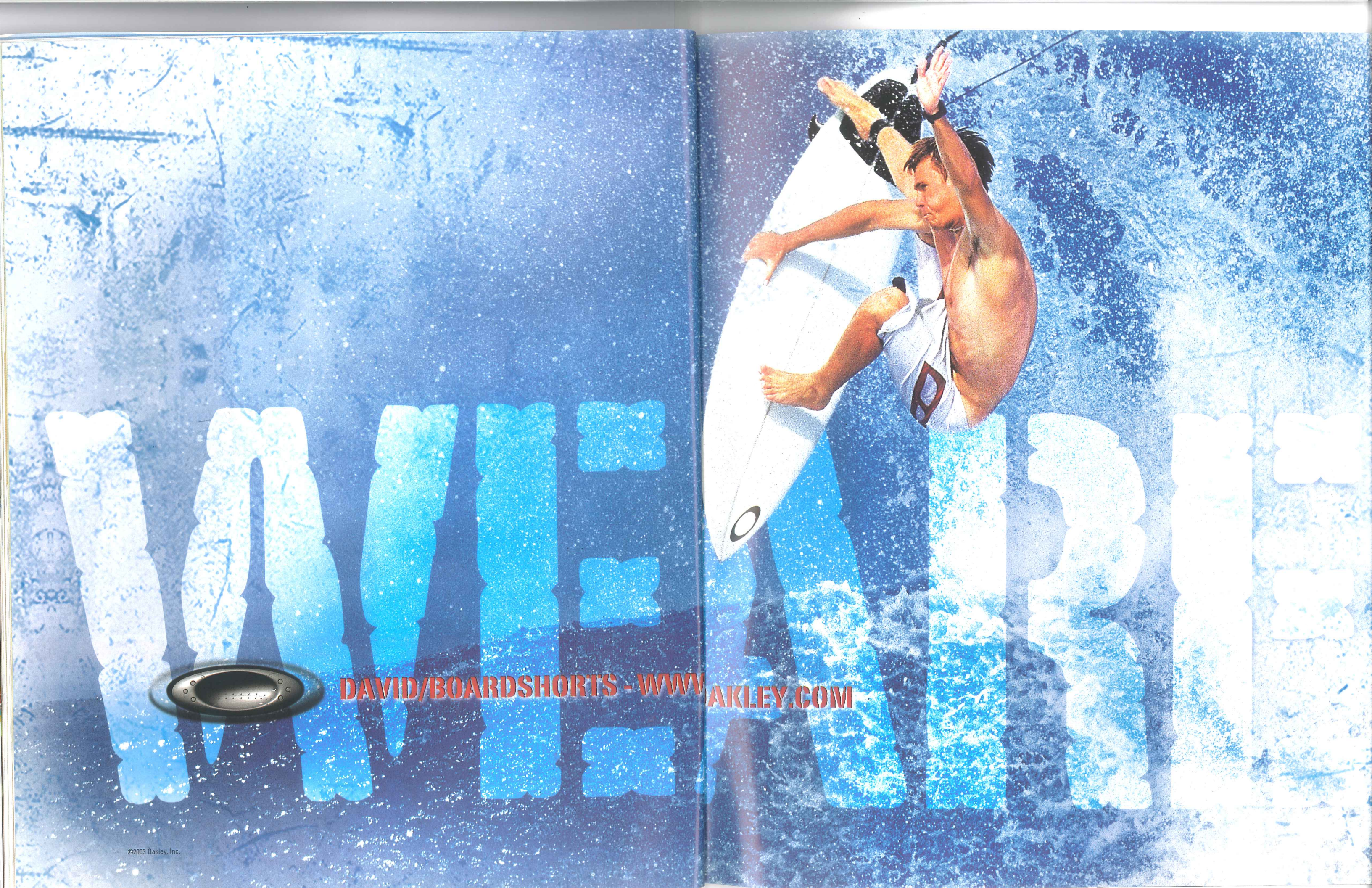
O interessante é que, no mesmo espaço de tempo da carreira de ambos os atletas – Hawk e Slater –, aos 30 anos, eles estão passando por momentos decisivos: o giro de 90º de Hawk na rampa dos X-Games, transmitido ao vivo pela televisão, e o sétimo título mundial de Slater, se ele acertar no Pipeline Masters, em dezembro na NBC.

Tony Hawk foi capaz de transformar aquele momento em algo histórico e ainda virou ícone de uma geração. Será que Slater consegue fazer o mesmo? Veremos. Mas antes ele tem que fechar as portas para Irons, no Hawaii.

(Este texto foi escrito antes dos resultados finais da temporada havaiana.)

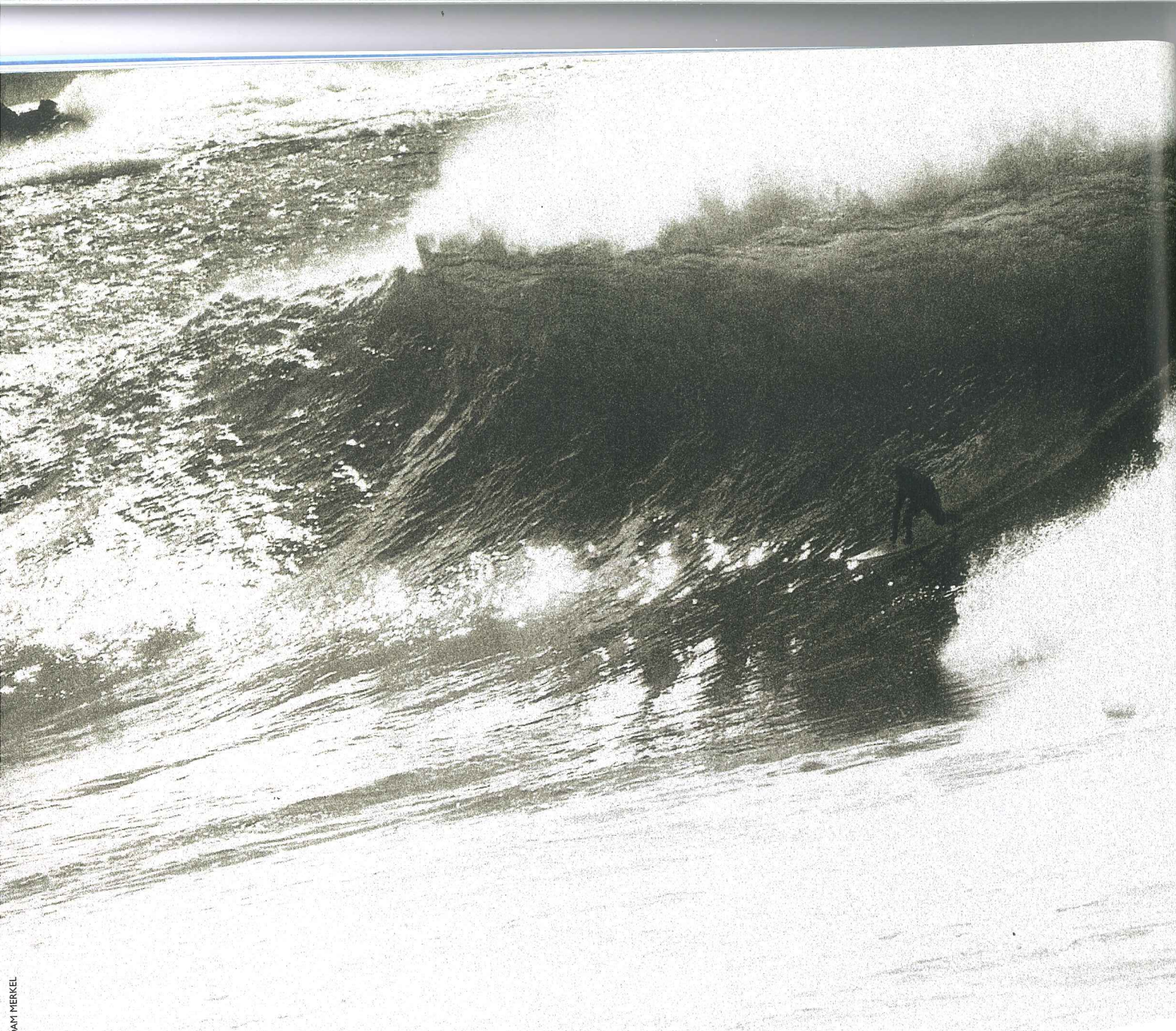
• Peter Townend foi o primeiro campeão mundial de surf, em 1976. É um dos maiores articuladores do surf mundial, tem uma empresa de consultoria em surf e skate, a Active Empire, e é o mais novo colunista da *Alma Surf*.





DAVID/BOARDSHORTS - WWW.OAKLEY.COM

FOTO DAM MIERKEL



TEXTO ANDRÉ COTRIM

TUDO MUNDO O CONHECE POR MAX, MAS ESSE É APENAS UM APELIDO CONSEQÜENTE DA TENDÊNCIA DE EXTRAPOLAR OS LIMITES, DE CHEGAR AONDE NINGUÉM FOI, DE ALCANÇAR O MÁXIMO. O QUE POUCOS SABEM É SEU NOME REAL: ANTONE MEDEIROS, UM HAVAIANO DE 45 ANOS DE IDADE, DE ORIGEM PORTUGUESA, RESPEITADO NO MUNDO TODO POR SUAS ATITUDES POLÍTICAS, POR SEU RESGATE CULTURAL E POR SUA HISTÓRIA NO SURF MUNDIAL. UM CIDADÃO PLENO, QUE DEFENDE SEU POVO E BUSCA NAS RAÍZES A RESPOSTA PARA A EVOLUÇÃO DE UM HAWAII MAIS JUSTO.

Max Medeiros é um legítimo waterman que vive a cultura havaiana em sua plenitude. Surfista profissional, foi o primeiro caçador de novos talentos da Town & Country, Pipeline Master, Team Rider, Quiksilver e, finalmente, presidente da Hawaiian Blades, shapeando sua própria marca de performance, a Kanaka Maoli Designs. No mar ele é veloz, talentoso e arrebenta em ondas de 2 a 30 pés, com pranchas menores que qualquer outro no line-up. A capacidade de posicionamento deste goofy impressiona tanto quanto a dedicação de sua família ao esporte. Sua esposa, Renne, uma expressiva longboarder, traz na carona um casal de filhos que já mostra o surf na veia. A filha mais velha, Kaile, certamente seguirá os passos da mãe, conquistando cadeira cativa no pico, porém é o filho, Mana, quem tem a chama e a energia de Max estampadas em todos os movimentos. Mana vem sendo instruído desde a mais tenra idade, da forma mais disciplinada possível. É revigorante ver a dedicação e união da família Medeiros, que tem no surf o cimento que faz a parede forte para enfrentar os desafios da vida. Mas Antone é muito mais do que um surfista local; é um ativista sério e dedicado, que luta uma intensa batalha pessoal pelo reconhecimento da causa havaiana – cuja nação foi conquistada por meio de um golpe de Estado.

FOTO TOM BERNAS

MAX

E A SOBERANIA NAS ILHAS HAVAIANAS

M E D E I R O S



O Hawaii que poucos conhecem

Fala-se muito sobre as ondas havaianas, mas pouco se sabe sobre a história de sofrimento desse povo, da injustiça causada pela colonização missionária e da posterior anexação imposta pelos EUA ao Reino do Hawaii, no final do século XIX. Max Medeiros é descendente de uma família que sobreviveu às constantes ondas de desapropriação, injustiças e leis criadas para despojar os havaianos nativos de qualquer direito a uma sobrevivência digna. Existe inclusive um provérbio que diz: Os missionários vieram ao Hawaii para fazer o bem e se deram muito bem. As raízes históricas dessa situação remetem ao tempo do encontro do Hawaii com a Europa, no final do século XVIII – é importante marcar a palavra encontro, já que foram os exploradores polinésios os descobridores e colonizadores das ilhas, em torno do ano 400, muito antes que qualquer europeu.

Os relatos históricos indicam que a viagem do explorador inglês James Cook tinha dois objetivos: descobrir um novo e imaginário continente, e fazer contato amistoso com os povos do Pacífico. No entanto, a missão tinha também cunho econômico e objetivos militares, camuflados sob a bandeira de uma viagem científica, de mapear e encontrar uma passagem ao norte entre os oceanos Pacífico e Atlântico. As teorias de colonização variam. No entanto, é fato comprovado que já se viajava no Pacífico, por navegação estelar, nos tempos de Cristo. Não é à toa que a civilização polinésia brinca com o oceano quando se trata de viver em comunhão completa com o mar. Cook, a bordo do navio *Resolution*, observou as canoas polinésias de travessia, documentando sua velocidade e, especificamente, seus navegadores, que pareciam sempre saber exatamente para onde se dirigiam.

Max, o cidadão havaiano

O foco de Max nunca foi exclusivamente o surf, mas a causa da soberania nacional e seu cunho socioeconômico-cultural. Max faz parte de um grupo ativo que luta pelo retorno das terras da coroa havaiana aos legítimos donos e guardiões ancestrais da natureza, que a todos pertence. Na cultura polinésia, o conceito de propriedade simplesmente não existia. Surgiu após a conversão ao cristianismo, quando o monarca reinante Kalakaua, da dinastia de Kamehameha, foi convencido por seus conselheiros (missionários com negócios estabelecidos nas ilhas) de que era necessária a criação de um sistema de posse com documentação de propriedade para as terras em geral. Não temos aqui espaço para explicar a complexa situação do arquipélago e as ramificações dessa mudança, mas numa frase curta posso definir que essa mudança avacalhou tudo por aqui, gerando problemas sérios, criando conflitos que se refletem até os dias de hoje no Hawaii, como problemas de invasão e avanço de linhas de propriedade, e agressões ao meio ambiente.

Os nativos, entre eles Max Medeiros, passam grande parte do tempo argumentando contra estas invasões, perpetradas por corporações ou entidades financeiras que vêm nas ilhas havaianas uma mina de ouro pronta para a especulação imobiliária. Essa constante luta já chegou ao Senado norte-americano – neste momento um senador havaiano com uma agenda totalmente vendida está tentando passar uma legislação que poderá ser o golpe final, aniquilando a causa nativa.

DE CIMA PARA BAIXO A IMAGEM DA FAMÍLIA HAVAIANA DO SÉCULO XIX; MAX EM UM ANÚNCIO DA TOWN&COUNTRY NOS ANOS 80; COMUNIDADE HAVAIANA ATIVISTA EM PROTESTO CONTRA O GENOCÍDIO; MAX TRANQUILO EM ALA MOANA BOWLS

Essa proposta se chama Lei Akaka (ou Akaka Bill), que, de uma forma direta, coloca os havaianos na mesma situação dos índios norte-americanos, que vivem como estranhos numa terra que um dia havia sido totalmente dominada por tribos nômades e indivíduos acostumados a uma vida em comunhão com o meio ambiente.

Existe no Hawaii uma entidade chamada OHA (Office of Hawaiian Affairs), que funciona como um ministério, fazendo o papel de representante das causas havaianas junto ao governo norte-americano. Essa espécie de Funai havaiana não passa de um saco de gatos, no mesmo estilo da equivalente brasileira, um antro de politicagem com interesses quase sempre relacionados às reservas naturais e ao impacto ambiental, com a balança sempre pesando mais do lado interessado no tal progresso.

No arquipélago havaiano, o que vale muito são os céus limpos para observações do universo e rastreamento de satélites, em Big Island. Nessa ilha, a batalha é contra a total infestação de estações e observatórios no cume do vulcão adormecido Mauna Kea, ponto culminante do arquipélago, que se estende até o atol de Midway Islands. Vários países pagam milhões de dólares de aluguel para fazer uso dessas estações, no entanto os nativos, donos da terra sagrada, não têm real acesso aos lucros gerados. Nas outras ilhas, há conflitos entre os grandes hotéis, os campos de golf, as marinas e as plantações de café, cana e abacaxi – três espécies alienígenas ao arquipélago, que trazem problemas de erosão do solo, destruição dos corais, pesticidas e por aí vai...

Surfista, shaper e guerreiro

A vida de um fabricante de pranchas do Hawaii fora do circuito de Honolulu não é nada fácil; o acesso às matérias-primas é oneroso e as opções de venda em larga escala são limitadas. No entanto, Max compensa isso com um talento especial para shapear pranchas de alta performance, desejadas por aqueles que o conhecem e presenciam a eficácia das máquinas nos pés do shaper. Com uma técnica mais polida e funcional, Max progride em cada novo shape.

É nesse contexto de luta diária que ele e sua família mantêm sua identidade cultural, suas atividades ancestrais e sua sobrevivência preservadas por meio da manufatura de pranchas, mesmo que em condições adversas. Max é considerado, por alguns, agressivo e temperamental; porém para quem é da sua convivência, ele é um verdadeiro guerreiro. Conhecendo o surfista e sua extensa família, fica mais fácil entender a mágoa e a tristeza que habita no coração dessas pessoas, que vêm sendo espoliadas de suas raízes há mais de 200 anos.

Sobre o famoso localismo havaiano, é preciso prestar muita atenção para entender o porquê da agressividade encontrada nas águas por aqueles que visitam as ilhas do Hawaii. Existem basicamente duas fontes geradoras de conflito: uma com base na mágoa histórica e outra na violência gratuita dos locais de origem caucasiana (brancos), que se consideram donos da boca. O que acontece é que a segunda usa a primeira como desculpa para justificar ações criminosas e anti-havaianas em essência. É uma generalização besta, pois muita gente vai ao Hawaii com a mais simples intenção de dropar altas ondas e realizar um sonho de infância, mas termina muitas vezes, engolida pela confusão existente.

DE CIMA PARA BAIXO A RAINHA LILIUOKALANI, DEPOSTA PELA GANÂNCIA DO PODER ESTRANGEIRO; MAX FINALIZANDO A SESSÃO; ELE, JOEY BURAN, MARK OCCHILUPO, TOM CARROL E RABBIT BARTHOLOMEW NO PÓDIUM DO PIPE MASTER EM 84; MAX MOSTRANDO TODA SUA COMPETÊNCIA.



REPRODUÇÃO

FOTO KIMIRO KONDO

FOTO BERNIE BAKER

FOTO KIMIRO KONDO

O testemunho de um brasileiro
Tenho o privilégio de encontrar Antone constantemente e a honra de conhecer cada vez mais o local onde seus ancestrais estão "guardados", segundo tradições milenares. Espero continuar aprendendo cada vez mais sobre os costumes e práticas que transformaram o surf em uma cultura. Minha esperança é que o povo kanaka maoli (havaianos indígenas) consiga alguma vitória significativa nas ilhas, fazendo com que este lugar tão incrível continue saudável na medida do possível. A batalha é árdua e desigual, porém os que lutam como Max são feitos de madeira-de-lei, dura e forte.

O mana ainda é forte neste seletivo grupo, que encontra no surf uma fonte de energia infinita para continuar vivendo num estilo de vida que faz a grande maioria sonhar, andando sobre a água em alta velocidade num tubo constante de água límpida e transparente. Não tenho a intenção de justificar ou defender nenhuma atitude agressiva ou sequer escolher um lado da cerca, mas a verdade é que os fatos não mentem — está tudo documentado e autenticado. Não sou intérprete dos pensamentos de Antone Max Medeiros, apenas resumo muitas conversas que tivemos, com o objetivo de auxiliar numa questão que merece mais apreço. E, assim como qualquer outro assunto político, este é um quesito delicado. Esta matéria é apenas uma tentativa de ilustrar a situação havaiana sob o ponto de vista de um estrangeiro que tem o privilégio de conviver com os protagonistas de uma luta secular e dolorida. São inúmeras histórias e casos, contados pelos mais idosos, que acabam se diluindo em rancor e angústia.

Ao oferecer a pauta ao editor, eu pensava na possibilidade de apresentar uma faceta do Hawaii que a turma viajante, com raras exceções, tem dificuldades para entender. De fato, creio que a Alma Surf seja um veículo de vanguarda que aceita esse tipo de exposição cultural, pois, até onde sei, a maioria só quer saber onde estão as ondas, e isso não se apresenta por aqui. Quem quiser que faça seus próprios amigos e aprenda o protocolo necessário para ser recompensado com o autêntico espírito Aloha, que, embora ainda exista, atualmente é dividido com parcimônia e relutância. Quero lembrar que, nas revistas norte-americanas, uma matéria com esse tipo de informação causaria uma tremenda controvérsia, já que oficialmente o Hawaii é um estado norte-americano e pronto.

Mahalo nui

* André Cotrim é um surfista brasileiro que mora nas ilhas do Hawaii há muitos anos, é amigo da família Medeiros e fiel colaborador da revista Alma Surf.

FOTO DENIRO SATO

QUEM QUISER SE APROFUNDAR PODE TECLAR HAWAIIAN SOVEREIGNTY NA BUSCA DO GOOGLE, OU FAZER UMA VISITINHA AO WWW.HAWAII-NATION.ORG, OU WWW.FREEHAWAII.ORG, ESTE ÚLTIMO COM UMA GRANDE QUANTIDADE DE INFORMAÇÕES.

NESTA PÁGINA SEMPRE NA POSIÇÃO IDEAL, O MESTRE FAMOSO POR SUA TÉCNICA NOS BURACOS EM PIPE



Alma Surf Shops

ESTAS LOJAS TÊM ALMA



ALMA SURF É UMA MARCA REGISTRADA DA COOPHOS DO BRASIL, PROD. EDITORIAL LTDA.

A PARTIR DE AGORA VOCÊ ENCONTRA A REVISTA ALMA SURF NAS MELHORES SURFSHOPS DO BRASIL. CONSULTE O ENDEREÇO MAIS PRÓXIMO DE VOCÊ NO SITE WWW.ALMASURF.COM.BR

MÉXICO

ANTIGAMENTE SURF TRIPS ERAM PRIVILÉGIO PARA SOMENTE ALGUNS SURFISTAS ABASTADOS, JÁ QUE OS DESTINOS DE SURF SE RESUMIAM A HAWAII E INDONÉSIA. PORÉM, NOS ÚLTIMOS ANOS OS SURFISTAS COMEÇARAM A PERCEBER QUE, MELHOR DO QUE GASTAR OS OLHOS DA CARA E AINDA TER QUE BRIGAR POR UM LUGAR AO SOL EM SUNSET OU MENTAWAII, SERIA DESCOBRIR OUTROS LUGARES ACESSÍVEIS QUE OFERECESSEM UM MELHOR CUSTO-BENEFÍCIO. NESSE CASO, MUITOS BRASILEIROS OPTARAM PELO MÉXICO, MAIS ESPECIFICAMENTE PUERTO ESCONDIDO, COMO PRIMEIRA OPÇÃO DE TRIP FORA DO PAÍS. O MOTIVO? ALTAS ONDAS, POUCA PLATA E RARO LOCALISMO. PORÉM, O PAÍS DO LIGEIRINHO – QUE HOJE JÁ É BASTANTE FREQUENTADO POR AUSTRALIANOS E AMERICANOS – OFERECE OPÇÕES DE ONDAS QUE VÃO ALÉM DAS PESADAS E TUBULARES ONDAS DA PRAIA DE ZICATELLA.

SEJA PARA ARRIBA OU PARA ABAJO, TEM ONDA O ANO INTEIRO, DE TODOS OS TAMANHOS, PARA TODO MUNDO SE DIVERTIR, É SÓ PROCURAR. NO VERÃO, DE ABRIL A OUTUBRO, O SWELL É DE SUL E O TAMANHO DAS ONDAS VARIA ENTRE 8 E 25 PÉS DE FACE, PORÉM NA TEMPORADA DE FURACÕES, DE JULHO A OUTUBRO, O NEGÓCIO FICA MAIS PERIGOSO E PARA POUCOS SURFISTAS CORAJOSOS. RECOMENDA-SE, NO ENTANTO, CHEGAR AO MÉXICO DURANTE A TEMPORADA DE INVERNO, DE NOVEMBRO A ABRIL, QUANDO O MAR ESTÁ MENOR E AS CONDIÇÕES MAIS DO QUE PERFEITAS PARA QUALQUER TIPO DE SURF.

PEDRO FELIZARDO E FERNANDO MESQUITA PERCORRERAM ALGUNS DESSES PICOS, COMERAM MUCHO JALAPEÑO E TROUXERAM BONS REGISTROS QUE PROVAM O POTENCIAL DESSE PAÍS, DE SONS, SABORES E PERFUMES QUE FORMAM UMA MISTURA ÚNICA DE CULTURAS E PAISAGENS.

B U E N A S O L A S I C C O

TEXTO JULIANA MORAIS FOTOS E COLABORAÇÃO PEDRO FELIZARDO E FERNANDO MESQUITA



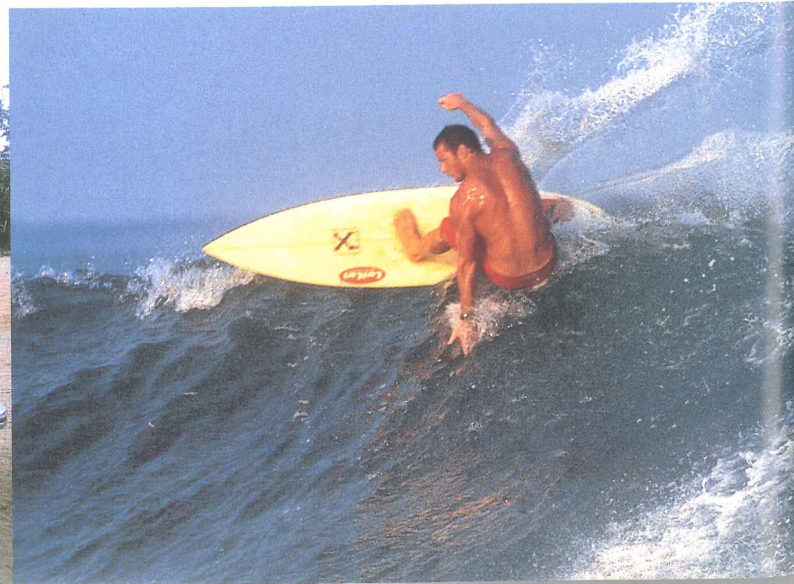


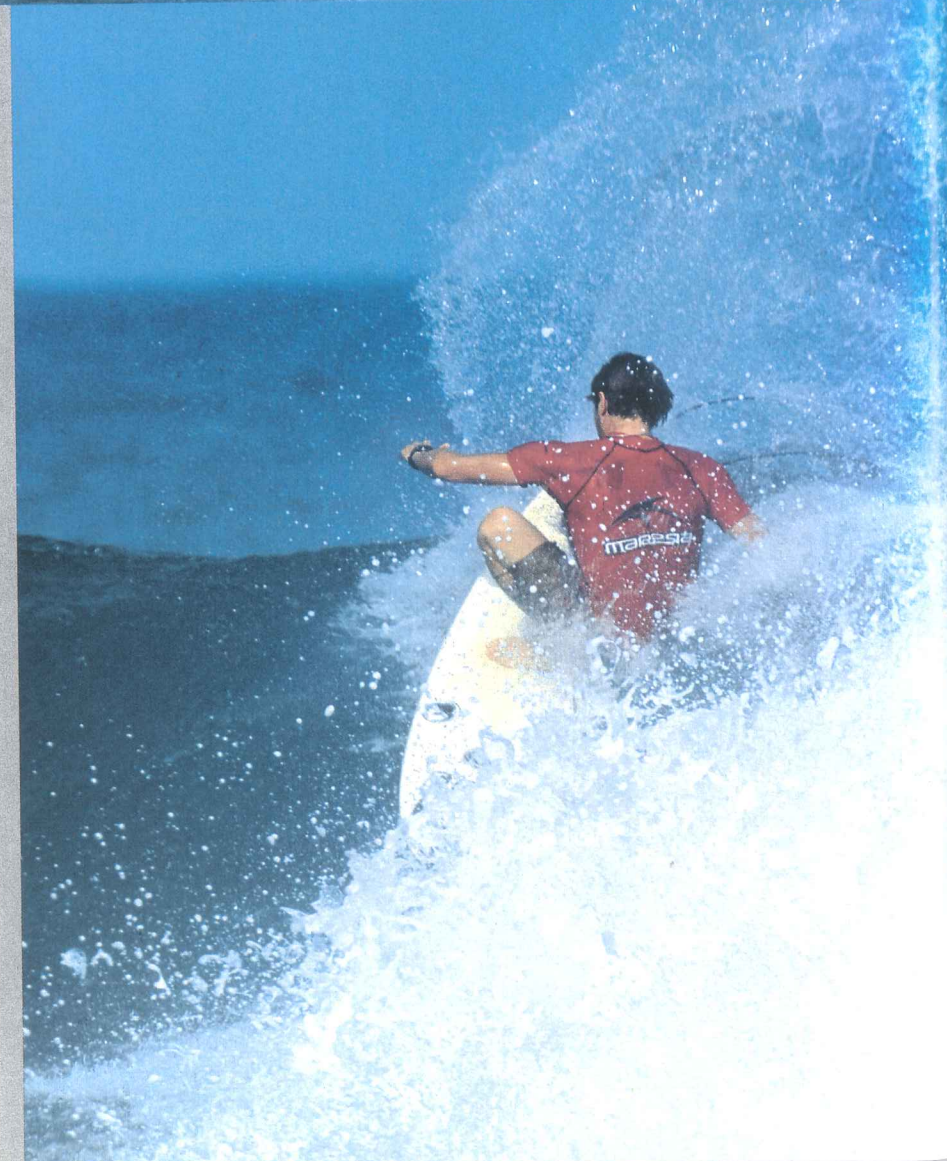
Tubos, calor e uma rede para dormir

Barra de La Cruz pode ser uma boa opção para aqueles surfistas que buscam um lugar inóspito e barato na terra dos maias. Localizada cerca de 200 quilômetros ao sul de Puerto, é uma pequena comunidade do estado de Oaxaca que oferece ótimas condições de surf, muito sol e no infra. Em poucas palavras, o fotógrafo Pedro Felizardo resume o surf de Barra: "A onda é uma direita tubular excelente que pode ser comparada a Kirra, na Gold Coast australiana". Quebra atrás de um lindo costão de pedras e se estende por cerca de 300 metros, até o meio da praia. Uma onda comprida, com força e de qualidade que pode ser só sua por alguns minutos, já que não existe crowd, nem mesmo localismo. Um tubo constante que abre, faz a cabeça e que paga a caminhada de volta ao canal sob um sol de 40°. Seu tamanho é praticamente a metade de Puerto, perfeito para pegar a pranchinha e mandar ver nas manobras.

Ao contrário da maioria das praias do Pacífico, nessa região o sol nasce na água e se põe em terra – graças à curva acentuada do litoral sul mexicano, que posiciona a praia para sudoeste. Mas Barra não é o tipo de lugar recomendável para passar todas as suas férias. Algumas horas de surf está mais do que bom, devido ao calor e à falta de estrutura do local. A maioria das construções da região é de madeira; não há hotéis nem restaurantes, o que existe são alguns bares na beira da praia ideais para tomar algum refresco ou encarar o típico PF mexicano, à base de peixe com feijão, por menos de 2 dólares. As instalações? Variam de cinco a 1000 estrelas, vai depender de onde você escolher para pendurar sua rede ou armar sua barraca. "O melhor a fazer é se instalar por Puerto, checar na internet a previsão das ondas, alugar uma van com motorista (cerca de 15 dólares por pessoa) e pegar as duas horinhas de estrada até o pico", recomenda Pedro, que ficou 30 dias viajando pelo país.

Se o swell está de sul, não precisa nem de ondas muito grandes para que as direitas de Barra estejam funcionando. Vale ressaltar que o mar verde de águas mornas é a alegria dos surfistas, e a garantia de sobrevivência da maioria dos locais que vivem da pesca. Além disso, Barra de La Cruz é um dos maiores centros de tartarugas marinhas da costa mexicana. Não se assuste se alguma delas resolver dropar uma onda ao seu lado. É sorte!





Playcenter do surf!

“Do lado esquerdo, um cenário com coqueiros e linhas paralelas de 6 a 8 pés quebrando perfeitas; do lado direito, a lua cheia se pondo no mar. É essa a primeira visão do dia, já da janela da cabana em Nexpa”, lembra Fernando Mesquita, surfista de alma e fotógrafo de coração, que passou vários e longos dias na estrada em busca dos melhores picos do México.

Segundo os surfistas, é o verdadeiro playcenter mexicano! Não há campeonatos, bodyboarders nem turistas comedores de pimenta. Localizado no norte do México, no estado de Michoacán, o rio Nexpa percorre grande parte do país no sentido leste-oeste, trazendo por décadas uma enorme quantidade de pedras vulcânicas até o Pacífico. No encontro com o mar, essas pedras vão se depositando no fundo, criando um point-break perfeito para o surf. As esquerdas intermináveis (de 150 a 200 metros quando as sessões se conectam) são perfeitas tanto para o long-board quanto para as pranchinhas. A água é quente e transparente – mas às vezes fica chocolate por causa do rio – e o calor, escaldante.

No verão, quando ondulações do pólo sul percorrem milhares de quilômetros e chegam limpas junto às águas do rio, as ondas ganham força e passam dos 3 metros. A formação perfeita resiste a qualquer aumento de tamanho. No inverno, estação de seca, o swell é de oeste, mas a qualidade das ondas é a mesma, podendo chegar a 15 pés. Para Mesquita, Nexpa é o pico perfeito para quem quer curtir literalmente um surf à mexicana: “Você olha aquele muro, manda uma bufa nela, outra bufa, cutzão clássico, coloca no trilho com toda a calma, dá ela fica em pé de novo. Pode esperar que você vai rodar gostoso e passar por dentro do sombrero”, delira ele.

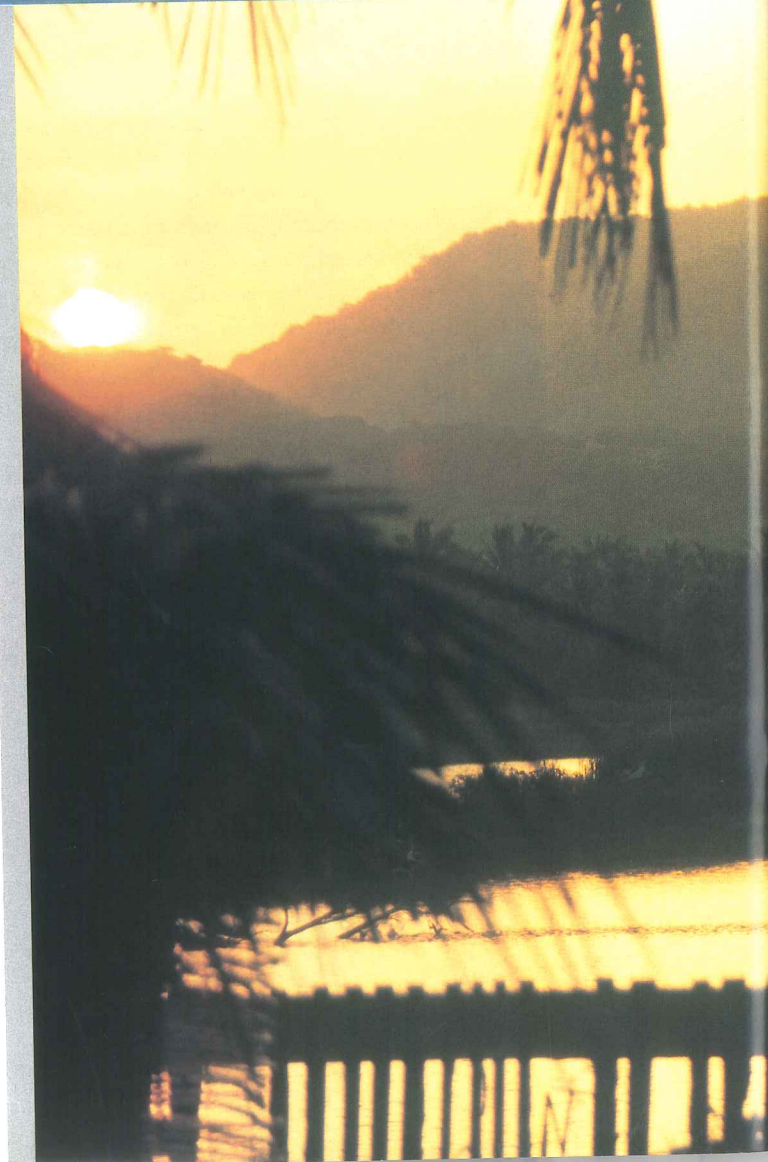
Alguns surfistas no mundo já descobriram o pico há algum tempo, mas o acesso não é fácil, o que dificulta o crowd. Para chegar à foz do rio Nexpa há duas alternativas. Se você estiver no aeroporto do México, pegue um voo direto para Lázaro Cárdenas, ou opte pelo ônibus (cerca



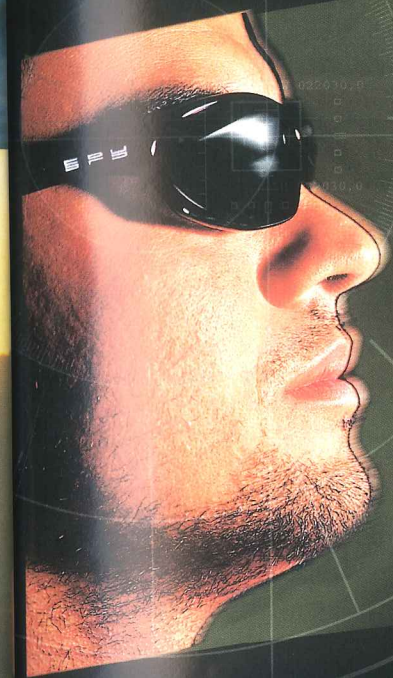
NA PÁGINA ANTERIOR, VISUAL DE BARRA DE LA CRUZ; O LOCAL ROGER RAMÍREZ E RODRIGO “PEDRA” DORNELLES E NA SEQUÊNCIA O BRASILEIRO “PEDRA” MOSTRANDO SEU SURF. NESTA PÁGINA, BINHO NUNES E RAFAEL BECKER NUMA TRIP PARA O MÉXICO. FOTOS PEDRO FELIZARDO



de 15 horas de viagem) que leva para o mesmo destino. De lá, pegue uma van ou minibus até Caleta de Campos (mais uma hora) e tente descolar uma carona com algum nativo até o povoado de Nexpa. Já se você estiver em Puerto, cansado de ser rabeado, é mais fácil alugar um carro e partir pela Carretera 200 (estrada tão esburacada e assustadora quanto a nossa BR-101). A viagem é linda, e é possível ir conferindo os picos do caminho. Em Nexpa, as instalações variam de acordo com seu bolso. Existem os charmosos chalés à la Indonésia e também campings bacanas para você montar seu kit surfcamp. Sobre alimentação, prepare-se para o tempero mexicano apimentado: são tortillas, tacos e ensiladas para todos os gostos.



NESTA PÁGINA, LOCAL DE NEXPA, E A VISÃO DO PARAÍSO DA JANELA DO QUARTO.
FOTOS FERNANDO MESQUITA



QUIVERSTX



A GENTE VE MELHOR POR AQUI

SPY[®]

TEL (11) 4701 8722 WWW.SPY.COM.BR





A outra Pipe do México

Boca Pascuales pode ser um sonho ou um pesadelo para os surfistas que passam por lá. O beachbreak tem um dos mais fortes, profundos e assustadores tubos do México, e direitas e esquerdas de extremo poder. Se você estiver bem preparado fisicamente, terá a chance de evoluir muito sua performance no surf e pegar altas ondas. Porém Mesquita avisa: "É melhor tomar cuidado, além de ser um pico 'destruidor' de pranchas à la Puerto, possui também um localismo perigoso, onde a cautela e o respeito são essenciais".

Localizado no estado de Colima, Pascuales fica mais ao norte de Nexpa; portanto, para quem já está na estrada, vale a pena continuar. Conhecida como a Pipe do México – assim como Puerto –, em Pascuales o que não falta é swell, às vezes até demais. Vai depender da direção, do tamanho, do vento e dos movimentos da areia, que variam mês a mês, ano a ano, de acordo com os impactos causados pelas chuvas. Há ondas o ano inteiro, mas em condições diferentes. No verão, o surf normalmente varia entre 5 e 12 pés de face, e nos dias grandes, de 20 a 30 pés. Mas a maioria dos surfistas aparece por lá no inverno, quando o mar tem a metade do tamanho do verão, porém está perfeito e limpo, com um clima muito mais agradável. Vale lembrar que Pascuales é um dos únicos lugares do México onde mesmo num dia flat é possível desenhar buenas linhas. A areia escura é uma das características desse beachbreak. E se você tomar uma vaca, vai lembrar dias desse detalhe, pois levará um certo tempo para tirar toda a areia do seu corpo.

Em Pascuales só há um hotel com ar-condicionado e às vezes falta luz no meio da madrugada. Nessas horas é bom tomar cuidado com seus pertences, pois você corre o risco de acordar com uns mexicaninhos dentro do seu quarto, em busca de qualquer troco. É possível conseguir uma acomodação modesta por 5 dólares a diária, com direito a vista para o mar, mosquiteiro e tudo o mais nessas bandas.



PASCUALES TEM UM DOS TUBOS MAIS ASSUSTADORES DO MÉXICO E A FAMA DE DESTRUIDOR DE PRANCHAS QUE NÃO DEIXA MENTIR.
FOTOS FERNANDO MESQUITA



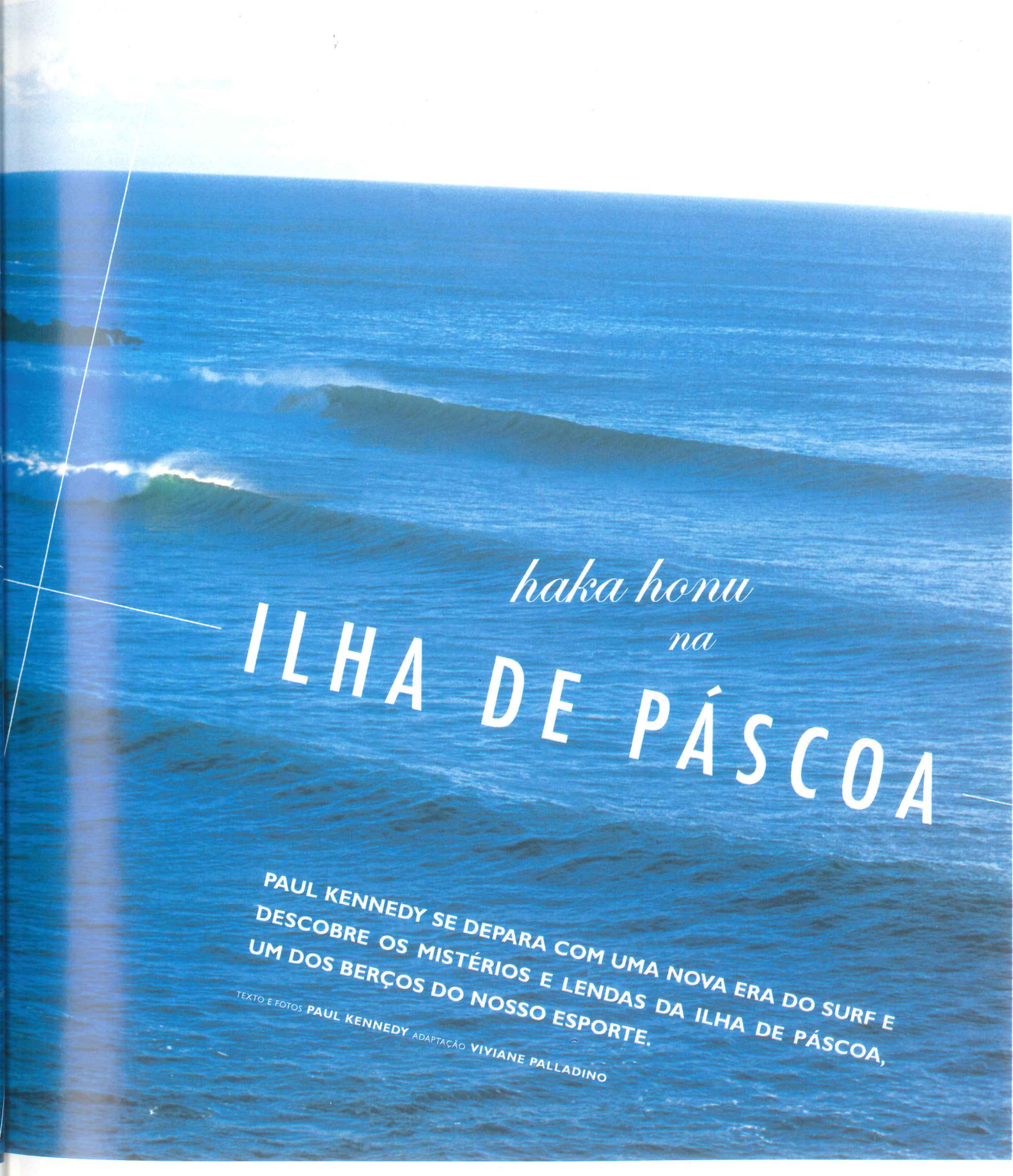
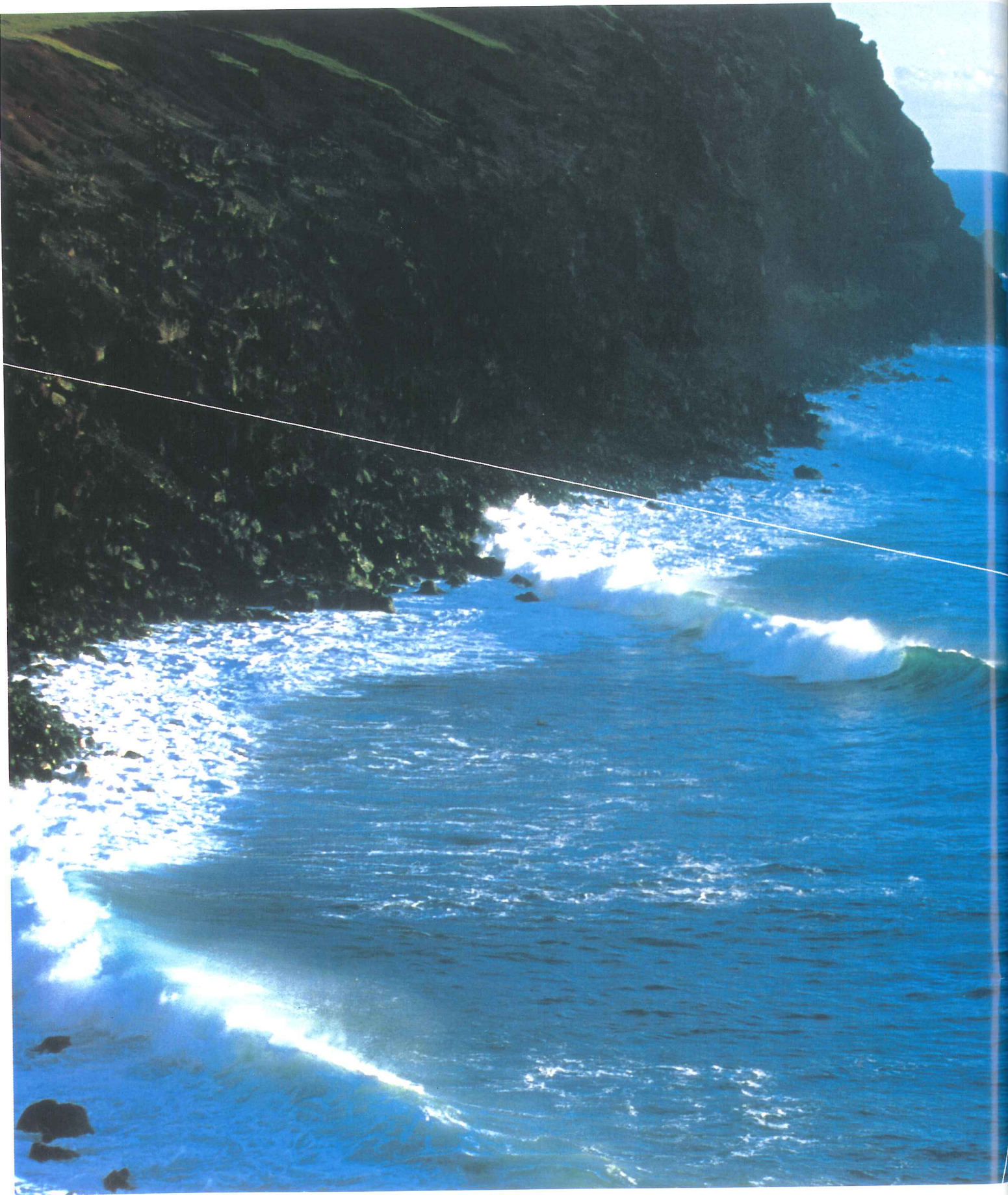
VALE A PENA

Uma surf trip para o México custa cerca de U\$ 1.500 por 10 dias, incluindo tudo que um surfista mochileiro precisa (passagem, hospedagem, comida e traslado). A empresa aérea que faz o voo São Paulo–México é a Varig, mas vale mais a pena já sair do Brasil com tudo agilizado por uma agência* para facilitar sua viagem. O tempo de voo até a Cidade do México é de cerca de 9 horas, mais 2 horas até Puerto Escondido, pela empresa Mexicana. De qualquer um desses dois picos você pode alugar um carro ou uma van, colocar o pé na estrada e fazer a sua própria expedição.

LEMBRANDO QUE...

- Leve mais de uma prancha, pois as ondas do México podem acabar com a sua viagem quando você menos espera.
- Não esqueça protetor, ou melhor, bloqueador solar e boné.
- Não vacile com seus pertences; eles podem desaparecer em questão de segundos.
- Havaianas, sempre; o calor da areia é de descolar a sola do pé.
- Cuidado com o localismo. Eles gostam de brasileiros, mas a terra é deles. Mantenha o sorriso no rosto e a humildade, que você vai surfar tranquilo.
- Não é recomendável viajar sozinho, muito menos à noite, por causa dos assaltos.
- Melhor época? Tem onda o ano inteiro. Escolha de acordo com suas possibilidades, pegue seu quiver e boas olas no México.

* Surf Travel Co. é a agência de viagens recomendada pela revista Alma Surf para este tipo de pacote. www.surftravel.com.br ou 11 5052 4181.



haka honu
na
ILHA DE PÁSCOA

PAUL KENNEDY SE DEPARA COM UMA NOVA ERA DO SURF E
DESCOBRE OS MISTÉRIOS E LENDAS DA ILHA DE PÁSCOA,
UM DOS BERÇOS DO NOSSO ESPORTE.

TEXTO E FOTOS: PAUL KENNEDY ADAPTAÇÃO: VIVIANE PALLADINO

CHRISTIAN SILVA TINHA 16 ANOS QUANDO DROPOU PELA PRIMEIRA VEZ PAPA TANGAROA EM CIMA DE UMA 7'4". CERTO DIA, NA HORA DO DROP, ELE PERDEU A CONSCIÊNCIA, MAS ACORDOU A TEMPO DE ESCAPAR DA MONTANHA DE ESPUMA QUE EXPLODIA LOGO ATRÁS DELE. ELE ACAMPAVA EM TANGAROA, NA ILHA DE RAPA NUI, COM O SEU IRMÃO MARIO E ALGUNS AMIGOS, ALI FLETCHER E BENJAMIN TUKI. "NÓS ÉRAMOS JOVENS E NÃO TÍNHAMOS IDÉIA DO QUE PODERIA ACONTECER. AGORA NÃO SURFO MAIS LÁ PORQUE JÁ SEI COMO É", DIZ CHRISTIAN, HOJE COM 25 ANOS. Esta, com certeza, é a região menos hospitaleira para o surf da costa sul da ilha de Páscoa. Os swells do Pacífico sul explodem brutalmente sobre as rochas vulcânicas, produzindo ondulações muito pesadas. A maior parte das ondas surfáveis quebra sobre plataformas de pedras cortantes, cobertas por ouriços-do-mar. Entrar e sair do pico não é o problema, perigoso é o que você faz quando está lá. É essencial ter experiência e equipamentos de onda grande, se você quiser se dar bem nesse mero surf de sobrevivência. Mas há outras coisas que pensam, como o clima subtropical na maior parte do ano, quente o suficiente para você usar shorts dentro e fora da água. Na costa oeste, as pedras e os ouriços-do-mar também tornam o surf complicado, mas há lugares onde o mar quase sempre quebra pequeno. Apenas os corajosos enfrentaram as ondas da ilha nos últimos anos. Incluem-se nessa seleta lista alguns dos surfistas mais conhecidos do Peru, Brasil, Hawaii e Califórnia. O fato de não ir tanta gente para a ilha se deve em parte aos custos para se chegar. A companhia aérea Lan Chile detém o monopólio, e os vôos são caros – ainda mais que você só pode chegar à ilha via Taiti ou Chile. A outra razão é o tipo das ondas. Como os rumores se espalham rapidamente, se este fosse um ponto de ondas idílicas, de fácil acesso, o crowd já teria chegado há muito tempo.

Laird Hamilton e sua equipe fizeram expedições por aqui em 1994 e 2001. O foco deles eram as direitas de Papa Tangaroa. Nas duas vezes em que vieram, eles acertaram em cheio – estava grande o suficiente para que um Brock Little de grande energia comentasse depois de uma sessão, em 94: "Esta é uma onda havaiana nota A". E eles pretendem voltar, pois tanto Laird quanto os locais sabem que esta onda pode ficar incrivelmente maior.

NA PÁGINA DE ABERTURA, MATAVERI, UMA DAS MAIORES E MAIS LONGAS ONDAS DA ILHA. NESTA PÁGINA, VELEIRO PASSANDO EM FRENTE À PRAIA DE HANGA ROA.



11 3688 1488

andreas eduardo
cangoo - bali

LONG ISLAND CONCEPTS

Ser dono da própria terra é para o povo de Rapa Nui um teste de persistência e força. Por volta de 1860, os comerciantes peruanos de escravos quase dizimaram a população, reduzindo-a a algumas centenas de pessoas. Com os problemas que este povo teve com os estrangeiros durante toda a sua história, não seria surpresa se eles fossem agressivos ou mais fechados. Mas ao contrário, estão entre as pessoas mais tranqüilas que você pode conhecer. Amam a sua terra, a sua herança e uns aos outros.

A história do surf local não é menos extraordinária do que os moais, enormes e misteriosas estátuas que são um símbolo da ilha. O surf existe há centenas de anos, e começou quando seus habitantes avistaram tartarugas deslizando sobre as ondas, achando aquilo divertido. Eles chamavam o surf de *haka honu*, que significa "tornando-se uma tartaruga". E há muitas lendas e mitos relacionados a essa transformação, como a do rei Tuki Haka Hevari, que teria morrido surfando em Papa Tangaroa.

Las tablas de Páscoa

As pranchas de surf modernas chegaram à ilha somente no final dos anos 80, o que é estranhamente tarde, se compararmos com outras ilhas distantes. A ditadura militar do General Pinochet sem dúvida manteve os surfistas viajantes afastados daqui. E agora vivenciamos o capítulo seguinte desta história, quando os ilhéus estão finalmente reunindo o equipamento e a experiência necessários para descer uma das "piores", ou melhores, ondas do planeta. Além de seus ancestrais, vale lembrar que eles são polinésios e possuem um amor especial pelo oceano. Num futuro próximo, poderemos ver os resultados dessas explorações. Apenas o cântico antigo de *O he'e ho* permaneceu o mesmo durante séculos – os surfistas de Rapa Nui o usam para chamar as ondas durante as épocas de calmaria.

Victor Ika é o surfista mais velho, com 31 anos. Eu o conheci surfando Motu Hava, na cidade de Hanga Roa, onde atualmente vive toda a população da ilha. Estava sol e ondas de 1,5 metro entravam lentamente no pico, e nós dois dividimos esquerdas e direitas, que fechavam muito rápido, por causa das pedras que afloravam repentinamente e de maneira nada amigável na água. Entre uma onda e outra, Victor declara estar contente por surfar e dividir ondas com um cara recém-chegado. Sentado no longboard, ele me conta o quanto aguardava pelo retorno da sua esposa brasileira e da irmã, Alicia, que estava morando na Califórnia. Alicia Ika surfou por muitos anos e é considerada a mulher mais talentosa da ilha. Ensinou o seu irmão mais velho a surfar há cerca de três anos em uma prancha tandem (para dois), chamada tabla supergrande. Victor me diz que se sente próximo dos espíritos quando surfa: "Amo a tradição polinésia, e estar lá naquela fração de segundo da onda faz me sentir como se estivesse em conexão com os meus antepassados. Essa é a principal razão pela qual eu surfo".

Logo ao lado de Motu Hava existe uma onda chamada Hanga Riva Riva, conhecida como "A Ervilha" (ou "The Pea", em inglês), quase sempre um abrigo para swells sólidos e direitas fortes. Quando o mar está pequeno e mais leve, produz direitas e esquerdas paradisíacas

para iniciantes. Esse é o campo de treinamento dos surfistas de Rapa Nui. Depois da aula e nos finais de semana, fica lotado de garotos e garotas, que se reúnem para destruir praticamente toda onda que aparece. A maioria deles surfa de bodyboard, simplesmente porque as pranchas de surf são mais caras e de difícil aquisição.

Para a primeira geração de surfistas modernos da ilha, a vida era muito diferente. Nos anos 80, eles ainda usavam pranchas brutas, feitas da madeira utilizada em portas. Antes de cada sessão, davam a curvatura necessária à prancha. Afundavam a prancha na água e colocavam uma pedra pesada sobre ela, deixando-a de molho por uma ou duas horas. "Minha primeira prancha de fibra de vidro eram dois pedaços de pranchas diferentes colados e, naquela época, era o melhor presente que você poderia ganhar", conta Christian Silva, acrescentando que a molecada de hoje em dia já pede pranchas melhores.

O embaixador não oficial do surf de Rapa Nui, Andrés Pakarati, diz que quando as primeiras pranchas de surf começaram a chegar havia uma longa lista de surfistas que queriam usá-las. "Após três ondas, era a vez do outro", conta. No começo, os locais tinham que confiar na generosidade dos surfistas de fora, que às vezes deixavam suas pranchas por lá. Mesmo atualmente é difícil conseguir uma tábua, e constantemente pede-se aos viajantes que vendam os seus equipamentos. Hoje existe uma loja de equipamentos para mergulho que vende pranchas importadas; o único problema é que são todas pequenas para o lugar onde as gunzeiras são uma verdadeira necessidade.

O cartão-postal da ilha

Os moais são a principal atração turística de Rapa Nui, porém eu não os conhecia até então. Numa manhã, alguém bate na minha porta: "Vamos logo, ou perderemos o nascer do sol", diz Nano Núñez, um bodyboarder que conheci no mar. Quando estávamos correndo a costa sul com a sua velha picape vermelha, Nano me contou que estudava turismo em Santiago, e que depois de se formar, planejava voltar à ilha para se tornar guia de turistas americanos e ingleses.

Chegamos a Ahu Tongariki, a maior plataforma de moais existente na ilha. Lá, 15 moais estão lado a lado, de costas para a onda de Hanga Nui. As estátuas são imensas, algo em torno de 10 metros de altura. Nano me explica que as guerras sangrentas levaram à queda de todos os moais. Porém, em 1992, os japoneses reergueram os 15 de Ahu Tongariki utilizando um guindaste. Muitas outras plataformas de moais na ilha foram reerguidas em épocas diferentes, enquanto outras ficaram no mesmo local em que foram derrubadas, séculos atrás.

Depois do passeio com Nano, acabei ficando bastante tempo no local, mais especificamente em Ranu Raraku, um pequeno vulcão de onde foram tiradas as pedras que eram entalhadas para fazer os moais. Muitos deles ficaram encravados na própria pedra, em diferentes estágios de confecção. Outros foram finalizados, mas não transportados ao seu destino, porque, quando as guerras começaram, o trabalho parou repentinamente. No final da tarde, quando há poucas pessoas por perto, o lugar fica incrivelmente calmo e perfeito para ser explorado.

OLHA A BARRA QUE SEGUROU TODAS AS ONDAS DO WCT 2003 EM FLORIPA.



Complemento alimentar perfeito para quem busca uma fonte protéica alternativa na alimentação diária.

É de fácil digestão e de alto valor biológico.

Possui vitaminas e minerais, essenciais para o bom funcionamento do organismo.

Excelente fonte protéica com baixo valor calórico.

CHEGOU BARSIZE. A BARRA QUE SEGURA TODAS AS OUTRAS. PARA ANTES, DURANTE E DEPOIS DO SURF.

O sol nasce, o dia amanhece, as ondas entram, você desperta e a correria começa. É escola, é trabalho, é academia, é praia, é curso, é estágio, é namoro, é balada. Haja disposição, força e energia. Por isso mesmo é fundamental uma alimentação equilibrada. Barsize é muito mais saudável, muito mais rica em elementos essenciais e muito mais gostosa. Vem nos sabores morango, chocolate, baunilha. Segure a sua barra e tenha mais energia no seu dia-a-dia.

BRASIL NOVA SKIN WCT
WorldSize
Apoiadora do WCT 2003

World
NUTRITIONAL TE
www.worldsize



A lenda de Tuki Haka Hevari

Havia um rei chamado Tangaroa que, após a guerra de Hotu Iti, foi morar em uma caverna chamada Ana Iti. Como todos os nobres, ele tinha um poder especial chamado *mana*. Usando seu *mana*, acabou concebendo espiritualmente uma galinha, que logo foi morta por outro clã dos guerreiros. Porém, no momento em que estavam removendo o intestino do pássaro, um menino chamado Tuki Haka Hevari saiu do ventre do animal – e mais uma vez o *mana* de Tangaroa se manifestava. Depois de algum tempo, o concebido Tuki Haka Hevari foi a Pua Te Ohe Ohe, na costa oeste, onde um grupo de homens surfava. Começou a cantar uma música em frente ao mar e, de repente, todos começaram a cair das ondas.

E Pua è
E Pua te ohe ohe
E Pua te nanaia
E tãma te ra'a
Hiro rayi paku paku
Rua hie
Hati mai ena
Hati hati pù

*Há um jovem deslizando
sobre a crista da onda
Agora está indo em direção ao céu
O sol – A prancha
Rua hie!
A onda se desenrola
Está lisa
Perdeu a sua força*

Logo, os surfistas o encontraram e deram-lhe uma surra. Depois disso, o menino se escondeu em uma caverna submarina, onde pintou uma tartaruga na parede usando o próprio sangue. Sentindo-se fraco, sentou em cima de um tronco de madeira e, flutuando para a costa sul, foi até Hanga Nui, perto de Hoku Iti. Chegando lá inconsciente, foi acolhido por duas irmãs que o levaram para casa até que ficasse forte novamente. Mais saudável, construiu um jardim de pedras e *taro* (uma raiz típica da Polinésia), com bananas e cana-de-açúcar, para recompensar o que as garotas tinham feito por ele. Depois disso, pediu que se construísse um *koro paina*, tipo de trono em que apenas

os reis são transportados. "Cortem os *taros*, as bananas e a cana-de-açúcar e tragam frangos. Quero voltar para o meu pai", disse Tuki Haka Hevari. Nesse momento todos começaram a rir, já que não sabiam que aquele menino era um rei. Então, usando seu *mana*, fez as paredes do jardim caírem, construiu seu *koro paina*, e todos passaram a acreditar nele. Tuki Haka Hevari então voltou ao seu pai, e logo começou a surfar. Mas o desastre estava por vir, pois o jovem e mítico rei logo morreria surfando a grande onda, denominada Papa Tangaroa, o lugar de seu pai.

• Pesquisa de Christina Walter Hucke.

O localismo mais saudável do planeta

Chega a Páscoa, e eu estou de ressaca, quando descubro que acontece uma festa cristã – Festival de Sandia – do outro lado da cidade. Sem pensar muito, caio nessa. No caminho, dou uma olhada no mar e visualizo algumas linhas bem certas. Finalmente está entrando um swell decente, e aqui estou eu, em uma van a caminho de uma festa cristã. A comida é bife e melancia. Engulo alguns pedaços da fruta, e vou correndo para casa, pegar a minha bike e checar Mataveri. Eu tinha visto uma foto do pico na parede da casa do Andrés – linhas verdes e longas arrebentando; pareciam ser o elo entre os diferentes tipos de ondas da ilha. Os points em Rapa Nui podem ser muito fortes e grandes, ou muito pequenos, porém todas as sessions são curtas. Mataveri é longa, e mesmo que fique grande e potente, é sempre mais surfável do que as ondas da costa sul.

Quando chego ao pico – que antes estava deserto –, uma hora depois, já há 20 locais na água e alguns peruanos. Com a mudança de maré, vai ficando sólido, e as suas longas sessões vão quebrando rápido. Um cara de Pico Alto, Pedro Klima, está dropando ondas de cerca de 18 pés plus. Ele e o seu amigo Tomy Dragich são os únicos surfistas estrangeiros que conheci na ilha durante as sete semanas em que estive lá. Os jovens Petero Teao e Chinamu Arevalo também encaram, desenhando linhas rápidas nas paredes de Mataveri. Para você entender a situação do surf jovem e moderno em Rapa Nui, essa era a estréia para mais de metade dos locais que estavam no outside naquele dia. Infelizmente, Mataveri é uma onda inconstante, e não quebrou novamente até eu ir embora. Petero Teao (que por alguma razão insistia em dizer que eu o chamava de Petrescu, mesmo que o seu nome fosse um mistério para todos), é um dos mais novos surfistas da segunda geração dessa nova era.

Para o progresso, do surf local de Rapa Nui, surfistas como Petrescu não podem ser esquecidos, como aconteceu no passado, assim como a maior lenda viva do surf na ilha – Ali Fletcher –, que já não surfa mais. “Dê a Ali uma prancha e ele fará mágica com as ondas”, Victor nos diz. Ali Fletcher surfou todos os picos da costa sul da ilha, inclusive Papa Tangaroa, e algumas vezes até mesmo sozinho, porém o motivo de seu abandono até hoje não é claro. Muitos deixaram Rapa Nui para estudar em Santiago ou por outros interesses. As limitações das pranchas de madeira sempre restringiram grande parte dos locais às fracas ondas de The Pea ou Motu Hava. Os outros picos exigem equipamentos melhores (embora Ali Fletcher tenha surfado as potentes ondas de Viringa o Tuki em um pedaço de madeira). Sem espaço para progredir, era normal que quase todos desistissem muito cedo. “Nossa geração foi a primeira. Antes, havia grommets, mas todos eles paravam com cerca de 15 anos”, conta René Varas, um dos melhores surfistas de Rapa Nui, determinado a ajudar a cultura surf a crescer no local. René quer ser o primeiro a oferecer uma surf tour pela ilha. Atualmente ele está dando acabamento nas unidades de apartamentos que ficam na propriedade de sua família. A idéia é que os surfistas venham para ficar no seu “hotel”. Quando as ondas estiverem boas, ele mesmo levará a galera na sua 4WD para surfar. Se os surfistas preferirem, poderão alugar um carro. “Mas podemos ir juntos, e eu os levo para os lugares onde quebram as ondas”, afirma René. “Nós sempre vamos com amigos para a costa sul, nunca sozinhos. E se estiver flat, vamos pescar e mergulhar, ou fazer trilhas, explorando os três vulcões da ilha, as cavernas, os tubos de lavas e, é lógico, os moais. Há muito que fazer aqui.

NA PÁGINA ANTERIOR, O PERUANO PEDRO KLIMA SURFANDO NO DIA EM QUE MATAVERI QUEBROU 18 PÉS. NESTA PÁGINA, ALGUNS MOAIS CRAVADOS NA TERRA; ALICIA IKA, UMA DAS PRINCIPAIS SURFISTAS LOCAIS EM HANGA RIVA RIVA; RAFAEL VARAS EM MOTU HAVA. NA PÁGINA AO LADO, PAPA TANGAROA, O CENÁRIO DA LENDA DE TUKI HAKA HEVARI; ANAKENA BEACH, UMA DAS ÚNICAS PRAIAS COM FUNDO DE AREIA DA ILHA DE PÁScoa.



55 11 6989 4420

www.flojos.com.br

Todos os dias merecem ser assim

Flojos

Mexpipe

Cocktail Turquesa

FOTO: MOTAURY



A força das ondas de Rapa Nui

Os dias de ondas pequenas em Motu Hava se vão. O vento finalmente começa a virar. René e Rafeal Varas, Christian Silva e Wilo Teao me buscam e vamos em direção a uma onda da costa sul, chamada Pakaia. Está quebrando de modo regular e forte, mas ainda longe de ser perfeita. Diferentemente de muitos picos, Pakaia quebra no fundo. É a segunda vez que estou indo para lá. Uma semana antes havia ido com Tomy – um dos peruanos. Tomy rema para o outside com uma 8'0", e é aniquilado na primeira onda. O leash arrebenta e a prancha vai direto para as pedras. Ele tem que nadar e voltar à cidade para pegar outra cordinha, depois retorna para o pico e pega uma dúzia de ondas antes de escurecer. No segundo dia, as ondas estão bem perigosas para René, Christian e Wilo, e pedindo guns. Rafael, displicente quanto à força das ondas como geralmente são os jovens, está com uma 6'4". René e Christian surfaram Pakaia pela primeira vez há alguns anos e já voltaram uma dezena de vezes.

"Pakaia é mais seguro", afirma Christian. "Talvez quebre o seu pescoço, mas você não encontrará uma pedra. Quando você surfa aqui, sente alguma coisa estranha. Nós percebemos logo na primeira vez em que entramos, com o brasileiro Carlos Burle. Eu estava com uma 6'6", entrei na água, mas fiquei apenas assistindo. Meu sonho é pegar um tubo enorme em Pakaia e surfar aquela onda muito bem", ele diz. Christian, Rafael e René pegam ondas fortes, e dessa vez é a chance de Wilo ganhar experiência, mas ele prefere fazer pesca submarina junto com René, a 35 metros de profundidade. "Eu respeito Pakaia mais do que as outras ondas. É sempre potente, e se não quebrar a sua prancha, vai danificá-la de alguma forma", alerta o surfista. Antes de surfar essa onda, Christian fala com os espíritos. Pede que tomem conta dele e de seus amigos, e os avisa que está lá apenas para surfar: "Aqui você deve respeitar o *tapu* (um lugar familiar que não é seu)", diz Christian.

Alguns dias depois dá onda novamente na costa sul. Um swell grande varre Papa Tangaroa, e as ondas têm 40 pés de face, formação regular, e grandes tubos se formam conforme elas explodem e quebram sobre uma bancada de pedras vulcânicas. "Onde estará Laird?", eu me pergunto, esperando que algum dia ele retorne para pegar esta onda no seu melhor dia. "Tangaroa é louco, e apenas para as pessoas que querem morrer", brinca René. "Se você vacar o drop, as coisas podem ficar sérias, porque Te Papa (a plataforma de pedra) é rasa. Ainda não estou pronto para ela. Preciso de uma gun 9'0" e mais experiência. Mas é lógico que com jet-ski seria bem melhor".

Ao longo da costa existe a onda mais segura da costa sul de Rapa Nui. Com parede gorda, Viringa o Tuki é grande, forte e movimentada muita água. É preciso ter volume para pegar as ondas de lá – longboards ou gunzeiras grossas. Andrés Pakarati explica que é preciso uma prancha diferente para cada onda da ilha. "Agora, como não possuímos tantas, utilizamos as que temos. Talvez, se houvesse um shaper por aqui, conseguíssemos ter as pranchas que precisamos para evoluir," conta ele.

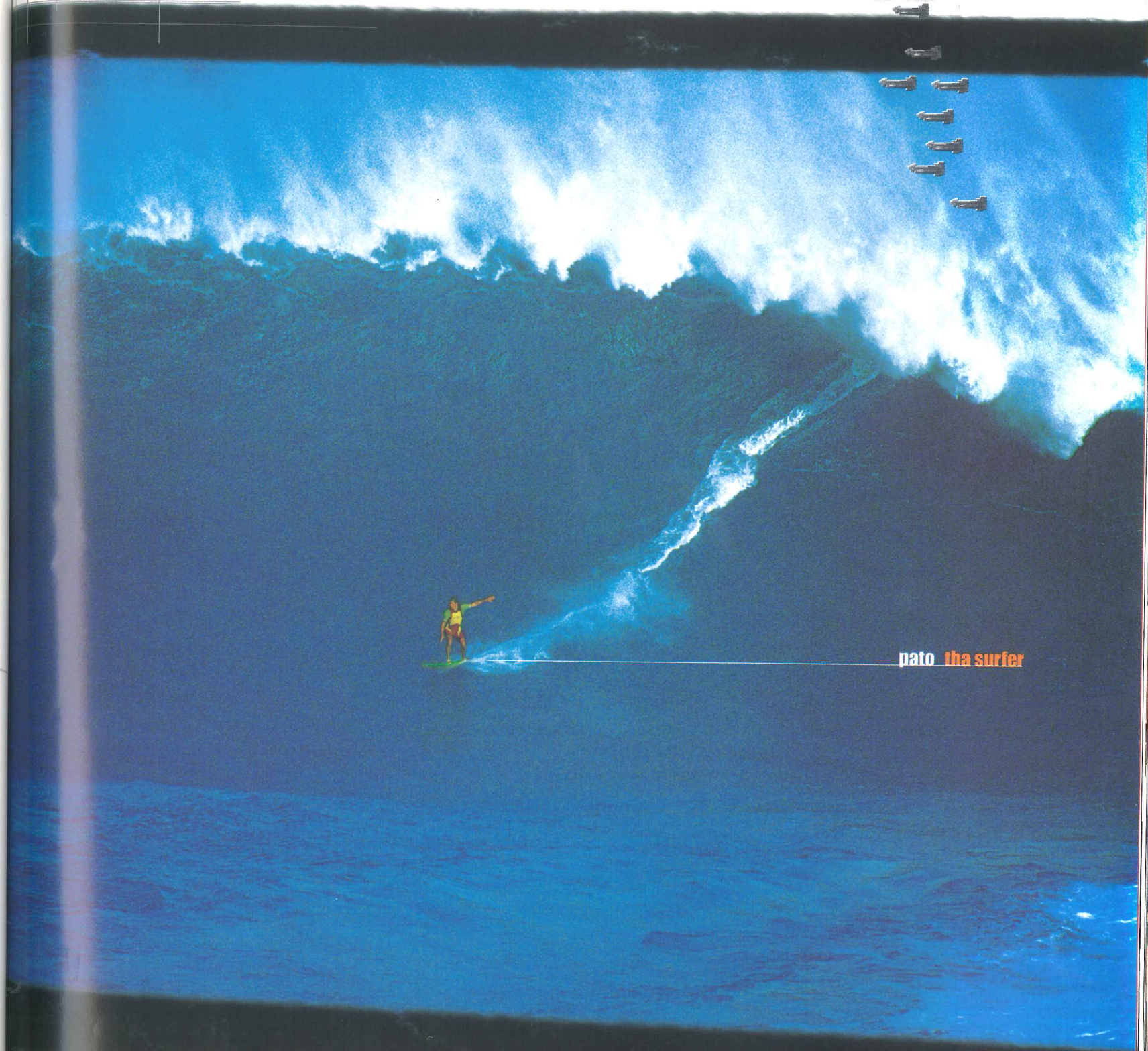
Longe do centro de Hanga Roa, a ilha é deserta, com centenas de cavalos rondando pelas terras. Nos picos mais altos de Terevaka ou Poike, é você e mais ninguém olhando sobre o Pacífico. Há uma energia aqui que afeta e dificulta a sua partida. É uma corrente potente, mas sutil. Você pode senti-la entre os moais, nas ondas e em toda a ilha. Por isso alguns chamam este lugar de Te Pito o Te Henua – "O Umbigo do Mundo", e certamente é o abrigo de umas das mais antigas histórias do surf, e das mais novas também. "Como um amigo chileno nos disse uma vez: vocês, garotos, a sua geração, será a responsável por pavimentar a estrada que começou a ser construída", lembra Andrés. Mas não se preocupem, os surfistas de Rapa Nui estão trabalhando duro para manter a antiga trilha aberta às futuras gerações.

NESTA PÁGINA. PAPA TANGAROA. NA PÁGINA AO LADO, WILO TEAO NAS POTENTES ONDAS DE VIRINGA O TUKI; AHU TONGARIKI, A MAIOR PLATAFORMA DE MOAIS DA ILHA.





jaws tha bomb



pato **tha surfer**

BULLY'S
tha . equipment

SURFER: RODRIGO "MONSTER" REZENDE - PHOTO: BRUNO LEMOS



Handwritten yellow text: "X-AIR" with an arrow pointing to the helicopter, "X-WAVE" with an arrow pointing to the ocean, and "X-RACE" with an arrow pointing to the surfer on the right page.

WWW.XTREMERADICAL.COM.BR

Handwritten yellow text: "VOCÊ TAMBÉM É UM" (You are also a...)



Handwritten yellow text: "X-MONSTER" with an arrow pointing to the surfer.

Handwritten yellow text: "X-RACE" with an arrow pointing to the surfer.

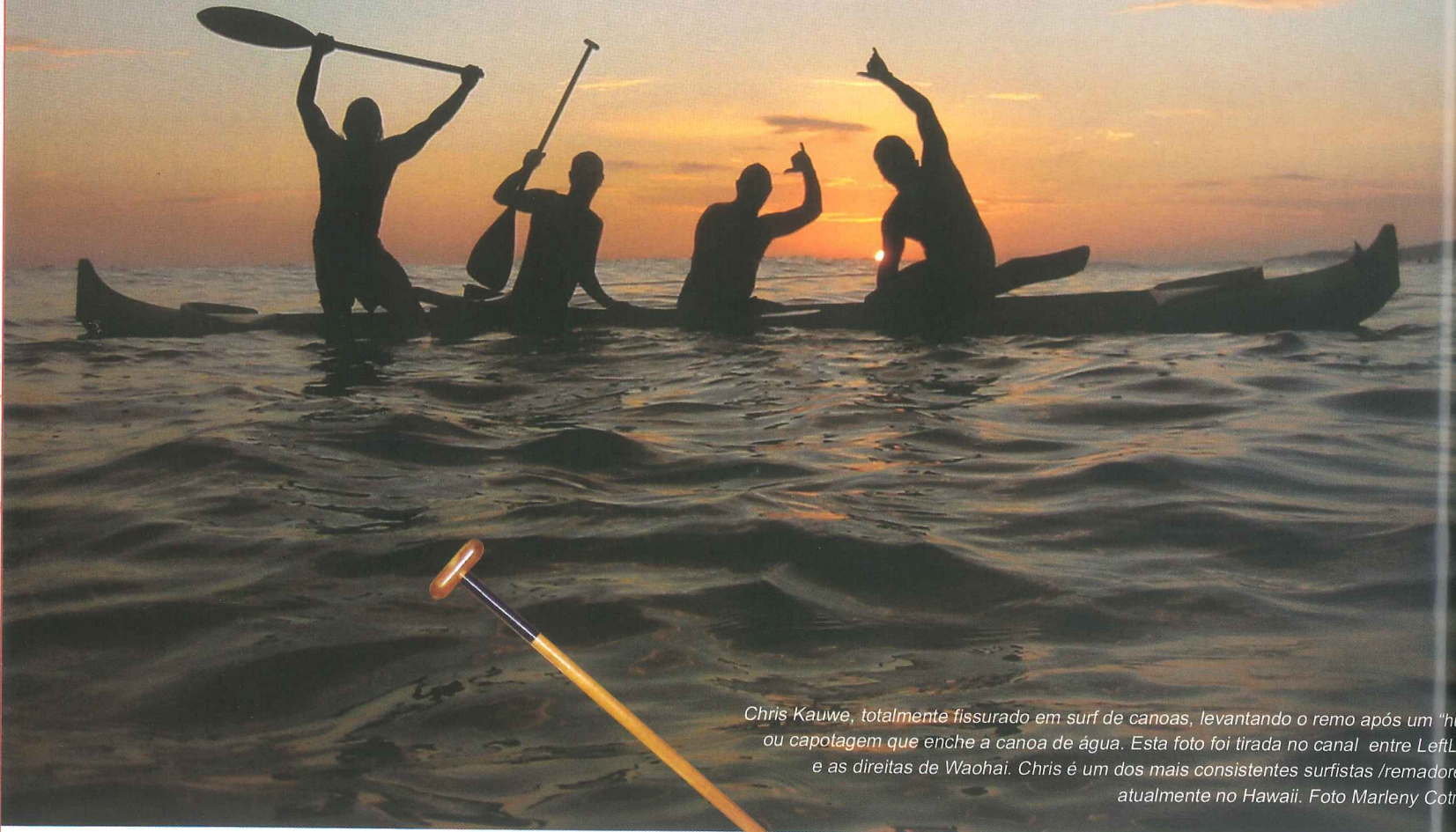


X-TREME RADICAL SPORT VISION logo

Alphaline BRASIL Central de Vendas 300 - 7041990

www.xtr.com.br

HAWAII



Chris Kauwe, totalmente fissurado em surf de canoas, levantando o remo após um "hulou" ou capotagem que enche a canoa de água. Esta foto foi tirada no canal entre LeftLe e as direitas de Waohai. Chris é um dos mais consistentes surfistas/remadores atualmente no Hawaii. Foto Marleny Cotrim



Texto e design por Andre Cotrim

A canoa é o objeto mais importante na sociedade polinésia, e em alguns arquipélagos ainda é a peça central da atividade econômica. No caso do Hawaii, a canoa foi a responsável pelo sucesso das migrações transoceânicas, seu assentamento e subsequente povoamento do Hawaii. A manufatura de cordas a partir da fibra do coco, o corte de madeira em florestas altas, a manufatura de ferramentas, a pesca e a troca de mercadorias giravam em torno da canoa e de um galpão chamado Hale Wa'a, ou casa das canoas. Toda a atividade econômica das ilhas havaianas dependia diretamente das canoas.



Cordame e borrachas de pneu para amarrar

Yakos ou peus para amarrar a canoa ao ama

Posicionando os yakos na distância correta

Amarrando os yakos com as borrachas

Amarrando a estrutura ao ama com as cordas

A escolha da árvore apropriada era uma atividade religiosa e secreta. Somente kaunas da mais alta linhagem de conhecimento e prática eram eleitos para essa atividade específica. O início do processo, que poderia levar até 10 anos, dependendo do tamanho e do destino da canoa, era uma reunião com orações e cantos pedindo conhecimento e permissão aos antepassados para a escolha da árvore apropriada.

Esse assunto é tão vasto que creio ser merecedor de um livro e não de um breve artigo em revista. Quem sabe num futuro próximo não escrevo um livro para publicar no Brasil, sobre canoas de surf e travessias. Espero que este artigo gere interesse a ponto de alguém no Brasil se dedicar a desenvolver esse esporte e, posteriormente, até competir no cenário internacional.

Enfim, tenho me dedicado muito a estudar as inúmeras aplicações dos vários modelos de canoa no Hawaii e no Taiti. Sempre que tenho oportunidade, fotografo e passo um tempo a bordo da famosa Hokule'a, que numa travessia fatal reclamou a vida de Eddie Aikau.

Muita gente da minha geração provavelmente se recorda do trailer de abertura da série *Hawaii 5.0*. A cena da canoa é um ícone da cultura havaiana. Estas canoas, no passado, eram construídas em koa, uma madeira nobre, bem dura e vermelha. Hoje em dia, a fibra de vidro e a resina epóxi são os materiais aplicados, usando-se a mais novas tecnologias de laminação a vácuo. Porém, as formas e técnicas de uso são essencialmente as mesmas, assim como no surf a coisa se refinou e adquiriu extremos tecnológicos, mas a alma antiga ainda brilha. Os clubes de todas as ilhas do arquipélago ainda hoje ensinam várias práticas desenvolvidas através desse milênio.

As canoas de travessia eram preparadas com uma técnica de amarração que lhes permitia adaptar-se ao movimento das ondas, sem se transformar num objeto totalmente rígido na água, a ponto de, numa fatalidade ou em mau tempo extremo, a canoa poder ser "reamarrada" dentro da água, ou seja, a ponto de ser praticamente impossível o afundamento. Obtive essas informações num livro muito bom, que recomendo aos interessados, chamado *The Hawaiian Canoe*, publicado aqui no Hawaii por Tommy Holmes, que faz um completo relato da cultura da canoa. Enfim, eu tinha minhas dúvidas e imaginava que tal possi-





Marvin Otsuji e o seu time, que recentemente foi usado num documentário incrível sobre canoas e surf para o Discovery Channel. Web foto Greg Davidge



Napali Challenge: 6 horas remando e surfando o swell. Foto André Cotrim

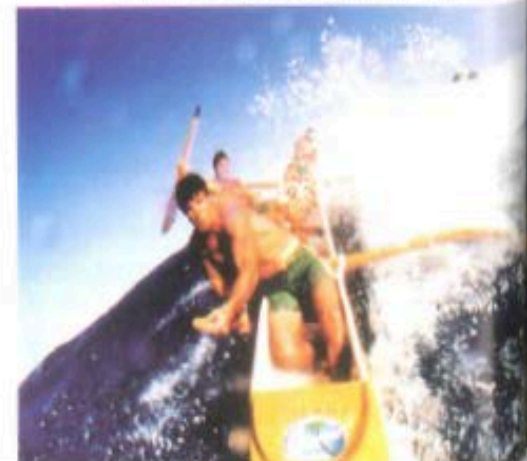
Uma canoa modelo Bradley, prontinha para longa distância. Hanalei' Kohwaik. Foto André Cotrim



Abaixo: Archie Kalepa e sua gang desafiando Makaha com tamanho. Você faz a medida. Foto Arquivo pessoal Kalepa



Os irmãos John e Jim Folt, excelentes remadores de regata, também surfam. Web foto Arquivos Fotibros.com



bilidade fosse baseada em alguma lenda ou relato esporádico. Porém, num dia de verão, sai acompanhado de minha esposa, que rema em longa distância, e de um amigo, timoneiro experiente, Chris Kauwe (chave na hora do drop). Resolvemos surfar umas ondas de no máximo 10 pés de face, num pico chamado First Break. Essa é uma onda pesada para a direita, mas com é uma onda de passe num canal e as canoas são muito velozes, fomos em frente... Fizemos um escolha errônea e, em vez de dropar as ondas ao final do set, pegamos a segunda da série. Fizemos a onda, apesar de sermos apenas três remando, mas o timoneiro tirou a canoa da onda um pouco cedo demais. As ondas do set continuaram vindo, e de repente nos vimos embaixo de uma considerável massa d'água. Na terceira onda do set, a canoa estava em quatro partes...

Após uma meia hora nadando, juntamos tudo de novo, meio de qualquer jeito, mas saímos da água remando. Após essa experiência, aprendi muito com remadores de outras ilhas e descobri a razão de ser das várias partes da canoa. Existem muitos relatos dos primeiros visitantes europeus ao Hawaii sobre a velocidade e o desenho das canoas. James Cook chegou a medir a velocidade das canoas e a afirmar que seria simplesmente impossível tentar persegui-las com uma embarcação "moderna", usando toda a capacidade vélica. O comentário é bem direto: a partir de um ponto comum, as canoas podem velejar 3 milhas náuticas para cada duas de uma embarcação europeia contemporânea.

Hoje em dia existem várias categorias no esporte. As canoas de surf OC4, usadas em Waikiki, Makaha, Poipu, Hanalei e Kalapaki são mais manobráveis, porém bem mais difíceis de controlar. As canoas OC6 são usadas em competições de distância e travessias entre as ilhas, com o acréscimo de uma vela carangueja (ou crab claw) para auxiliar a propulsão. O controle, no entanto, ainda é feito por um remo grande, colocado de um lado ou de outro, de acordo com o vento e, claro, com o swell.

Este é um esporte totalmente ligado ao surf. As primeiras pranchas de surf foram certamente canoas que racharam durante a construção ou árvores que não tinham profundidade suficiente para uma canoa completa.

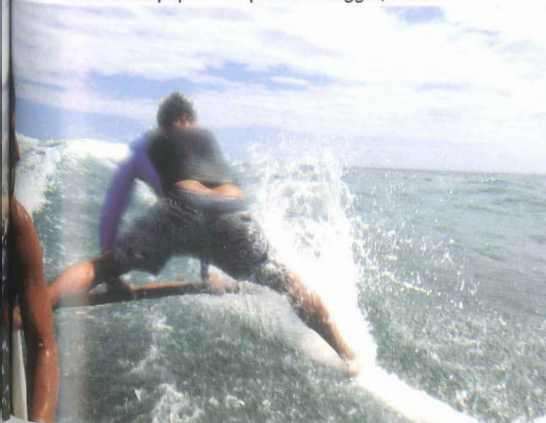
Existem também canoas para apenas uma pessoa ou duas. São baseadas nas canoas de pesca, mas estão se transformando numa espécie de Fórmula 1 das canoas oceânicas. São difíceis de manobrar, extremamente delicadas e com um visual muito refinado. Por serem superleves, atualmente estão sendo usadas em competições no mundo inteiro. Os australianos, os taitianos e os neozelandeses seguem de perto os havaianos no aperfeiçoamento dessa modalidade. Em Hokule'a, o bote inflável de suporte é substituído por uma canoa pequena, mas totalmente radical.

Antes da derrubada de qualquer árvore, fosse para construir uma canoa ou prancha de surf, faziam-se oferendas ao pé da árvore a ser abatida. Um peixe de certo tipo, envolvido em folhas da planta ti ou ki (*Cordyline fruticosa*) era enterrado ao lado da



Fotos de surf em canoas ainda são raras, mas estão começando a rolar. Nas duas acima, os irmãos Fosti mostram disposição e talento. Foto Fotibros.com

Início do drop: pulando para o outrigger, ou ama



Começando o drop



Troca de posição para inciar o surf no outrigger. Fotos Marleny Cotrim





Travessia Molokai/Oahu: ao fundo, a costa leste de Oahu. Honolulu fica atrás da pequena montanha, à esquerda....

árvore, conectando o oceano à floresta.. Essa planta foi uma das primeiras espécies introduzida no arquipélago pelos viajantes filhos de Tangaroa Tane, Ti e Rongo, o povo Kanaka Maoli. Várias plantas da flora original tinham como primeira finalidade o uso na construção de canoas e seus apetrechos.

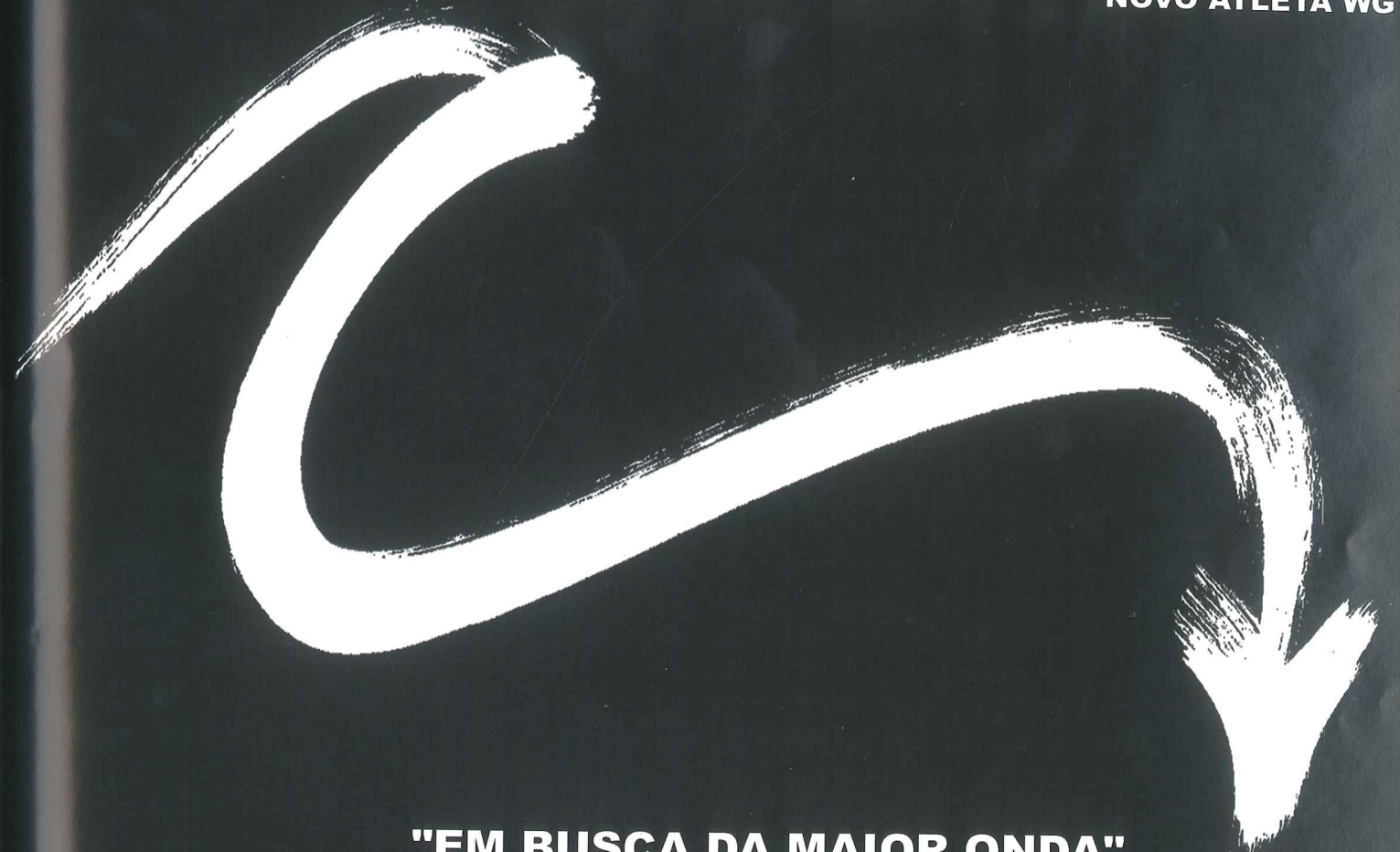
As canoas são parte da vida cotidiana dos habitantes das ilhas. É comum olhar para o oceano em certos lugares no Hawaii, no final de tarde, e observar várias canoas em treino nos meses de fevereiro a setembro. Depois do surf, o remo em canoas é o esporte mais popular, para ambos os sexos. Os times femininos são definitivamente mais numerosos, pois esse é um esporte que mantém as mulheres daqui em atividade física até uma idade bem avançada. O esporte e a cultura das canoas há muito se alastrou para a Califórnia, Austrália, e até na Europa já existem competições e clubes totalmente dedicados a essa variante cultural havaiana. Assim como a hula no Japão se tornou uma prática extremamente popular por suas conexões espirituais, o remo havaiano está sofrendo uma imensa fase de renascimento. Muito em breve sei que alguém no Brasil vai acabar importando algumas bradleys (desenho original havaiano modificado na Califórnia) ou malias para iniciar um clube que certamente poderá vir a conquistar fama nas águas havaianas. A baía de Guanabara é ideal para o treino, mas



Em Kona Big Island o mesmo time "Kaiola" no início de uma regata de longa distância, considerada mais extenuante do que a travessia de Molokai.

ERALDO GUEIROS

NOVO ATLETA WG



"EM BUSCA DA MAIOR ONDA"

wavegiant



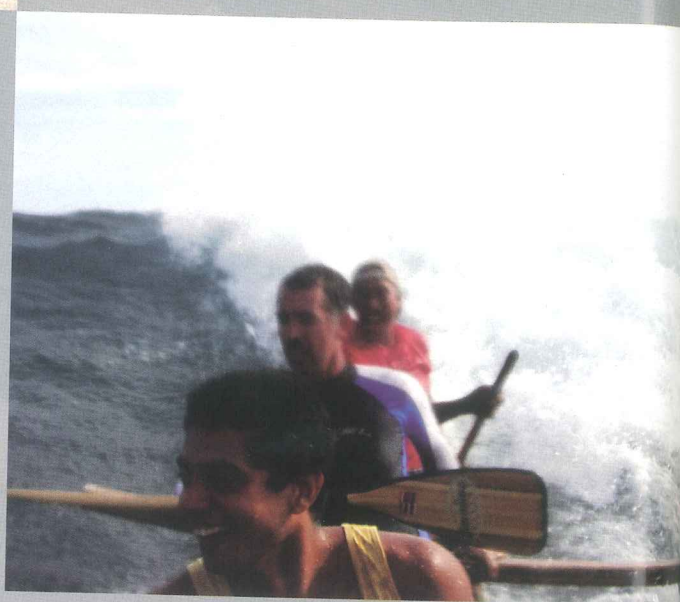


Ao lado, uma visita a Makaha para conferir a nova canoa desenvolvida em Oahu pela Outrigger Connection, especificamente para surf. Esta canoa pertence ao MCC, Makaha Canoe Club, e pode ser vista também na foto do final da matéria num drop irado. Calcule o tamanho da onda pela canoa, que tem quase 5 metros de comprimento.

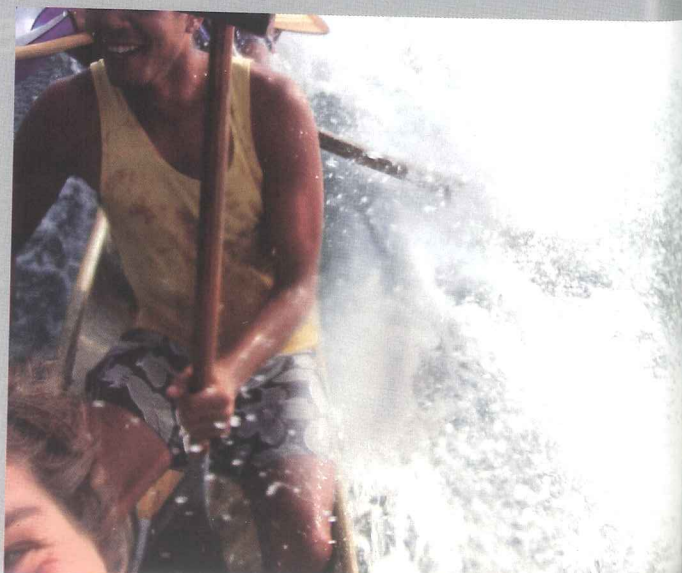
Abaixo, um drop em First Break num dia pequeno. As faces da onda não tinham mais do que 2 metros; note a cara do sujeito de camisa amarela sorrindo no início do drop e analise a expressão dele na foto seguinte, quando a onda começa a levantar... Confira o ângulo da canoa. Fotos Marleny Cotrim

certamente o Guarujá vai ser o primeiro foco de propagação do esporte no Brasil. Florianópolis, no entanto, tem um potencial absurdo tanto para o surf como para a longa distância... No final deste artigo indico alguns websites para a galera se aprofundar mais e começar a se mover na direção certa para começar a febre no Brasil.

Esta matéria é apenas a pontinha do iceberg. O surf, o mana e a canoa havaiana são parte de um mundo sagrado que manteve esses esportes, praticados há milênios, até os dias de hoje, como integrantes da cultura de praia. Tenho remado e surfado em canoas nos últimos seis anos, e tive a oportunidade de dar uma mãozinha na construção de uma canoa de travessia em Kauai, que é uma escola de navegação oceânica que utiliza as tradições polinésias de leitura do oceano e das estrelas. A primeira viagem vai ser feita ao arquipélago de Palau, na Micronésia. Essas canoas enormes, com tripulação composta por arqueólogos, antropólogos e estudantes das práticas tradicionais, são a ferramenta principal para a manutenção e o ensinamento da cultura kanaka maoli. Estamos vivendo numa época em que muitas línguas e antigos costumes estão se perdendo com o falecimento dos antigos conhecedores da essência da alma criadora, em vários pontos do planeta. Os havaianos ainda não se extinguiram, tendo muito a ensinar sobre equilíbrio ambiental e práticas naturais. Uma porção de técnicas que poderiam se perder são mantidas por meio desses esportes com raízes na convivência diária com o oceano. Os havaianos criaram um sistema incrível de convivência chamado ahupua'a, mas isso infelizmente é assunto para outro artigo... O fato é que até o tamanho das árvores existentes em algumas áreas das ilhas era controlado para fornecer



Após o drop, fica tudo nas mãos do timoneiro, que usa o remo como quilha para manter a canoa na parede da onda. Um huli ou capotagem numa onda sobre a bancada de coral pode ter sérias e fatais conseqüências.



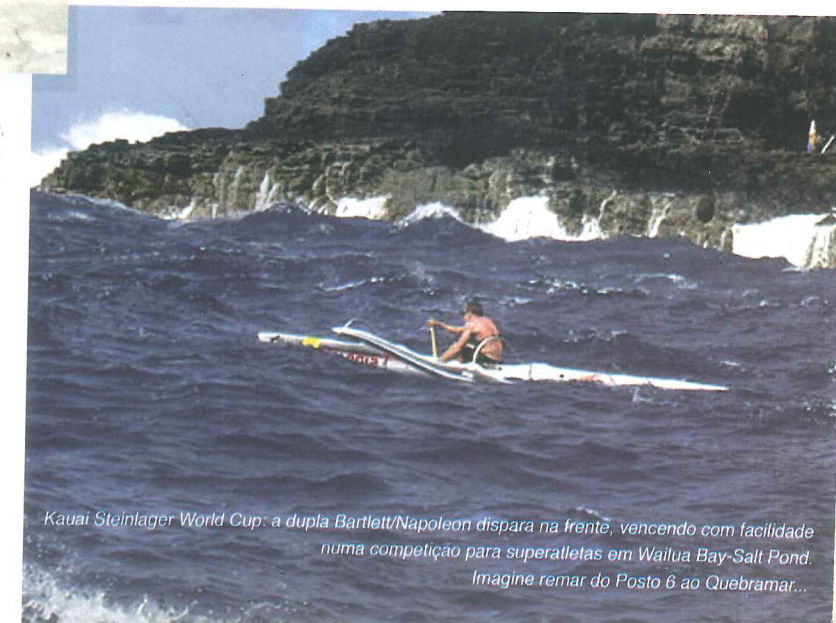
certas partes necessárias às canoas. Coqueiros para fazer cordas e velas, koa para o casco e hau para o ama, aquela peça lateral em forma de banana, kukui para fornecer óleo para o polimento e várias pedras e corais, com diferentes graus de porosidade, para lixar ou fazer os machados necessários ao shape das canoas e pranchas. Essas florestas estão quase extintas e se restringem a áreas de difícil acesso. Atualmente as canoas de madeira mais pesadas fazem parte de uma categoria especial que tem o apelido de ferro. Não é necessário explicar o porque do apelido. A classe koa ainda é mantida com a intenção de conservar as tradições, e somente a turma fissurada participa das competições e travessias em malias totalmente construídas em madeira. A cultura da canoa é infinita. Quem gosta de praia e água salgada se apega ao esporte e à cultura rapidamente, pois, além de ser um desafio, é muito divertido. As canoas podem ser usadas praticamente em qualquer condição, basta saber nadar. É claro que para encarar o surf a coisa fica um pouquinho mais complicada. Controlar a canoa é a chave, pois o remo faz o papel de quilha e, se o timoneiro não é experiente, a canoa huli, ou seja, vira, na língua havaiana. Espero que esta pequena matéria abra uma porta para uma coluna ou seção relativa a essa categoria de surf. As canoas também servem como meio de



Lori Denton, já bem além dos 40, manda brasa na classe Single, treinando para longa distância com o time das melhores remadoras fora da capital. Foto Cotrim



Acima: travessia Kahului-Kaanapali em Maui, durante o Kahakuloa Challenge. Time velejando a canoa "Kamakakoa", com o capitão Marvin Otsuji lutando pela liderança. Web foto Greg Davidge



Kauai Steinlager World Cup: a dupla Bartlett/Napoleon dispara na frente, vencendo com facilidade numa competição para superatletas em Wailua Bay-Salt Pond. Imagine remar do Posto 6 ao Quebramar...

acesso a certos points aos quais de outra maneira seria quase impossível chegar sem a longa remada, com a vantagem de que os yakos, ou vigas, que conectam o casco ao ama servem de rack para arpões e pranchas.

Existem centenas de websites com informação sobre a canoa de oceano. Os mais completos são:

www.outriggercanoe.com; www.y2kanu.com;

www.outriggerconnection.com; www.kanuculture.com;

www.holopunicanoes.com; www.outriggerpro.com; www.kialoa.com;

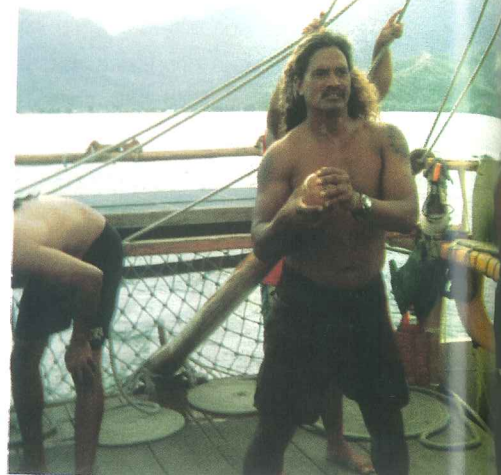
www.pacificpaddler.com e, claro, o site mais importante de todos, o da

Sociedade Polinésia de Travessias: www.pvs-hawaii.com.

O nome dado a este remo é bem próprio, "Eddie Aikau", honrando o navegante surfista que perdeu a vida durante uma tragédia no mar similar às que os primeiros navegantes polinésios certamente presenciaram.



Professor Dennis Chun antes da partida para as ilhas do Noroeste, onde ao lado de Philippe Custeau, o Hokule'a participa de um projeto de levantamento ecológico.



Titus Kinimaka timoneando o Hokule'a. Todos os tripulantes da canoa conquistam suas posições através de uma forte conexão com a cultura e experiência na água.
Foto Arquivo Kinimaka

A samambaia sagrada, chamada Lawai no Hawaii, decora a proa da canoa para mais uma viagem. Nas ilhas, as canoas também recebem leis, assim como os indivíduos, elas possuem alma e mana.
Foto Andre Cotrim



Off Siren

Naturalmente Livre

www.offsiren.com.br • (11) 6674 2964

Esses são apenas alguns dos mais ativos, com dicas de equipamentos e uma noção geral. Existem também sites históricos, com informação sobre as travessias. Vale a pena dar uma conferida no último endereço, pois os povos da Polinésia já tinham o controle de uma vasta parte do planeta muito antes dos europeus. Esse conceito é muito importante para entender que é possível haver compatibilidade entre as coisas, que a tecnologia pode ser usada em harmonia com o meio ambiente. Tenho a impressão de que com o estudo das migrações no Pacífico se pode aprender muito, e as canoas, nesse caso, são as escolas em movimento, provando que a harmonia com o ambiente e observação do oceano muitas vezes superam a necessidade de equipamentos sofisticados. Quem estiver curioso sobre as origens dessa "cultura da canoa" deve procurar saber mais sobre um camarada chamado Nainoa Thompson, o Navegador... Espero que este breve artigo desperte a curiosidade da galera da *Alma Surf*, e ajude a iniciar um novo movimento nesse sentido no Brasil, com tanto mar, praia e sol.



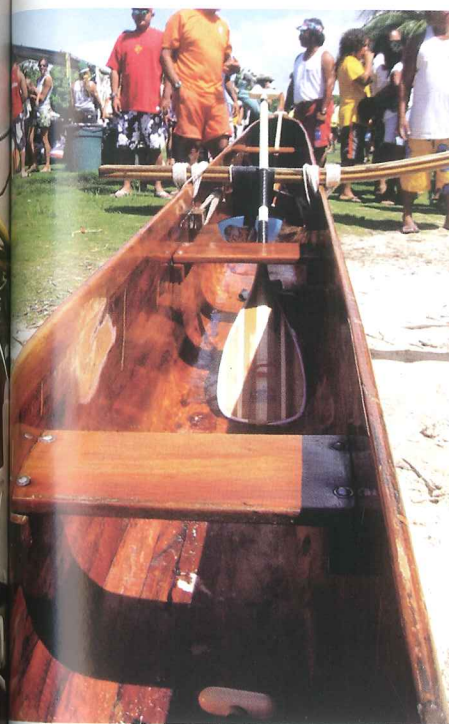
O lendário "Navegante" Nainoa Thompson na hora da partida para mais uma travessia, desta vez em direção às ilhas menores da região noroeste do arquipélago. Juntamente com um grupo liderado por Custeau "filho", os havaianos participam de um documentário sobre migrações polinésias. Foto Marleny Cotrim



Hokule'a, a canoa escola que iniciou o movimento de renascença da cultura navegante num sonho de alguns poucos dedicados. Esta canoa de viagem representa as mais profundas raízes da cultura polinésia. Os primeiros surfistas da história, séculos antes de Cristo, navegaram o oceano Pacífico em embarcações similares até as ilhas do Hawaii, Marquesas, Taiti, Fiji, Tonga, Nova Zelândia e Ilha da Páscoa, em migrações consecutivas, num tempo em que europeus ou asiáticos não se aventuravam a mais do que alguns quilômetros de costa em qualquer parte do planeta. Foto Andre Cotrim



Regata em Kihei Lagoon Oahu, uma canoa modelo malia, construída em koa usada em competições a ferro, ou seja, sem descanso e com muita disposição, pois são muito mais pesadas do que as de fibra. Algumas destas canoas têm quase 100 anos de vida, sendo usadas apenas em Oahu, em ocasiões muito especiais. Estas são usadas como base para os moldes de novas canoas Foto Marleny Cotrim

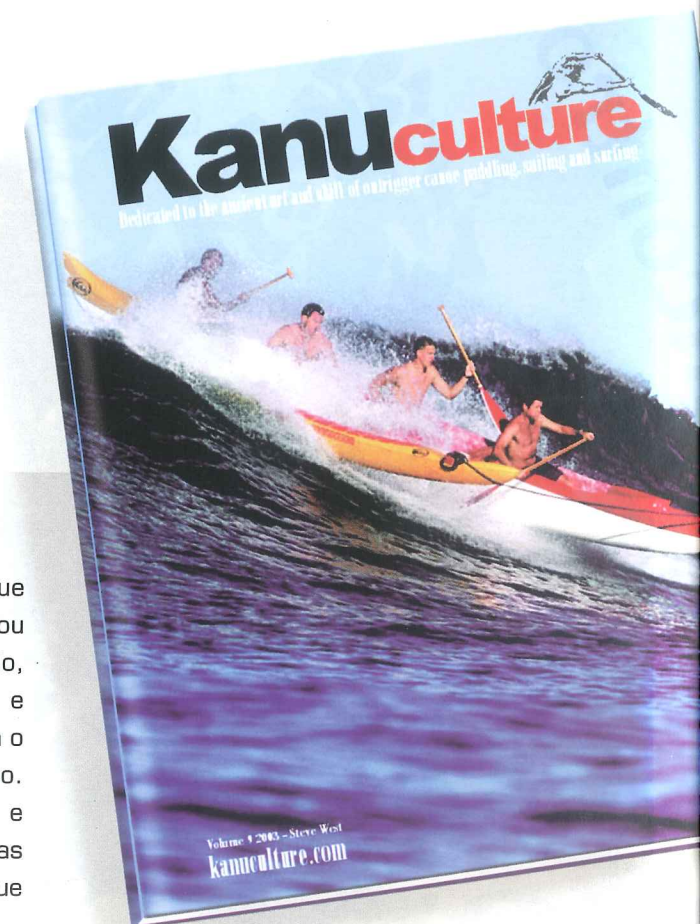


Para finalizar, creio ser importante mencionar que o que chamamos espírito de aloha não é apenas uma alusão ou saudação, é uma maneira de viver que está se extinguindo, mantendo-se apenas pelo esforço de alguns "navegadores e canoeiros" que sabem onde a mana vive. O relacionamento com o oceano ensinado pelo povo kanaka maoli merece atenção. Aos que desejam viajar pelo Pacífico em busca de alegria e descobertas, recomendo uma breve imersão na cultura das canoas; assim, será fácil entender de onde o surf surgiu e por que tem uma energia tão particular e especial.



As canoas em koa da classe ferro alinhadas para a partida em direção às bandeiras da raia de competição

Nesta capa, Mel Pu'u num drop em Makaha. Mel é um dos mais experientes técnicos de surfar. Este livro é o mais completo no mundo sobre canoas de surf e toda a sua cultura, abrangendo as técnicas e os mais avançados processos de construção. Você encontra em www.kanuculture.com Foto da capa: Joss, www.hawaiiphotosession.com



Ka'akakua, estratégia, experiente Nalu, surf, ondas... Pelo nome, já se calcula o que vai na mente da galera...

O encontro da cultura, esporte e estilo.



Roupas | Equipamentos | Acessórios | Lounge | E-commerce | www.gzero.com.br

Gzero STORE

Surf | Tow in | Kite | Wind | Snow | Wake

Loja 1 | Rua Camargo Cabral, 20 | Cidade Jardim | SP | 5511 3704-7600

Loja 2 | Rua da Padroeira, 37 | Ilha Bela | SP | 5512 3896-6743



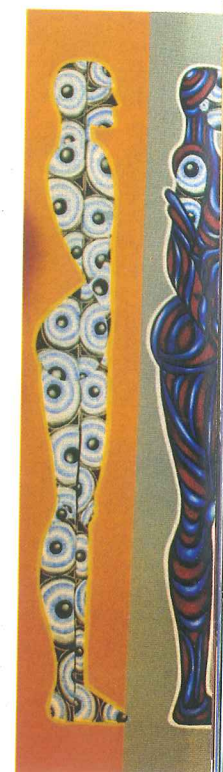
DIANA

PY



À PRIMEIRA VISTA ELA PARECE APENAS MAIS UMA BELA DOS PAMPAS, DE PELE CLARA, CABELOS LOIROS E SOTAQUE CANTADO, PORÉM AO CONHECER SEU UNIVERSO PERCEBE-SE QUE ELA É MAIS DO QUE UMA GURIA PRENDADA. ARTISTA PLÁSTICA, SKATISTA, SURFISTA E MODELO, DIANA PY JÁ TEM NOME DE PERSONALIDADE E FAZ QUESTÃO DE PARECER LONGE DOS PADRÕES DE UMA MENINA "NORMAL": NÃO FAZ FACULDADE, NÃO FREQUENTA ACADEMIA E TROCA QUALQUER BALADA POR UM DROP NOTURNO NAS QUATRO RODINHAS. PARA ENCONTRÁ-LA, BASTA VARAR AS MADRUGADAS NAS PRINCIPAIS LADEIRAS DE PORTO ALEGRE. SE VOCÊ TIVER SORTE, TALVEZ SEJA ULTRAPASSADO INESPERADAMENTE POR UM PAR DE ASINHAS BRANCAS, QUE DEIXA APENAS FAÍSCAS COM ENCANTOS ANTES DE DESAPARECER POR ENTRE OS CARROS.

TEXTO JULIANA MORAIS FOTOS ADO HENRICHS PRODUÇÃO MARCIO MACHADO

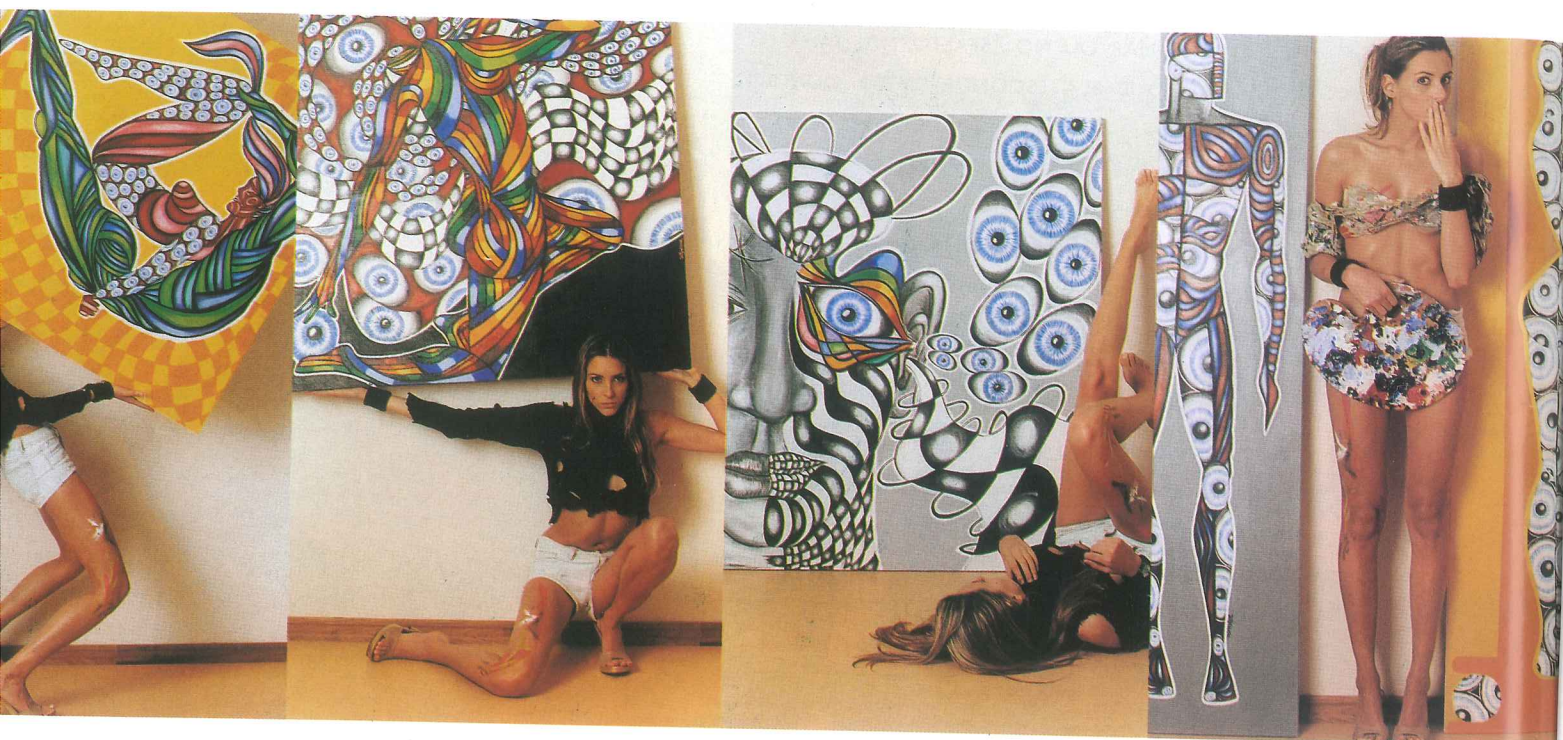




ALGUNS RECONHECEM DIANA POR SUA BELEZA EM CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS, OUTROS POR SUA DESTREZA NO LONGBOARD, SEJA NO MAR OU NO ASFALTO, MAS POUCOS SABEM DO TESOURO QUE ELA ESCONDE ENTRE QUATRO PAREDES: SEUS QUADROS. Extremamente criativa e obcecada pela arte, essa garota meio moleca impressiona por sua maturidade diante das telas.

Ao contrário da maioria das meninas da sua idade, ela não quer fama como modelo, quer expor suas idéias por meio da pintura, provar que estereótipos não servem de nada, e que tudo é possível quando temos imaginação. Com um lifestyle diferenciado, Diana faz questão de ressaltar suas prioridades: "A arte é minha brincadeira, o skate minha inspiração e a beleza meu cartão de visitas". Sem modéstia, Diana sabe que chama a atenção por seu rostinho bonito, e por isso quer instigar a todos: "Quero que as pessoas olhem para mim como mulher bonita, mas que se impressionem ainda mais com o que eu posso criar".

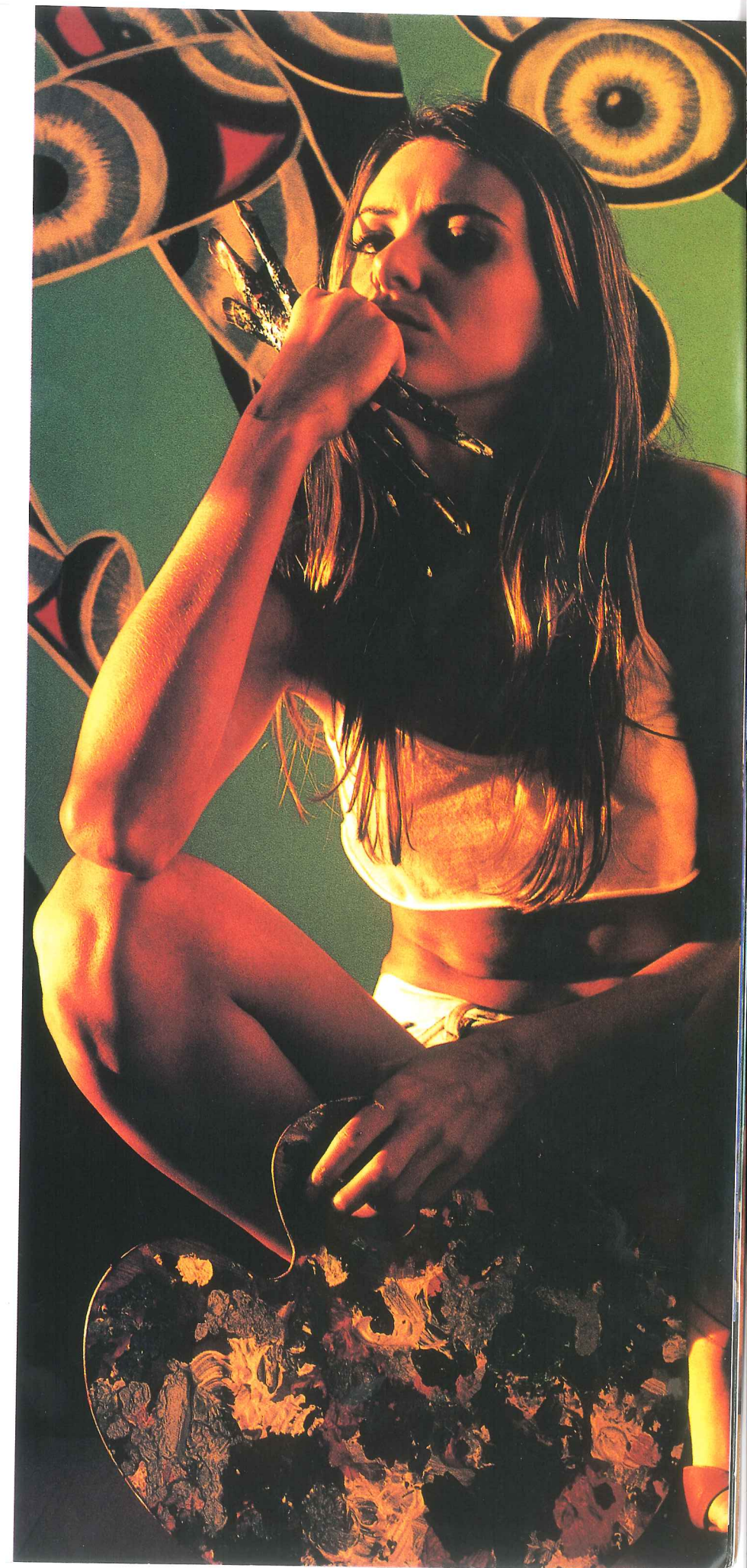




ARTE É A MINHA BRINCADEIRA, O SKATE MINHA INSPIRAÇÃO E A BELEZA MEU CARTÃO DE VISITAS.”

Mas se você está apaixonado pela Diana, é melhor mudar seu relógio biológico de vez ou começar a estudar a história da arte para não dar furo. A linda mulher que você está vendo nestas páginas é do tipo morcega: dorme durante o dia e divide suas noites entre inspiração e criação. Algumas descidas em alta velocidade a bordo de seu skate e um toque de adrenalina em plena madrugada são o combustível para levá-la correndo de volta a sua oficina de idéias, seu atelier. Enquanto todos dormem, ela cria, experimenta, se diverte e ainda registra tudo isso por uma câmera de vídeo. “O dia em que eu fizer minha primeira exposição quero colocar imagens minhas bem loucas do processo de criação todo. Acho que fica mais interessante para quem olha a obra”, fala a artista.

Mas todo esse talento na pintura não surgiu da noite para o dia. Diana Py Velloso, filha de um advogado e de uma historiadora, estudou arte desde pequena. Aos 6 anos de idade, entrou para um atelier que não ensinava somente técnicas, mas as inúmeras possibilidades do mundo das artes. “Cada criança fazia o que queria, e lembro que a minha professora Nere contava a história da vida de grandes artistas, como Monet, Van Gogh, Leonardo da Vinci e outros.” Diana, que é praticamente autodidata, sempre se sentiu atraída pela escultura, e dedicou grande parte de sua vida esculpindo corpos humanos em terracota e pedra. Porém, aos 15 anos, foi estudar em um colégio interno na Austrália que não oferecia o material que ela estava acostumada a utilizar. Sentindo-se um pouco sozinha e longe de suas esculturas, Diana começou a desenhar para passar o tempo, e percebeu que ali poderia estar mais uma fonte de criação. Depois de dois anos no exterior, voltou ao Brasil; porém, sem muitos amigos e distante dos hábitos australianos, a artista recolheu-se em casa. Até o dia em que se deparou com uma tela branca e conseguiu ver a nítida imagem de uma obra de sua imaginação. Sem hesitar, começou a pintar visceralmente pelas madrugadas a fio, quadro após quadro, não dedicando mais quase tempo algum para outras coisas. Durante praticamente um ano, Diana respirou sua pintura e se alimentou do skate, que a inspirava a realizar a próxima obra. Seu tema central é o olho humano, a visão, o olhar: “Creio que o olho seja a minha marca, quero que as pessoas olhem para os meus quadros e saibam que fui eu que fiz”, relata a versátil artista, que também estudou anatomia para entender cada detalhe do corpo humano.





Inspirada nas obras do artista holandês M.C. Escher e de Salvador Dalí, Diana não acredita que toda arte tenha uma explicação concreta, ou até mesmo um significado. E não é preciso ser crítico de arte para dizer que a gaúcha tem um talento nato para a coisa, é só olhar para seus quadros. Suas primeiras obras nunca foram mostradas a ninguém, ainda não têm preço e são dignas de uma bela exposição. Seu maior sonho é realizar seu primeiro vernissage no Brasil – e acreditamos que será muito em breve – e depois seguir para Nova York, onde pretende conhecer outros artistas, aprender novas técnicas e criar uma instalação aberta para a arte. Enquanto isso, ela segue impressionando por onde passa, com sua beleza, criatividade e velocidade nas quatro rodinhas. Aproveite, divirta-se e sonhe...

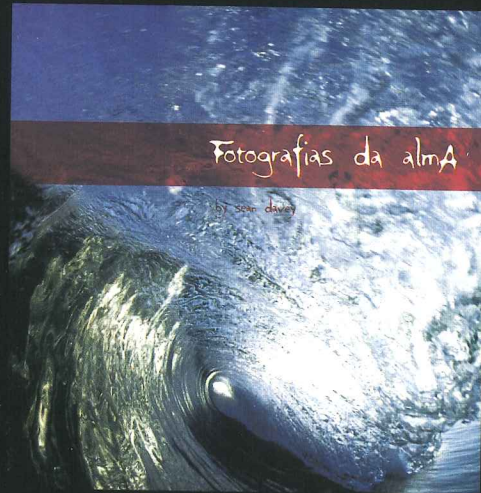


MAQUIAGEM LEANDRO CHIALASTRI
ASSISTENTE DE FOTOGRAFIA DANIEL MAINIERI
PRODUÇÃO DE MODA MARIANA PESCI

VOCÊ ENCONTRA O LIVRO

Fotografias da alma

by Sean Davey



Quantas vezes na vida você tentou descrever para alguém o feeling de deslizar sobre uma onda...de um final de tarde mágico...daquela surftrip sem um destino final?

Neste livro você vai encontrar as melhores fotografias de toda essa essência, entre o sol, a chuva, o avião, o barco, o ônibus, enfim, o destino!

NAS
AlmaSurf
shops



A PARTIR DE AGORA VOCÊ ENCONTRA A REVISTA ALMA SURF NAS MELHORES SURFSHOPS DO BRASIL. CONSULTE O ENDEREÇO MAIS PRÓXIMO DE VOCÊ NO SITE WWW.ALMASURF.COM.BR

THE SURF TRAVEL CO

"Nós sabemos onde e quando"

Mentawai 2004

A melhor frota no paraíso do surf.

Hawaii - Fly and Drive (1 semana)

entrada de U\$ 210,00

+ 5 X U\$ 145,00 (base duplo).

Canadá - Snowboard Whistler

U\$ 1510,00 aéreo + terrestre
(base duplo)

Austrália - inglês intensivo e surf

a partir de U\$ 1626,00
aéreo + 1 mês de curso.

Costa Rica - Fly and Drive

6 x U\$ 102,00 aéreo + 1 semana
de carro 4X4 (base triplo).

Bocas Del Toro - aéreo + terrestre

(9 noites) entrada U\$ 280,00
+ 6 x U\$ 110,00

Consulte também sobre:

Intercâmbio e Snowboard

Destinos como Peru, Nova Zelândia, Tahiti, Europa, Fiji, Samoa, El Salvador, África do Sul.

THE SURF TRAVEL CO

Preços calculados para baixa temporada com saída de São Paulo e sujeitos a alteração sem aviso prévio. Não incluem taxas de embarque.

Al. dos Jurupis, 452 cj.54 - Moema - São Paulo - SP - cep.04088-001

Tel/Fax: 55 11 5052-4181 - surftravel@surftravel.com.br www.surftravel.com.br

AIR CANADA



AEROMEXICO

A companhia aérea mais pontual do mundo.

"BILLABONG ODYSSEY"

UM FILME GRINGO COM TEMPERO BRASILEIRO

TEXTO JULIANA MORAIS

Quem ainda insiste em dizer que tow-in não é surf corre um grande risco de mudar de idéia logo na primeira cena do filme: o cenário é uma monstruosa onda em Jaws, o protagonista é Mike Parsons e a trilha sonora arrepiada os pêlos de qualquer um que esteja em frente à telona. Uma das imagens mais chocantes já registradas, que ilustra o mais alto nível do surf como esporte.

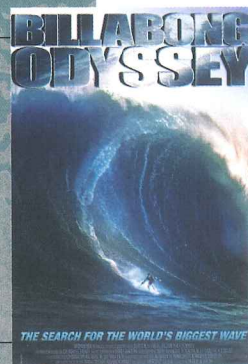
O *Billabong Odyssey* é um longa-metragem de surf tow-in que documenta três anos de uma expedição de big-riders pelos sete mares em busca das maiores ondas do planeta. Todos Santos (México), Cortes Bank (100 milhas adentro da costa americana), Maverick's (Califórnia), Jaws (Hawaii) e Teahupoo (Taiti) são alguns dos picos por onde a turma passa. Além de mostrar a evolução do surf nessas ondas gigantes, o filme traz flashbacks do esporte e depoimentos de protagonistas como Mike Parsons, o veterano Ken Bradshaw, Ken "Skindog" Collins, Brad Gerlach e Layne Beachley – única representante do surf feminino –, entre outros.

Filmado em 35 mm e dirigido por Philip Boston, o filme conta com uma grande equipe, envolvendo os melhores meteorologistas, salva-vidas e profissionais do mundo, como o instrutor de resgate Brian Keaulana, além dos melhores equipamentos tecnológicos.

Produzido pela empresa nova-iorquina Arenaplex LLC, o filme também tem sangue brasileiro. Além da produção executiva de Álvaro Otero, tem como produtores associados os brasileiros Rosaldo Cavalcanti e Jorge

Guimarães, dos Estúdios Mega. Esses realizadores da Tow-In World Cup são os responsáveis por grande parte do sucesso do *Billabong Odyssey*, já que cederam algumas das melhores e mais impressionantes imagens da história do surf. "Tínhamos um material de 11 horas captado no campeonato. A Billabong queria comprar nossas imagens da Tow-In World Cup, mas acabamos chegando a um acordo, pois também queremos em breve fazer o nosso filme", fala Rosaldo. Nessa parte do longa se destacam os big-riders Carlos Burle e Eraldo Gueiros, que mostram o "go for it" brasuca nas montanhas havaianas. As ondas de Rodrigo Resende e Garrett McNamara não foram filmadas, porém é deles a merecida cena levantando o troféu da conquista do campeonato. "As pessoas criaram uma polêmica em torno disso, mas o que acontece é que a qualidade do filme nas ondas deles não é tão boa quanto a do Burle e do Eraldo", esclarece o produtor, que já prepara a próxima edição do maior campeonato de ondas grandes do planeta.

Entre os melhores momentos desse documentário estão as imagens aéreas dos 60 pés em Jaws, a beleza e a fúria de Teahupoo, a sobriedade de Maverick's, a lembrança do mito Mark Foo e o espírito surf dos gringos. Apesar de bem produzido, o roteiro não-ficcional não traz surpresas e deixa claro que o Brasil não fica atrás em termos de produção cinematográfica. Criatividade temos de sobra; o que falta, todo mundo já sabe: investimentos. Mas quem sabe alguma grande empresa de celular ou de cerveja não começa a ver no surf e no cinema nacional uma nova fatia de consumidores? Enquanto isso não acontece, a gente compra a pipoca e espera para prestigiar o crédito da turma verde-amarela do filme. Lançado em dezembro nos Estados Unidos, o *Billabong Odyssey* não chega ao Brasil antes de abril.



THE BILLABONG ODYSSEY

LONGA-METRAGEM SOBRE UMA EXPEDIÇÃO DE BIG RIDERS EM BUSCA DAS MAIORES ONDAS DO PLANETA

DIREÇÃO PHILIP BOSTON

PRODUÇÃO ARENAPLEX E ESTÚDIOS MEGA

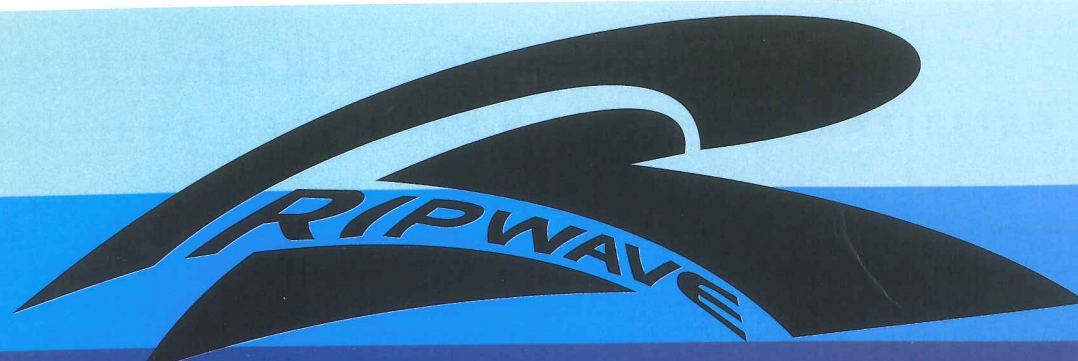
EM CARTAZ 1º SEMESTRE DE 2004 NO BRASIL

Um estilo
clássico de ser
surfista.

48 226-7494

www.lauloaclassic.com.br





WWW.RIPWAVE.COM.BR



WWW.RIPWAVE.COM.BR

Surfboards- XXX-13-3225-5634
Confecções - XXX-13-3224-7985

age.



海老寿司

São Paulo - Shopping Iguatemi
Delivery - Tel.: (11) 3032-0404

JAPENGO
STERA
O JAPONÊS DE CARA NOVA.

Alma iluminada

POR TAIU BUENO

DURANTE A NOSSA VIDA SOMOS LIVRES PARA VIVER E ESCREVER A NOSSA HISTÓRIA. CADA UM AGE DE SUA PRÓPRIA MANEIRA, POIS SOMOS ÚNICOS E DIFERENTES. ALGUMAS PESSOAS SE IMPORTAM COM OS OUTROS E COM AS COISAS CERTAS, TÊM EDUCAÇÃO E SENSIBILIDADE PARA FAZER A DIFERENÇA COMO SER HUMANO, INDEPENDENTEMENTE DO SEU VALOR COMO PROFISSIONAL. Vou tentar explicar essa idéia classificando as almas encarnadas em níveis A, B, C e D. As do nível D são muito baixas, têm muito que evoluir. São as almas do mundo da inveja, do recalque, da infelicidade, da frustração, e muitas vezes carregam a culpa de crimes bárbaros. O nível C é um pouco melhor, tornando a pessoa infeliz satisfeita raras vezes, mas por feitos e ganhos idiotas e muitas vezes desonestos. No nível B estão as pessoas honestas, direitas e muitas vezes gente-fina, porém sempre pré-dispostas a passar a perna em alguém que lhe dá a mão, caso surja uma oportunidade. Essas com certeza irão vacilar numa situação difícil. As pessoas de nível espiritual A são aquelas que fazem tudo de bom sem você pedir, não atrapalham ninguém, iluminam os outros com a sua simples presença e entendem qualquer atitude ruim de alguém, aceitando tudo sem julgamento. Porém, são raras essas almas. Se algum ferido precisar de ajuda em uma situação difícil, com certeza essa pessoa de nível espiritual A já fez o que era preciso muito antes de alguém solicitar.

Numa situação de guerra ou de "survival", onde o clima está pesado, é que avaliamos quem é quem. Seja numa batalha real no Iraque, com bombas e armadilhas, ou na praia da Silveira, em Garopaba, com uma multidão de gente transitando, chovendo e fazendo frio com vento. Eu estava lá, a bordo da minha cadeira Amphibio 4x4, que encara qualquer off-road, com a minha equipe treinada casca-grossa. Já sou um tipo survival há 12 anos, mas encaro a minha situação como um ferido de guerra, sempre pronto para a próxima batalha.

Além de observar as baterias do WCT, mesmo sem querer, acabei avaliando as pessoas ao meu redor e as suas atitudes. A comparação das atitudes foi inevitável, e o melhor que faço é não julgar nem definir ninguém pelo que vi.

No WCT Nova Schin, a estrela maior que brilhou foi a do Kelly Slater, não só por sua vitória, mas por seu carisma. Ele foi assediado por uma multidão jamais vista num espetáculo de surf e tratado como um rock star, mas vou contar qual foi a sua maior atitude.

Primeiramente, o modo como ele surfou, e como ele eleva o nível do esporte ao de uma performance. Isso já o torna um ser especial, como atleta. Depois, suas ondas highscores surfadas na praia da Vila, em Imbituba, e o efeito que isso gerou na multidão da praia e da pedra, gritando... Sem falar do palanque e da organização, que também balançaram. Quem estava lá viu... Eu, na locução, pirei. Até mesmo o governador do estado de Santa Catarina ficou impressionado ao ver a onda nota 10 surfada pelo campeão. E, logo após, o assédio "perigoso" pelo qual ele passou na areia, em seu caminho ao palanque, escoltado por seis seguranças. Isso é tudo... mas é pouco para uma pessoa daquele nível espiritual.

Eu estava naquela situação, na Silveira, passando frio e chuva na tenda dos competidores, logo atrás de todos os gringos, sentados em banquinhos. Volta e meia alguns se levantavam, ficavam na minha frente e me ignoravam. Pedi licença várias vezes, e me cansei. Desencanei e deixei aquele tumulto incontrolável rolar até dar uma calma natural, e liberar minha visão por alguns minutos. De repente, chegou na área o Slater, que, percebendo a minha situação, pediu licença a cada um para que eu tivesse espaço para enxergar as baterias. Não preciso falar mais nada. Parece pouco, mas certas atitudes mínimas e justas é que fazem a diferença entre os níveis espirituais em que vivemos. A impressão que ele me deixou vai muito além das suas fantásticas manobras...

Aloha,

Taiu



REEF



STCOMP

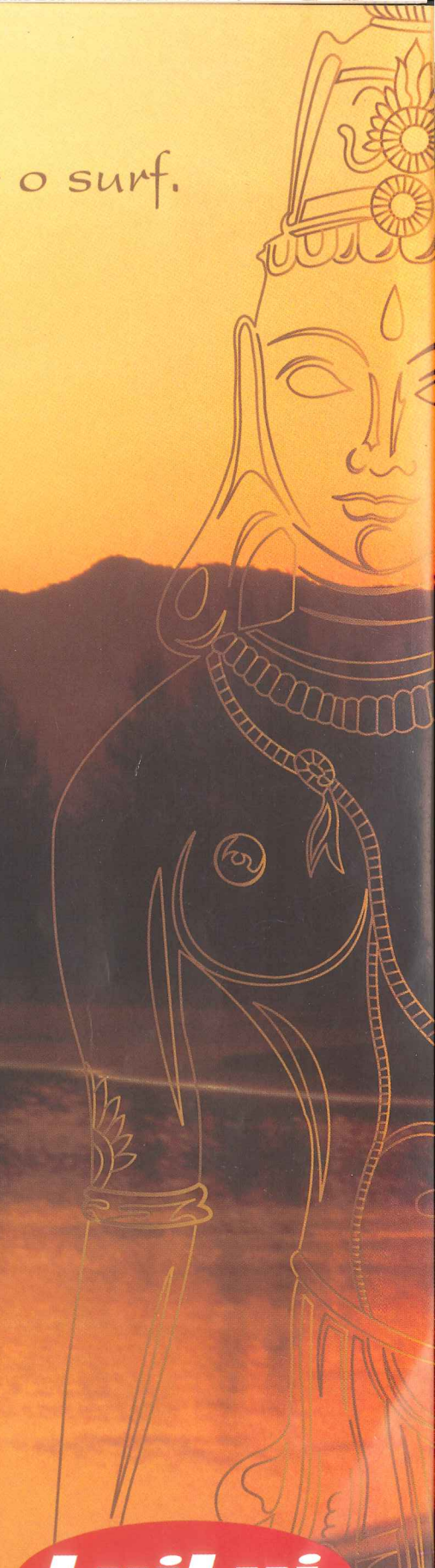
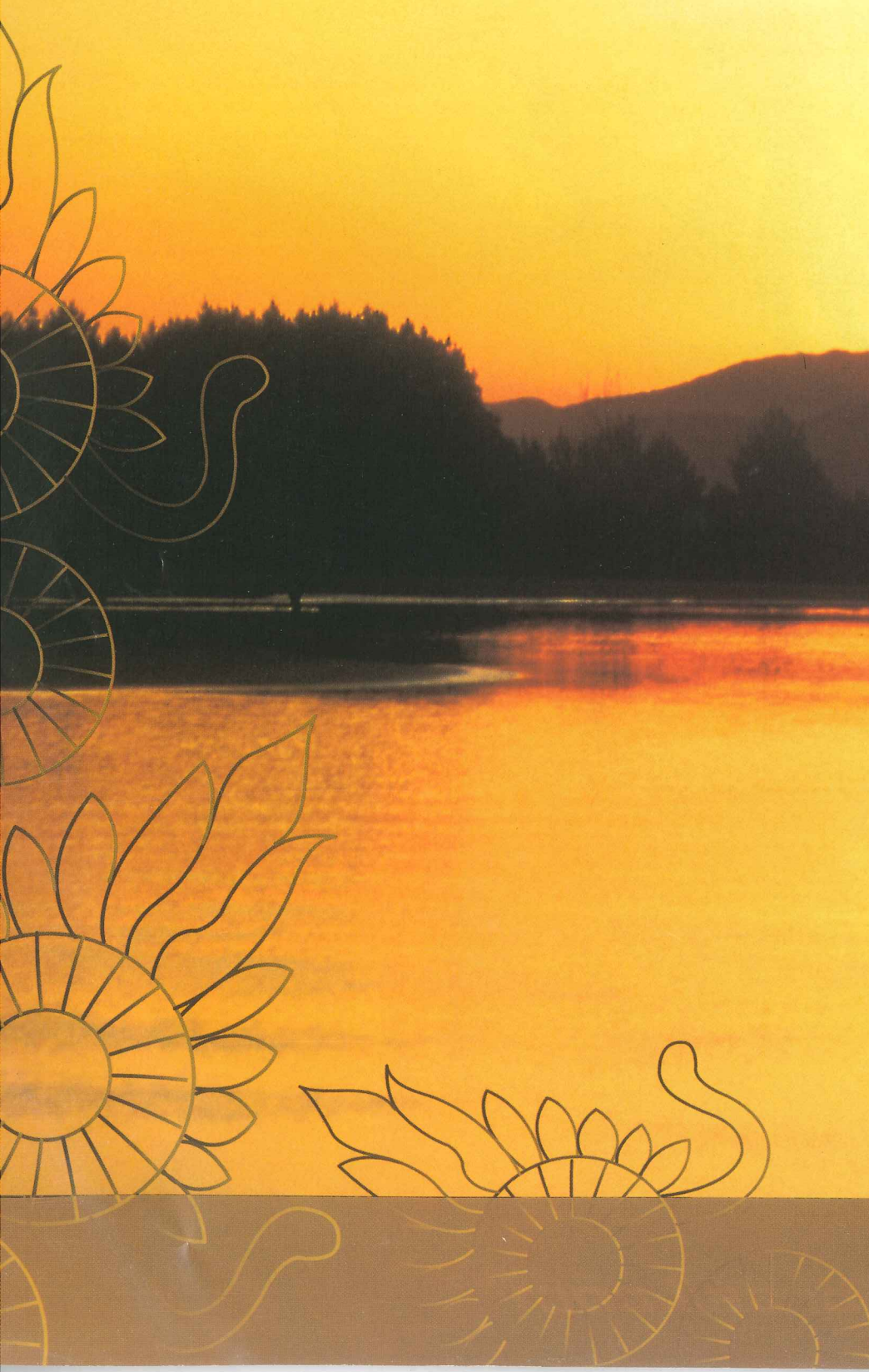
 **Litoral Brasil**
Fit you better!!!



www.litoralbrasil.com

Sentindo o hoje e imaginando o amanhã, perfeito

e mágico, um sonho eterno de viver o surf.





GOLDEN SPIRIT
SUMMER COLLECTION 2004



Osklen